

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Vítor Bara Lopes**

**VÔLEI UFJF X TUPI:**

a Tribuna de Minas noticia o esporte de alto rendimento em Juiz de Fora

**Juiz de Fora  
Junho de 2015**

**Vítor Bara Lopes**

**VÔLEI UFJF X TUPI:**

a Tribuna de Minas noticia o esporte de alto rendimento em Juiz de Fora

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF)

Juiz de Fora  
Junho de 2015

Vítor Bara Lopes

Vôlei UFJF x Tupi:

A Tribuna de Minas noticia o esporte de alto rendimento em Juiz de Fora

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (FACOM/UFJF) - orientador

---

Prof. Dr. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (FACOM/UFJF) - convidado

---

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (FACOM/UFJF) – convidado

Juiz de Fora, 29 de junho de 2015.

À minha mãe, Ellen. “Eu te amo até a Lua... ida e volta!”

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, que trabalharam duro e dedicaram muitos dos seus anos à formação do meu caráter e ao meu futuro profissional.

A Deus, por ter me colocado nos braços dos dois.

À Isabella, pelo amor, pela companhia, pelo apoio emocional e por ter me aguentado enquanto me faltavam paciência, tempo, leveza e atenção.

À Gilze, sem a qual este trabalho não seria o mesmo. Isso é que é madrinha! (E colega, chefe, amiga, tia, professora de vôlei...).

Ao professor Márcio Guerra, pelo carinho que sempre teve comigo, pelas lições e por ter topado embarcar nesta aventura.

Ao Maurício e ao Vôlei UFJF, por terem confiado tamanha responsabilidade a um graduando e pela oportunidade ímpar de experiência profissional.

Ao Wendell Guiducci, à Marise Baesso e ao Guilherme Arêas, da Tribuna de Minas, pela total solicitude.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a cobertura da Tribuna de Minas sobre os dois principais projetos esportivos juiz-foranos de alto rendimento: o futebol do Tupi e o Vôlei UFJF. Tem como material empírico 24 edições do jornal, de fevereiro e março de 2015, e busca compreender a atenção dada às duas equipes. Traça histórico do jornalismo esportivo no Brasil e relaciona sua evolução à consolidação do futebol como paixão nacional. Conceitua as teorias da notícia e aborda conceitos de noticiabilidade, destacando alguns valores-notícia. Fala sobre a evolução do Vôlei UFJF, explicando seus principais pilares: ensino, pesquisa e extensão. Expõe explicações sistêmicas do editor de Esportes da Tribuna, Wendell Guiducci. Busca compreender tendências de público e preferências do leitor da Tribuna. No período analisado, 16255cm<sup>2</sup> do jornal foram dedicados ao Tupi, e 4478cm<sup>2</sup> ao Vôlei UFJF.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Valores-notícia. Vôlei UFJF. Tupi. Tribuna de Minas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logotipo do Projeto Vôlei UFJF.....	39
Figura 2 – Vitória do Vôlei UFJF sobre o Bolívar Voley foi capa de jornal argentino .....	41
Figura 3 – Visita à Escola Municipal Doutor Dilermando Martins em 04/12/2014 .....	41
Figura 4 – Promoção divulgada no Facebook antes do último jogo da temporada 2014/15 ..	43
Figura 5 – Destaque para UFJF x São Bernardo no dia 28/02 .....	50
Figura 6 – Destaque para Tupi x Cruzeiro no dia 28/02 .....	51
Figura 7 – Tribuna estampou duas vezes a tabela de classificação da Superliga 2014/15.....	54
Figura 8 – Classificação do Campeonato Mineiro saiu 13 vezes no jornal .....	55
Figura 9 – Página de esportes da edição de 5 de fevereiro da Tribuna de Minas .....	56
Figura 10 – Matéria sobre Vôlei UFJF x Ziober Maringá, no dia 21 de fevereiro .....	57
Figura 11 – Matéria do site Espaço do Vôlei teve angulação diferente .....	58
Figura 12 – Matéria sobre Tupi x Cruzeiro no dia 01 de março .....	59
Gráfico 1 – Evoluções de classificação, vitórias e pontos em Superligas .....	40
Gráfico 2 – Área ocupada diariamente por Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas .....	45
Gráfico 3 – Matérias de divulgação de jogos de Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas ...	48
Gráfico 4 – Exposição de depoimentos de fontes nas matérias sobre Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas .....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 JORNALISMO ESPORTIVO, FUTEBOL E BRASIL .....</b>	<b>12</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO NO BRASIL.....	14
2.2 PAIXÃO NACIONAL .....	21
<b>3 NOTICIABILIDADE .....</b>	<b>25</b>
3.1 TEORIAS DA NOTÍCIA .....	26
3.1.1 Teoria do espelho .....	26
3.1.2 Teoria da ação pessoal ou do <i>gatekeeper</i> .....	27
3.1.3 Teoria organizacional.....	27
3.1.4 Teorias de ação política.....	28
3.1.5 Teoria estruturalista.....	28
3.1.6 Teoria etnoconstrucionista.....	30
3.2 VALORES-NOTÍCIA .....	32
3.2.1 Proximidade .....	33
3.2.2 Atualidade .....	34
3.2.3 Identificação pessoal.....	34
3.2.4 Intensidade .....	35
3.2.5 Ineditismo .....	36
3.2.6 Identificação humana .....	36
<b>4 VÔLEI UFJF .....</b>	<b>38</b>
<b>5 VÔLEI UFJF X TUPI NA TRIBUNA DE MINAS .....</b>	<b>44</b>
5.1 PRIORIDADE CARIJÓ.....	45
5.2 A COBERTURA .....	47
5.3 A SUPERLIGA .....	54
5.3.1 Vitória contra Taubaté.....	56
5.3.2 A vitória ou o abismo.....	57
5.3.3 Repercussão?.....	58



<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O primeiro questionamento que ouvi ao assumir meu estágio na assessoria de imprensa do Vôlei UFJF, por parte da comissão técnica e de outros profissionais envolvidos no dia-a-dia da equipe, foi: “Nossa! A Tribuna não dá nada daqui! Por que será? Tem coisa aí! ”. A dúvida era unânime, pairando também na cabeça dos mais fiéis torcedores que iam ao ginásio da Faculdade de Educação Física da UFJF assistir aos jogos e vibrar com os pontos marcados pela equipe da casa. Era inevitável a comparação com o Tupi, especialmente nos meses de vácuo que perduraram desde a queda Carijó ante o Paysandu nas quartas de final da Série C, no dia 25 de outubro de 2014, até meados do Campeonato Mineiro do ano seguinte. Coincidentemente, naquele mesmo dia, a UFJF entrava em quadra para enfrentar o Minas Tênis Clube na estreia da Superliga, em Belo Horizonte. Ficava a impressão de que a prioridade do caderno de esportes do maior jornal de Juiz de Fora não era a cobertura da equipe. O que era estranho, pois já começara a disputa do principal campeonato de voleibol do país, enquanto havia um *gap* no calendário do Tupi.

Meses se passaram e nossa percepção se apurou. Com o início do ano de 2015 para o futebol, era raro conseguirmos algum espaço nas páginas do periódico. Aquilo nos intrigava cada vez mais, pois produzíamos releases frequentemente, com assuntos que julgávamos promissores para matérias ou reportagens. Mantínhamos também uma boa relação com os jornalistas da Tribuna, como com todos os profissionais da imprensa juiz-forana que estavam presentes em nosso cotidiano.

Duas edições específicas, porém, formaram o estopim para que a ideia deste trabalho de conclusão de curso surgisse.

Em 21 de fevereiro, a Tribuna publicou matéria sobre o duelo do Vôlei UFJF contra o Ziober Maringá, decisivo nas pretensões de classificação à próxima fase da competição. Até aí, ótimo! O problema foi o título: “A vitória ou o abismo”. Mesmo perdendo aquela partida, a equipe continuaria com chances reais de alcançar o objetivo – o que descaracteriza “abismo”, palavra que tem sentido figurado próximo a “situação insustentável”. E mesmo que a classificação não se concretizasse, estar entre os primeiros times de voleibol do país não seria “o abismo”.

O segundo caso foi ainda mais estranho. Aproximava-se a última partida da primeira fase da Superliga, no dia 28 de fevereiro, contra o lanterna e já rebaixado São Bernardo. Mesmo dia de Tupi x Cruzeiro, também em Juiz de Fora. A assessoria de imprensa trabalhou durante toda a semana antecedente focando a mobilização do torcedor; e os

ingressos para assistir àquele confronto, que poderia marcar a primeira classificação do Vôlei UFJF à fase de *playoffs*, se esgotaram, pela primeira e única vez na temporada. A partida foi vencida por 3x0, mas uma combinação de resultados – que não ocorreu – era necessária para que se obtivesse o êxito. Ainda assim, a pontuação alcançada na Superliga 2014/15 foi a maior da história do Projeto, até o momento. O placar de 3x0 se repetiu no Estádio Municipal, mas foi o time misto do Cruzeiro quem saiu com os três pontos. No jornal do dia seguinte, repercussão zero para o vôlei, e matéria detalhada sobre o jogo do Tupi.

Nosso estudo consiste exatamente nesse dilema. Escolhemos a segunda edição da Tribuna de Minas que citamos, de primeiro de março de 2015, e decidimos explorar, além dela, todo o mês de publicações que a antecedeu. Fazemos aqui uma análise da cobertura do jornal sobre as duas equipes, que enxergamos como os principais representantes do esporte de alto rendimento juiz-forano.

Além de verificar se nossas impressões iniciais se confirmam e as diferenças consideráveis na cobertura e no tratamento destinados a cada time realmente existem, procuramos também entender as motivações disso. Por fim, miramos a aplicação do conhecimento adquirido com esta pesquisa em nossas funções diárias e nas relações interpessoais e entre empresas que integram nosso trabalho.

Para cumprirmos nossos objetivos, analisamos as 24 edições da Tribuna de Minas publicadas entre os dias primeiro de fevereiro e primeiro de março, quantificando as matérias destinadas às duas equipes, o espaço ocupado por cada uma delas e aspectos técnicos das notícias, como número de fontes entrevistadas, presença ou não de fotos e temas mais e menos abordados. Também estudamos as capas do jornal, verificando as manchetes ou chamadas geradas por Tupi e UFJF. Para complementar nosso material empírico, entrevistamos o editor de Esportes da Tribuna, Wendell Guiducci; o idealizador e diretor técnico do Projeto Vôlei UFJF, Maurício Bara; e a assessora de imprensa do projeto, Gilze Bara. Na fundamentação teórica, baseamo-nos em livros, trabalhos acadêmicos e outras espécies de publicações que tratam de assuntos como a prática do jornalismo esportivo e seu histórico em nosso país, o futebol como paixão nacional e formador da identidade cultural brasileira, teorias da notícia e critérios de noticiabilidade.

Começamos citando os fundamentos da profissão de jornalista e relacionando-os ao jornalismo esportivo, do qual fazemos um panorama histórico no Brasil. Esperamos, assim, que suas raízes possam ser entendidas e relacionadas ao estabelecimento do futebol como paixão de nosso povo. Essa relação íntima do brasileiro com a modalidade é o assunto seguinte, que apresentamos recorrendo a ideias de diferentes pesquisadores da área. Em

seguida, partimos para o campo da noticiabilidade, buscando entender o que constitui ou não notícia e quais critérios são responsáveis pela transformação de um evento em uma matéria de jornal. Explicamos, logo após, o Projeto Vôlei UFJF, sua história e seus três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Na mesma seção, os procedimentos utilizados para fazer a comunicação institucional também são descritos. Finalmente, chegamos ao nosso estudo de caso, quando, com base em nossa fundamentação teórica, fazemos a análise dos jornais, associando-a às respostas dos profissionais citados aos questionários aplicados.

## 2 JORNALISMO ESPORTIVO, FUTEBOL E BRASIL

Para Barbeiro e Rangel (2013), não existe outra área do jornalismo na qual informação e entretenimento estejam tão intimamente ligados quanto no jornalismo esportivo. Por presenciarem frequentemente o espetáculo e estarem próximo das estrelas, criando até mesmo, por vezes, laços de amizade com estas, alguns “coroados” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p.13) ultrapassam os limites da profissão e se envolvem com um outro lado do esporte, deixando de cumprir suas funções jornalísticas. A proximidade entre as duas áreas cria confusão, sobretudo para o público. Um dos principais combustíveis para a ocasional falta de limites entre as duas áreas é o fato de o profissional não saber dosar a emoção. A paixão pelo esporte é um traço geralmente bem visto quando se analisa candidatos para a editoria de esportes. Não é possível fazer uma transmissão esportiva dissociada da emoção. Porém, por vezes, “o público quer que o jornalista informe pura e simplesmente. O jornalista esportivo não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 46).

Em toda editoria, existe um perfil preferencial do profissional, com seu próprio conjunto de peculiaridades. Segundo Unzelte (2009), no caso do jornalismo esportivo, um dos traços mais valorizados é o gosto pelo esporte; o que “não é, por si, garantia de sucesso na profissão” (UNZELTE, 2009, p. 8). O apaixonado leva vantagem, principalmente, pela familiaridade com o esporte e a carga extra de informações adquiridas durante a vida. O crucial, entretanto, é “gostar da atividade jornalística em si, [...] de buscar a informação, de escrever [...] Bons jornalistas podem se transformar em bons jornalistas esportivos, porém maus jornalistas serão sempre maus jornalistas [...]” (UNZELTE, 2009, p. 7).

Todo aspirante a trabalhar com a cobertura esportiva, “antes de tudo, deve primeiro se preocupar em ser um bom jornalista [...]” (UNZELTE, 2009, p. 8). Para Unzelte (2009), um problema contemporâneo nas redações é que os candidatos a repórter estão cada vez menos numerosos, enquanto o número de comentaristas disputando uma vaga só aumenta. Porém, a função primordial do jornalismo é informar, não opinar (UNZELTE, 2009, p. 8). Às habilidades técnicas do jornalista, deve-se, portanto, dar a mesma importância dada nas outras editorias.

Para ser bom jornalista esportivo, não basta saber as escalações de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, ‘entender’, enfim, de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade. (UNZELTE, 2009, p. 9)

Segundo Barbeiro e Rangel (2013), o jornalismo – não só o esportivo – carece da emoção. Entretanto, o fundamental é sempre a busca pela imparcialidade, pela neutralidade no assunto e, conseqüentemente, um compromisso com a verdade. Para os autores, “jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. [...] A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 13). Para distanciar o jornalismo esportivo do entretenimento, os autores exigem uma postura diferente da que boa parte da mídia esportiva adota. O jornalista deve ter pautas e cumpri-las, algo habitual em outras editorias e que não é seguido com frequência quando se diz respeito ao esporte. Outro fundamento do jornalismo apontado pelos autores é o da relevância e do interesse público. Com objetividade e rigidez, “o jornalismo deve fiscalizar rigidamente todas as autoridades esportivas e publicar o que considerar de interesse público, agrade ou não às fontes e aos protagonistas” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 116).

Bahia (1990), aponta o jornalismo esportivo como a área da comunicação que tem mais implicações políticas, econômicas e sociais, justamente por trabalhar com a emoção e a paixão do público e, conseqüentemente, ter-se maior facilidade em mobilizar as pessoas. Segundo o autor, a cultura de massa esportiva é a forma de maior expressão da informação direcionada a um público específico, pois “nenhuma especialização – nem mesmo a religiosa – tem mais espaço e tempo nos veículos do que a esportiva” (BAHIA, 1990, p. 224).

Em se tratando do fator econômico, por exemplo, a relevância do esporte e de seu mercado, nas últimas décadas, vem crescendo exponencialmente (MELO NETO, 2013). Desenvolvimento das indústrias de materiais e de prestação de serviços esportivos, multiplicação do número de marcas e de megaeventos, maiores investimentos em pesquisas tecnológicas voltadas para a área e aumento no número de empresas interessadas em investir são alguns dos indicadores que sustentam essa visão. O autor cita, também, o desenvolvimento da mídia esportiva e a visão do esporte como conteúdo (MELO NETO, 2013, p. 24 e 26). Melo Neto pontua que “a mídia se vale dos resultados dos jogos e das competições, e também do desempenho das equipes e atletas e dos eventos esportivos para vender seus conteúdos, obter audiência e desenvolver seus mercados” (MELO NETO, 2013, p. 26).

Nas próximas subseções, acompanharemos algumas das implicações sociais e políticas do esporte no Brasil, enquanto traçamos um breve histórico do jornalismo esportivo no país e analisamos o futebol como preferência nacional.

## 2.1 BREVE HISTÓRICO NO BRASIL

O início do jornalismo esportivo brasileiro ocorreu em 1856, com *O Atleta*, que trazia dicas de preparo físico aos habitantes do Rio de Janeiro (BAHIA, 1990). Alguns anos mais tarde, em 1885, *O Sport* e *O Sportsman* circularam, seguidos, em 1891, pela *Platea Sportiva*, suplemento de *A Platea*. Próximo à virada do século, em 1898, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva*. Entretanto, “em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo” (RIBEIRO, 2007, p. 27).

O desenvolvimento da imprensa esportiva no Brasil se relaciona diretamente com a chegada e o crescimento do futebol no país. O britânico Charles Miller, que havia estudado e jogado o esporte por dez anos na Inglaterra, chegou a São Paulo determinado em continuar a praticá-lo (RIBEIRO, 2007, p. 19). Em 1900, Miller conheceria Mário Cardim, que se tornaria o primeiro repórter esportivo de nossa história e “principal figura da imprensa esportiva brasileira” (RIBEIRO, 2007, p. 20) nas duas primeiras décadas do século XX. Cardim, que era jornalista do paulista *O Estado de São Paulo*, Miller e amigos foram os idealizadores da primeira Liga do Futebol Paulista e buscavam adeptos. Porém, economicamente, a cidade crescia muito, e os jornais tinham outras prioridades. “Mas fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grave erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época.” (RIBEIRO, 2007, p. 23)

O futebol era vítima. Por preconceito ou mera dificuldade em falar de um assunto com o qual não estavam habituados, os repórteres ainda tinham certa resistência a escrever a respeito do esporte, já presente no dia-a-dia das redações. Crescia no Brasil e “ficava cada vez mais complicado para os grandes jornais evitar a divulgação de notícias” (RIBEIRO, 2007, p. 29).

Em 1902, Cardim conseguiu emplacar n’*O Estado de São Paulo* matéria sobre amistoso entre as seleções paulistana e do Rio de Janeiro. Jornais do Rio, capital da recém-instalada República, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, também repercutiram o jogo. “A partir desse momento, o futebol virou notícia importante nas páginas dos principais jornais, pelo menos em São Paulo” (RIBEIRO, 2007, p. 25). As primeiras publicações na imprensa, entretanto, estampavam visão elitista sobre o esporte.

O que os jornais também não conseguiram mais esconder era a distinção que o futebol fazia entre ricos e pobres. Em registros fotográficos e artigos escritos na época, pode-se notar a diferença entre a elegância do público das arquibancadas e a ‘gente pobre’ amontoada pelos morros e telhados que cercavam o estádio do Fluminense. Esse cenário discriminador não era assunto importante para os diversos repórteres escalados para a cobertura dos jogos, pois em seus artigos mostravam indiferença pelo tema, parecendo concordar com a separação dos públicos em ricos e pobres. (RIBEIRO, 2007, p. 32)

O futebol crescia e conquistava seguidores. Um dos assuntos mais noticiadas nas edições diárias dos principais jornais brasileiros, ele passou a ser lucrativo e virou assunto obrigatório até mesmo no Carnaval (RIBEIRO, 2007, p. 35). Na década de 1910, os primeiros jornais e revistas exclusivos começavam a ser lançados, e o esporte já ganhava a primeira página da *Gazeta de Notícias* (RIBEIRO, 2007, p. 36). O *Imparcial*, de Macedo Soares, dedicava um considerável espaço a fotos dos jogos. Havia polêmica crescente sobre a profissionalização de atletas e de profissionais de imprensa. “Só em 1922 é que os grandes abrem sua primeira página às fotos de 4 e 5 colunas com lances de futebol sem deixar de atacar o profissionalismo que ameaça o amadorismo.” (BAHIA, 1990, p. 152)

Neste ano, “um veículo poderoso, que em breve seria responsável por uma autêntica revolução na divulgação do futebol brasileiro” (RIBEIRO, 2007, p. 59), começou a dar os primeiros passos. Era o rádio. A primeira transmissão, feita por Leopoldo Santana, foi direcionada aos ouvintes da Confeitaria Mimi, no centro de São Paulo, e continha boletins que os atualizavam sobre uma partida disputada naquele dia: Brasil x Argentina, pelo Campeonato Sul-Americano. Em 1923, surgiam as primeiras rádios: a Rádio Sociedade e a Rádio Clube do Brasil, no Rio, e a Rádio Educadora Paulista, em São Paulo. Mais emissoras se espalhavam pelo país, contudo, ainda sem espaço expressivo para o esporte na programação; o que não duraria.

Com o sucesso do futebol em todos os gramados, o torcedor começava a ter pressa para receber notícias sobre o andamento dos jogos, ainda mais em dia de decisão. Naquela época, para saber o resultado das partidas, só indo diretamente ao local onde se realizavam os jogos, ou no dia seguinte nas páginas de jornais (RIBEIRO, 2007, p. 62)

Destacaram-se, em 1924, nesse contexto de surgimento do rádio, duas das figuras mais importantes para o jornalismo brasileiro: o empresário Assis Chateaubriand, proprietário de diversos jornais, entre eles o carioca *O Jornal*, e Roberto Marinho, de 21 anos, que herdara de seu pai Irineu o jornal *O Globo* (RIBEIRO, 2007, p. 63). Pouco mais tarde, em 1928, também começaria a despontar, na editoria de esportes do *A Manhã*, jornal de seu pai, o



jornalista Mário Filho. Ele foi um dos principais responsáveis pela popularização do futebol no Brasil, adotando, por exemplo, linguagem coloquial e substituindo fotos de jogadores perfilados e engravatados por imagens dos mesmos em ação durante as partidas. Em 1931 surgiu o *Jornal dos Sports*, primeiro jornal diário de esporte do Brasil, que existiu até 2007 (Ribeiro, 2007, p. 73). Um dos primeiros contratados foi justamente Mário Filho, que frequentava os treinamentos, descrevia dramaticamente situações corriqueiras e conseguia aproximar o torcedor dos bastidores do futebol. O futebol brasileiro estava se profissionalizando, e Mário foi um dos responsáveis por fazer a imprensa esportiva seguir o mesmo caminho. Mas acabou deixando o cargo, alguns meses depois, para fundar o *Mundo Sportivo*, seu próprio jornal, que não durou muito. O jornalista recebeu, então, de seu amigo Roberto Marinho, um convite para a editoria de esportes d' *O Globo*.

Em suas mãos, o jornalismo esportivo ganharia novas dimensões. Na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosas. O prestígio do cargo ocupado em *O Globo* permitia contato direto com fontes preciosas, principalmente dos dirigentes esportivos. (RIBEIRO, 2007, p. 75)

O rádio seguia evoluindo. Os donos das estações enxergavam o potencial do futebol e resolviam investir no esporte. Ocorreu em 1931 a primeira transmissão de uma partida, pela Rádio Educadora. Dirigentes do futebol chegaram a proibir as transmissões, em 1934, por tirarem o público dos estádios e causarem prejuízos financeiros. Logo depois, a solução: a venda da exclusividade dos direitos de transmissões. Pela necessidade de se manter bem informado, o brasileiro comprava cada vez mais aparelhos radiofônicos (RIBEIRO, 2007, p. 92).

Márcio Guerra (2012, p. 28) aponta o novo veículo como grande instrumento de integração nacional, auxiliado pelo futebol. O rádio, que tem a imaginação do ouvinte como uma de suas principais ferramentas, combinou com o jogo. O casamento prosperava e dava fruto: o futebol se massificava no Brasil. A narração, com as peculiaridades do meio, era a grande responsável.

É justamente em cima deste clima de emoção, de tensão, de paixão, que a narrativa radiofônica se apropria e retém o ouvinte. Na fala do narrador está a garantia de que o espetáculo é bom e que tudo pode acontecer. O rádio trabalha com o imaginário e o locutor será melhor e mais prestigiado à medida que for capaz de transmitir, e mais, inventar o jogo. (GUERRA, 2012, p. 42)

Segundo André Ribeiro (2007), a primeira Copa do Mundo da França, em 1938, impulsionou grande transformação da imprensa esportiva brasileira. Não se falava de outra coisa nas ruas das grandes cidades do país e um sentimento ufanista tomava conta da população. Jornais e rádios investiram na cobertura do megaevento. Surgia a *Sport Ilustrado*, primeira revista especializada em futebol. Após cobertura ampla e polêmica, os atletas retornaram ao Brasil como heróis pela conquista do terceiro lugar.

Em 1950, entrava no ar a TV Tupi, de Assis Chateaubriand, naquela época o maior empresário das comunicações do país, com “um império formado por 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista *O Cruzeiro*, dez revistas infantis e uma editora” (RIBEIRO, 2007, p. 135). Chateaubriand investiu 5 milhões de dólares em equipamentos, o que não se mostrou efetivo pela baixíssima qualidade da transmissão. A TV foi o primeiro meio de comunicação brasileiro que privilegiou o esporte desde sua criação. Talvez porque, apesar do fracasso na Copa de 1950, o brasileiro estivesse cada vez mais seduzido pelo futebol, graças à mídia esportiva. Os jornais impressos se modernizavam e novos programas de esporte surgiam nas rádios (RIBEIRO, 2007, p. 137). A primeira transmissão esportiva aconteceu cerca de um mês depois da criação da TV Tupi. O jogo entre Palmeiras e São Paulo foi acompanhado por cerca de 200 pessoas, algumas horas depois da partida. Surgiram, alguns anos mais tarde, as TVs Paulista, precursora da TV Globo, e Record, ambas com sede em São Paulo.

Se no começo de sua trajetória a imprensa esportiva implorava por espaço nas páginas dos principais jornais do país, a partir da década de 1930, com o surgimento do rádio, e na década de 1950, com a televisão, noticiar a maior paixão do brasileiro tornou-se, além de um grande negócio, obrigação. (RIBEIRO, 2007, p. 11)

A TV começava a incomodar, mas, nos anos 50, o rádio ainda era o principal veículo de comunicação do país. A Copa de 1958, na Suécia, agitou os 64 milhões de habitantes do Brasil, com muito espaço na mídia. Existiam já, no Brasil, 708 estações de rádio, oito de TV e mais de 252 jornais diários. O título inédito de campeão mundial rendeu muito, e “nunca, jornais, revistas e rádios ganharam tanto” (RIBEIRO, 2007, p. 165). A audiência nas rádios explodiu e, logo depois da competição, o *Jornal do Brasil* promoveu uma reforma editorial que acabou sendo uma revolução gráfica também na editoria de esportes, mudando conceitos e dando “mais clareza e dinâmica na leitura para seus leitores” (RIBEIRO, 2007, p. 168).

A TV Paulista foi vendida para a TV Globo em 1965. A emissora ergueria um império, sendo a líder de audiência do país até hoje. Porém não dedicou, imediatamente, parte de sua programação ao futebol. O rádio seguia mais popular, enquanto a televisão tinha cerca de 200 mil aparelhos em uso no Brasil (GUERRA, 2012, p. 102). A Copa de 1970 se tornou a primeira transmitida pela TV, ao vivo, no Brasil. Entretanto, poucas pessoas puderam acompanhar. Pouco antes, surgiu a revista *Placar*, no “auge da efervescência política do país” (RIBEIRO, 2007, p. 208), em plena ditadura militar. Também na década de 70, pela primeira vez, uma equipe formada apenas por mulheres passou a ter um programa sobre esportes, na Rádio Mulher (RIBEIRO, 2007, p. 220).

A tecnologia avançou, a TV passou a ser mais acessível e a ter transmissões cada vez mais especializadas. Conseqüentemente, chegava a mais lares. Programas esportivos se multiplicavam. Na década de 80, a liderança da audiência nas transmissões esportivas era disputada por Globo, Record e Bandeirantes. A Tupi fora extinta (RIBEIRO, 2007, p. 253). A Globo buscava hegemonia e aumentava seus investimentos. Numa tentativa de diversificar as coberturas, a emissora contratou, em 1981, Galvão Bueno, para narrar a Fórmula 1. O narrador global número 1, naquela época, era Luciano do Valle.

Já em 1991, chegaram ao Brasil os primeiros canais televisivos por assinatura, o que revolucionaria a telecomunicação no país. A Globo criou a Globosat e, no ano seguinte, “surgiu o primeiro canal de esporte por assinatura no Brasil: o Sportv” (RIBEIRO, 2007, p. 273). Em 1993, a TVA, do Grupo Abril, passou a duelar nos bastidores com o canal fechado da Globo, principalmente pela exclusividade nos direitos de transmissões dos campeonatos estaduais e nacionais de futebol.

A TVA aliou-se ao Clube dos 13, entidade que reunia os maiores clubes brasileiros, e assinou um contrato para transmitir os jogos do Brasileiro por três anos; já a Globosat tinha como parceira a CBF, principal entidade organizadora de competições do país. (RIBEIRO, 2007, p. 279)

Depois de longa e cara batalha, a TVA preferiu ceder. Investiu na criação da ESPN Brasil. Com isso, passavam a existir dois canais especializados em esportes na TV a cabo, além do conteúdo gerado pela TV aberta. A década de 90 também ficou marcada pelo uso crescente da tecnologia nas transmissões esportivas, com os adventos da computação gráfica, utilização de dirigíveis e helicópteros e a colocação do placar e do cronômetro no canto da tela (GUERRA, 2012, p. 103).

Em 1997 foi criado o tabloide *Lance!*, com formato inovador no Brasil e 40 páginas coloridas, mirando ambiciosa tiragem de 120 mil jornais em um ano. Em dois, a meta foi batida, e o jornal não mais parou de crescer (RIBEIRO, 2007, p. 292). Na mesma época, foi lançado o site *Lancenet*, indicando a vinda de uma nova era para o jornalismo esportivo mundial. “A última Copa antes da virada do século XX atingiu a espantosa marca de 35 bilhões de telespectadores em todo o mundo, mas o surgimento de uma nova mídia faria com [que] esse número aumentasse ainda mais a partir de 1998” (RIBEIRO, 2007, p. 294). Além do *Lancenet*, foram criados sites como o *Sportsya* e o *Pelé.net*.

A informação passava a ser praticamente instantânea. A velocidade com que uma notícia podia chegar ao público acirrava a competição e obrigava qualquer jornal ou revista a entrar no mundo da internet. Foi uma autêntica febre. Grandes investidores passaram a viabilizar a estruturação da informação via sites, tornando cada vez maiores os investimentos nesse segmento da mídia, e cada vez mais atrativas as vagas nessas redações (RIBEIRO, 2007, p. 295)

A este período de euforia e de grande crescimento da internet no Brasil, Unzelte (2008, p. 66) dá o nome de “bolha da internet”. Os salários oferecidos para atrair profissionais de outras mídias eram absurdamente maiores. Mas a febre durou pouco; os grandes investidores desistiram e restaram somente os grandes portais de notícias. Aquele era apenas o início. A internet “reúne texto, áudio, vídeo e interatividade em variadas formas de difusão” (BARBEIRO e RANGEL, 2013, p. 99) e tem como principal característica a alta velocidade de transmissão de dados, que gera novas informações a cada segundo. Essa instantaneidade, além de justificar o crescimento constante que se deu – e ainda hoje se dá – do alcance do novo meio difusor de informações, representa também um desafio ao modo de se fazer jornalismo.

Unzelte (2008, p. 81 e 82) destaca que um grande equívoco do jornalismo na internet é o de priorizar a velocidade de informar em detrimento da qualidade da informação. Barbeiro e Rangel (2013, p. 99) compartilham a visão ao afirmarem que “[...] falta ainda maior profundidade jornalística na apuração dos fatos esportivos, das tendências e do investimento em reportagem”. Arnt (2002, p. 5 e 6) aponta que os jornais impressos ainda possuem redações melhores e mais condizentes com os fundamentos do jornalismo – a apuração de notícias, o tratamento jornalístico e a análise crítica. Del Bianco (2004) atenta para outro ponto preocupante que concerne à questão. A pressa pela informação por parte dos jornalistas e a concorrência podem gerar distorções no fato a ser noticiado.

A questão a saber é até que ponto as transformações em curso contribuem para minar os fundamentos do jornalismo defendidos na cultura profissional. O fundamento histórico do jornalismo está no conhecimento da realidade, na apuração dos fatos e na apresentação de narrativa correta, crível, isenta de opinião e de parcialidades. Cabe aos jornalistas a verificação dos fatos por meio de levantamento de dados junto às fontes. No entanto, cada vez mais adquire importância no cotidiano da redação dispositivo técnico de acesso à informação em estado bruto e a dados de segunda ou terceira mão. Diante desse fenômeno, a visão de mundo natural confronta com a intencionalidade. As notícias não aparecem de forma natural, mas se fazem como consequência da vontade humana, da história, das circunstâncias sociais das instituições e das convenções da profissão, e agora também sob influência dessa tecnologia da informação. A Internet, com seus valores e lógica comunicativa, notabiliza-se por se transformar numa das formas de conhecimento da realidade para o jornalismo. (DEL BIANCO, 2004, p. 8)

Além da capacidade de atualização constante, a internet trouxe outra importante novidade ao jornalismo esportivo: a intertextualidade. O diálogo entre os vários formatos de mídia ocorre por meio de *hyperlinks*<sup>1</sup>. Barbeiro e Rangel (2013, p. 100 e 101) os citam como forma de promover interatividade entre o torcedor e a notícia, em uma aproximação que pode ser criada das mais diversas formas, como, por exemplo, com estatísticas, galerias de imagens áudios ou vídeos.

Outra forma de interação dos veículos com o torcedor são as redes sociais. Elas permitem a personalização de conteúdo, ou seja, que seus usuários assinem assuntos específicos de portais escolhidos por eles e recebam notícias, sem a necessidade de acessar site por site e procurá-las. Por meio delas, também é possível participar de programas de mesa redonda ou até mesmo de transmissões de eventos e jogos em tempo real pela TV – ou pela própria rede –, por meio de comentários e perguntas. O advento e a recente popularização da internet móvel e dos dispositivos portáteis, dentre eles os tablets e os smartphones, tornaram a interatividade mais fácil.

Quanto maiores forem as possibilidades dos usuários moldarem os conteúdos aos seus interesses, maior será o grau de interatividade do meio ou conteúdo. A personalização é o ponto máximo da interatividade, pois permite ao usuário transformar o conteúdo em algo único. (CANAVILHAS e SANTANA, 2011, p. 53)

Rocco Júnior (2003) vê a formação de um novo perfil de torcedor. A internet vem sendo o principal instrumento da globalização, derrubando barreiras entre culturas e fazendo com que estas excedam quaisquer limites. “A cultura global do futebol deverá superar o [...]

---

<sup>1</sup> *Hyperlink* é uma palavra da língua inglesa que significa hiperligação, em tradução literal. É o conjunto de comandos associados a um botão ou palavra, numa página de um livro multimídia ou objeto hipermídia. O usuário, ao clicar sobre esse botão ou palavra, ativa os comandos, que o levam para outra posição ou página. (Fonte: <http://michaelis.uol.com.br>, acesso em 14/04/2015).

caráter local, desvinculando os seres humanos envolvidos no esporte com sua nacionalidade e a representação da identidade nacional. ” (ROCCO JÚNIOR, 2003, p. 11) A tendência, segundo o autor, é que as torcidas organizadas se transformem em torcidas virtuais, organizadas em comunidades supranacionais.

## 2.2 PAIXÃO NACIONAL

Ao analisar o histórico do jornalismo esportivo no Brasil, notamos que sua maturação esteve ligada à do futebol. Para Bezerra (2008), o futebol é um produto cultural da sociedade do espetáculo, e os jornalistas são os artistas responsáveis por vendê-lo, angariando audiência. A autora aponta a TV como o principal meio responsável pela espetacularização do esporte. A imagem e o som criam uma carga de emoção que faz o esporte ser “inserido na identidade da sociedade [...], ] parte da vida da ampla maioria [...], quase um DNA deste povo” (BEZERRA, 2008, p. 18).

Lovisoló (2012) enxerga a questão de maneira diferente. O autor atribui a existência do esporte moderno às notícias e às matérias do jornalismo. Para ele, “jornais, rádio, noticiários para cinemas, televisão e o próprio cinema, com rosário de filmes que focalizam os esportes, os esportistas e os torcedores, foram parceiros do esporte ao longo dos últimos cem anos” (LOVISOLO, 2012, p. 77). Entretanto, o autor não concorda com uma das teses mais comuns sobre chegada e fixação do futebol como paixão nacional, que ele chama de “mitopoética” e que consiste exatamente em relacionar as “características do estilo do futebol com características da cultura ou caráter nacionais” (LOVISOLO, 2012, p. 92). A tese é embasada em três pontos principais, que o autor desconstrói: a época e o modo com que o esporte começou a ser praticado por aqui, o baixo custo para jogá-lo e a linguagem simples e fácil que a modalidade emprega. Primeiramente, a chegada do futebol ao Brasil ocorreu quase que simultaneamente e da mesma maneira – trazido por europeus – em países como a Argentina e o Uruguai. Segundo, havia outros esportes naquela época que também não demandavam altos gastos para a prática, como o boxe e o basquetebol, por exemplo. Finalmente, sobre a questão do fácil linguajar, Lovisoló (2012) aponta como exemplo o rugby, que também possui esta característica e acabou não se desenvolvendo e popularizando por estas bandas. Portanto, para o autor, não haveria uma razão específica conhecida para o futebol ter crescido por aqui; algo, porém, não admitido pelo brasileiro.

Porque [sic] não fazemos isso? Basicamente porque os argumentos sobre a economia, a pobreza dos praticantes e a linguagem universal são pontos em relação com a formação da identidade ou cultura nacional que deve ser pensada como popular e resultado dos cruzamentos. Basicamente, então, porque a matriz explicativa é populista e romântica. (LOVISOLO, 2012, p. 93)

Para Roberto DaMatta (1994), o futebol teria sido para o Brasil o “primeiro professor de democracia e de igualdade”, por produzir “ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra e a vergonha”, numa sociedade “habituada a jogar e não a competir”, por ser “construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata” (DAMATTA, 1994, p. 12). O autor aponta o esporte e a cultura como pausas na realidade, atraindo o brasileiro, que sempre enfrentou pesadas rotinas de trabalho e cansaço. O corpo humano adquire outro sentido para um povo que o utiliza como ferramenta do trabalho braçal diário, sintetizando, no momento da prática esportiva, disciplina obrigatória em busca de êxito e misturando prazer e beleza. Por ter regras claras e iguais para todos, além de alternância entre vencedores, o futebol se tornou a primeira experiência de igualdade para o brasileiro.

Se o cotidiano nos apresenta poderosos e impotentes que jamais trocam de lugar, o futebol nos apresenta um espetáculo no qual vencedores e perdedores se alternam sistematicamente. Aprende-se, pois, que a alternância na glória é a glória da alternância – base da igualdade e da justiça modernas. (DAMATTA, 1994, p. 17)

Além de promover uma experiência de igualdade, o futebol contribuiria para a formação da identidade individual e coletiva.

De fato, essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar uma história recente e bem documentada apenas indica o quanto o “futebol” mobiliza e apaixona as massas. Provavelmente, conforme muitos têm acentuado, porque é uma atividade que indubitavelmente promove sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós. (DAMATTA, 1994, p.12)

Gastaldo (2002, p. 22) atribui o fortalecimento do futebol como marca da cultura brasileira à conquista da primeira Copa do Mundo, em 1958, na Suécia. Com a vitória, criou-se, por parte do povo, uma identidade única, um jeito brasileiro – e diferente de todos - de se jogar futebol. Traços como a malandragem e a esperteza, já presentes no contexto sociocultural brasileiro mesmo antes da popularização do futebol, foram os principais ingredientes do novo estereótipo futebolístico, marcado também pelas jogadas criativas e

extremamente técnicas. Comparado ao estilo de jogo dos europeus, o nosso já se mostrava totalmente diferente, mais plástico, com menos imposição física e necessidade de uso da força. Estas características passaram a ser motivo de orgulho para a população brasileira. Gastaldo (2002) aponta as Copas do Mundo como principais épocas de celebração do patriotismo. Sente-se um “clima de competição internacional em que o Brasil é sempre favorito, ‘o melhor do mundo’, mesmo quando perde” (GASTALDO, 2002, p. 22). Feriados são decretados em dias de jogo da Seleção e as pessoas se unem de um jeito que não acontece em quaisquer outras datas, como a Independência ou a Proclamação da República, vestindo as cores do país e indo às ruas torcer e comemorar.

No retorno ao Brasil, a delegação saiu do Aeroporto Internacional do Galeão sobre um carro do Corpo de Bombeiros, sendo ovacionada por onde passava até ser recebida pelo próprio Presidente da República! Nas ruas, o povo não cessava de cantar a marcha “A Taça do Mundo é nossa” [...] [...] O sonho tornara-se realidade! E o futebol ajudou o “feliz 1958, o ano que não devia terminar”. (AQUINO, 2002, p.81)

Quaisquer que tenham sido os motivos – se é que existiram motivos claros, o futebol entrou no coração do brasileiro para não sair mais. Passou a ser por vezes o “mandante” em sua relação com a imprensa esportiva brasileira, com a qual cresceu de braços dados. Segundo Unzelte (2009, p. 94), o profissional que se forma em Jornalismo no Brasil e deseja trabalhar com qualquer esporte que não seja o futebol – ou até mesmo com outra editoria – precisa, ainda assim, conhecê-lo e entendê-lo bem. Afinal de contas, o esporte, originalmente bretão, tornou-se “[...] parte importante da cultura brasileira, e como tal não poder ser simplesmente ignorado por nenhum jornalista, de nenhuma área” (UNZELTE, 2009, p. 94). O autor afirma que o jornalista apaixonado por vôlei, basquete, tênis ou por qualquer outra modalidade menos popular por aqui, e que deseje trabalhar com ela, deve ter a consciência de que, além de emprego, é mais difícil também conseguir espaço, repercussão e reconhecimento.

[...] é preciso saber que a valorização dessa qualidade se dará somente de quatro em quatro anos, na época das Olimpíadas. Ou sazonalmente, com a recente valorização dos Jogos Pan-Americanos por conta de eles terem sido realizados no Brasil. Ou, ainda, com o aparecimento de algum fenômeno brasileiro em um esporte específico, como Guga no tênis, Daiane dos Santos na ginástica artística ou Robert Scheidt na vela. (UNZELTE, 2009, p. 97)

A unanimidade e a preferência pelo futebol chegam a ponto tal que não é difícil achar casos na história do nosso jornalismo esportivo em que se tentou, sem sucesso, atrair



adeptos do futebol para outras disputas esportivas. Um exemplo clássico citado por Unzelte (2009, p. 85) é o da Revista Placar, que, em abril de 1984, às vésperas das Olimpíadas de Los Angeles, em um cenário de equipes e esportistas brasileiros despontando em suas modalidades – Senna e Piquet no automobilismo, vôlei masculino nas quadras e Ricardo Prado na natação –, mudou a linha editorial e tentou se tornar a “Placar de Todos os Esportes”. Além de não conquistar novos leitores, a revista perdeu os ávidos por conteúdo de futebol. O subtítulo sobreviveu somente até novembro do mesmo ano, quando foi removido permanentemente.

### 3 NOTICIABILIDADE

Afirmar que informação nunca é demais é conflitar o planeta globalizado e cada vez mais passível a customizações que habitamos. Num cenário em que qualquer indivíduo com acesso à internet pode procurar o conteúdo que mais lhe agrade e acessar milhares de páginas a ele relativas, existe, porém, um limite. Mas não de espaço. Pelo contrário, a capacidade de armazenamento online só cresce, e não é problema para nenhuma grande empresa que atua no ramo da comunicação. Esse limite diz respeito ao interesse de cada leitor e sobre o que ele quer se informar. Exemplificando a questão de forma atual e bastante simples, podemos supor que a maioria absoluta dos torcedores de uma equipe esportiva específica não se sinta satisfeita quando, ao acessar uma rede social, não encontra notícias sobre o próximo jogo do time no *feed*<sup>2</sup> assinado por ele, mas uma série de boatos sobre a vida pessoal de jogadores – rivais ou não.

Segundo Silva (2005, p. 97), quando se percebeu que não havia espaço para noticiar tudo o que acontecia no mundo nas limitadas páginas de um jornal, surgiram os critérios de noticiabilidade. A partir do uso deles e ao se analisar a matéria-prima abundante de fatos, merecedores ou não de se tornarem públicos, nasce a notícia. Lage (1982, p. 43) salienta que, além dos acontecimentos infinitos e de todos os assuntos sobre os quais se pode noticiar, ainda há a tecnologia. Ela multiplica ainda mais as opções ao auxiliar, por exemplo, por meio de gravadores e câmeras, que captam detalhes e tornam imensurável o número de recortes possíveis da realidade.

Neder (2010, p. 4) vai além quando aponta a capacidade de selecionar o que é ou não notícia, acompanhada pelas práticas utilizadas para escrevê-la, como a questão central do jornalismo, do ponto de vista técnico. O autor, portanto, conceitua noticiabilidade com base nos pensamentos de Nelson Traquina, como o “conjunto de critérios e operações que fornecem’ aos acontecimentos ‘a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia’” (TRAQUINA, 2001, p. 55, apud NEDER, 2009, p. 4).

Como “não podemos compreender porque as notícias são como são sem compreender a cultura profissional da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2005a, p. 26, apud NEDER, 2009, p. 3), antes de analisarmos os valores que promovem a noticioso um

---

<sup>2</sup> *Feed* de notícias é a atualização ininterrupta de matérias de veículos escolhidos pelo assinante, em uma página pessoal – usualmente em redes sociais. O conteúdo é formado majoritariamente por links ou resumos que remetem à notícia completa ou à página original daquele determinado veículo. (Fonte: businessdictionary.com, acesso em 15/06/2015. Tradução nossa).

acontecimento, passaremos por algumas teorias da notícia. Assim, chegaremos, finalmente, à etnoconstrucionista, adotada neste trabalho.

### 3.1 TEORIAS DA NOTÍCIA

Segundo o pesquisador Alfredo Vizeu (2003), “a grande preocupação das pesquisas sobre jornalismo e produção da notícia, no decorrer no século XX, foi responder à pergunta: Por que as notícias são como são? ”. (VIZEU, 2003, p. 1) A partir daí, surge o que o autor denomina como “teorias intermediárias”, para tentar explicar situações do dia-a-dia do jornalismo e ajudar a entender a rotina de trabalho e a cultura das redações.

Negrão<sup>3</sup> (2005) reconhece seis principais teorias da notícia, utilizando a nomenclatura definida por Traquina: teoria do espelho, a teoria do *gatekeeper*, a teoria organizacional, as teorias de ação política, a teoria estruturalista e a teoria etnoconstrucionista. Também adotaremos a sistematização utilizada por Nelson Traquina.

#### 3.1.1 Teoria do espelho

Sendo datada do início do século passado, a teoria do espelho teria surgido, informalmente, como contraste à ideia do jornalismo “marrom”, “usado como arma política e do jornalista como militante de causas partidárias” (NEGRÃO, 2005, p. 54), que até então predominava. Como o próprio nome indica, enxerga a notícia como um espelho da realidade, que a reproduz fielmente. Esta ideologia é dominante entre parte dos jornalistas até os dias de hoje, que se veem como comunicadores desinteressados, apenas reproduzindo a realidade. As notícias são impregnadas pelo conceito da objetividade e possuem tom absolutamente impessoal.

Nesta visão, o jornalista é um observador cauteloso, que relata com isenção, equilíbrio, de maneira objetiva, o que aconteceu, sem emitir ou sequer deixar transparecer opiniões e impressões pessoais. Os fatos falam por si mesmos e o jornalismo simplesmente intermedeia – sem interferências de qualquer tipo – os acontecimentos e sua tomada de consciência por um público mais amplo do que aquele que, eventualmente, teve a oportunidade de presenciar seu desenrolar. (NEGRÃO, 2005, p. 53)

---

<sup>3</sup> A conceituação das teorias da notícia neste trabalho se baseará, predominantemente, na obra de João José de Oliveira Negrão (2005). Assim, nesta seção, referenciaremos apenas outros autores ou citações diretas de pensamentos de Negrão.

Segundo Vizeu (2003, p. 5), o conceito surgiu num cenário de desenvolvimento da indústria da imprensa, entre os séculos XIX e XX, concomitantemente à ideia do “novo jornalismo”, cuja preocupação principal era separar fatos de opiniões. “Esquece-se o trabalho simbólico do jornalismo, reduzindo o jornalismo a meras técnicas, meia dúzia de regras – os tradicionais o quê?, quem?, quando?, onde?, como?, e por quê?” (VIZEU, 2003, p.5). O *lead* e a pirâmide invertida, utilizados até hoje como padrão em matérias, também são marcas dessa teoria.

### 3.1.2 Teoria da ação pessoal ou do *gatekeeper*<sup>4</sup>

Para a teoria do *gatekeeper*, a notícia seria o produto final de escolhas sucessivas feitas pelos jornalistas. A informação teria que passar por vários *gates* (portões), guardados pelos jornalistas, *gatekeepers*, que analisariam sua noticiabilidade e aprovariam ou não a “passagem”. Conseguindo transpassar todos, transformar-se-ia em notícia. Assim, os jornalistas teriam o poder de definir o que chega ou não ao público, o que difere, por exemplo, da ideia do profissional como reproduzidor da realidade, contida na teoria do espelho. O processo de seleção das notícias seria, assim, subjetivo e arbitrário, condicionado exclusivamente a intenções pessoais.

Sousa (2002, apud Negrão, 2005, p. 59) aponta que o processo de seleção pode criar vícios, quando o repórter se especializa na função de triagem das informações. “[...] ao valer-se de formas rotinizadas e estereotipadas de pensamento, o jornalista tende a fabricar informação padronizada e a ‘selecionar sempre como tendo valor noticioso o mesmo tipo de acontecimentos’”. (NEGRÃO, 2005, p. 59) A teoria, entretanto, ignora a influência do contexto sociocultural ou dos interesses da imprensa no processo de decisão, o que a torna inválida para muitos pesquisadores.

### 3.1.3 Teoria organizacional

Já a teoria organizacional foca exatamente na influência do veículo sobre seus jornalistas e na aplicação da política editorial pela mesma. As notícias são “o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística” (TRAQUINA, 2001, p. 77, apud NEGRÃO, 2005, p. 62), sendo esses processos mais aplicáveis aos novatos

---

<sup>4</sup> *Gatekeeper*: guardião. (Fonte: <http://www.linguee.com.br/ingles-portugues>, acesso em 15/06/2015).

da redação, que chegam e logo tomam os mais antigos como referência. Traquina, (1999, p. 155, apud NEGRÃO, 2005, p. 60) aponta seis fatores definidos por Breed que proporcionam a adequação aos costumes editoriais específicos de um veículo.

1) a autoridade institucional e as sanções, ou seja, a atribuição de tarefas (matérias e coberturas mais ou menos nobres), cortes, reescrita e localização dos textos, assinatura ou não da matéria, etc; 2) os sentimentos de obrigação e de estima com os superiores, ou seja, admiração e respeito pelos mais experientes e conhecidos, gratidão pela eventual ajuda, etc; 3) as aspirações de mobilidade, pois indispor-se com a política editorial do jornal pode criar obstáculos aos avanços na carreira e à assunção de postos de relevo; 4) ausência de grupos de lealdade em conflito, já que, em sua pesquisa, Breed não identificou, por exemplo, força nas organizações sindicais para influir neste processo; 5) o prazer da atividade, uma vez que os jornalistas gostam de seu trabalho, há tarefas interessantes e um ambiente de camaradagem nas redações; e 6) a notícia como um valor, pois a busca pela notícia é uma preocupação constante (costuma-se dizer que jornalista é jornalista 24 horas por dia). (NEGRÃO, 2005, p. 60)

A pauta teria papel chave nesse “aprendizado”, por controlar assunto, angulação, fontes e delimitar tamanho para a matéria.

### **3.1.4 Teorias de ação política**

As teorias de ação política negam a do *gatekeeper* e a organizacional e atribuem a influência na produção de matérias jornalísticas ao debate político. A teoria tem duas versões, a direitista e a esquerdista. Para os teóricos da direita, os jornalistas serviriam para criticar o capitalismo e defender a interferência do Estado na economia. Para os de esquerda, o jornalista estaria submetido à empresa em que trabalha, instituição privada, com interesses capitalistas e, muitas vezes, a serviço do governo, defendendo visões neoliberais de mundo.

“Nas duas versões, as notícias são distorções sistemáticas, que servem a interesses sociais bem específicos, que usam as notícias na projeção da sua visão do mundo.” (VIZEU, 2003, p. 8.) O jornalismo seria, portanto, uma área que não permite expressões individuais e nem mesmo coletivas – da redação, servindo como mero instrumento dos políticos e seguindo direções pré-estabelecidas por eles.

### **3.1.5 Teoria estruturalista**

O jornalista consegue ter alguma autonomia em relação ao controle exercido pelo grupo dominante do poder, segundo a teoria estruturalista. A notícia é encarada aqui como

construção da realidade, resultante de um “processo complexo que se inicia numa escolha e selecção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas”. (HALL et. al. in TRAQUINA, 1999, p. 224, apud NEGRÃO, 2005, p. 64)

Três aspectos são responsáveis por definir quando um acontecimento origina ou não uma notícia: a estrutura interna e a organização do veículo – número de editorias, espaço destinado a cada uma, repórteres à disposição e o tipo do jornal (esportivo, cultural, etc.); os valores-notícia – falaremos a respeito mais tarde – adotados na redação para hierarquizar os fatos relevantes para cada um das editorias; e o momento em que a notícia é construída, analisado de acordo com o contexto da sociedade em que está presente, na qual se “encaixa” ou não. O último item, ao objetivar a definição do que se enquadra ou não à sociedade, acaba, por vezes, generalizando-a. Por não considerar perfis diferentes, variações de opiniões ou realidades singulares vividas pelos leitores, a informação se torna genérica. “Os pontos de vista ‘consensuais’ da sociedade representam-na como se não existissem importantes rupturas culturais ou económicas, nem importantes conflitos de interesse entre classes e grupos”. (HALL et. al. in TRAQUINA, 1999, p. 226-227, apud NEGRÃO, 2005, p. 65)

Desse modo, a mídia não só selecionaria a informação, mas exerceria um tipo de controle, quando define “[...] para a maior parte da população, os acontecimentos significativos e ‘oferece interpretações poderosas acerca da forma de compreender estes acontecimentos’” (NEGRÃO, 2005, p. 65).

Por conviverem com *deadlines*<sup>5</sup> e terem compromisso constante com a objetividade e a imparcialidade, os repórteres recorrem frequentemente a fontes oficiais ou institucionais, que acabam tendo nesta relação um excelente canal para expressar suas opiniões, disfarçadas de fatos. Essas fontes seriam os definidores primários, pois, ao colaborarem para uma nova matéria, impregnam o acontecimento com suas angulações e acabam definindo as interpretações, os debates e os desdobramentos que podem ocorrer a partir daquele momento sobre aquele assunto.

Então, se um *primary definer* [- definidor primário -] coloca, numa cobertura de uma determinada ação do MST, que os sem-terra estavam armados, este passa a ser o ponto central da questão a ser tratada pela matéria, e não a estrutura fundiária brasileira ou se aquele latifúndio ocupado cumpre ou não sua função social, conforme a Constituição brasileira. E mesmo fontes ligadas aos sem-terra – para que se cumpra a regra fundamental de “ouvir os dois lados” – terão de responder se eles estavam ou não armados, para não “desviarem do assunto”. (NEGRÃO, 2005, p. 66)

---

<sup>5</sup> *Deadline*: prazo. (Fonte: <http://www.linguee.com.br/ingles-portugues>, acesso em 15/06/2015).

Portanto, apesar de não estarem “a serviço” da ideologia político-econômica dominante, os veículos de comunicação têm papel chave em sua reprodução, segundo a teoria estruturalista.

### **3.1.6 Teoria etnoconstrucionista**

Para Vizeu (2003), na teoria etnoconstrucionista “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os fatos) num produto (as notícias) ” (TRAQUINA, 2001, apud VIZEU, 2003, p. 9). Semelhante à teoria estruturalista em vários aspectos, esta atribui, entretanto, maiores autonomia e importância ao jornalista do que aquela, em relação às fontes.

A teoria etnoconstrucionista compartilha com a estruturalista a idéia de que a notícia é uma construção social, fruto de processos complexos de interação entre jornalistas, fontes, comunidade profissional, sociedade, etc. Ambas rejeitam também a teoria do espelho e destacam as condicionantes do local de trabalho dos jornalistas (integrando contribuições da teoria organizacional). E reforçam a importância dos valores-notícia e das rotinas e procedimentos dos jornalistas na execução de seu trabalho, além de afirmarem um certo grau de autonomia dos jornalistas, negando uma visão instrumentalista da notícia e classificando a teoria da ação política como uma “teoria conspiratória”. (NEGRÃO, 2005, p. 67)

Negrão (2005, p. 68) destaca a socióloga norte-americana Gaye Tuchmann, reconhecida pesquisadora desta linha de pensamento, que aponta duas características desafiadoras dos acontecimentos: ocorrem em qualquer lugar, a qualquer momento. Estruturalmente, a primeira exige que os veículos noticiosos tenham uma rede de repórteres, correspondentes e setoristas muito bem estabelecida, de forma a abranger os locais “mais importantes”, que tendam a gerar mais frequentemente acontecimentos com potencial de notícia. Essa característica resulta em privilégios a algumas instituições. A segunda característica pode gerar, no caso de veículos que não tenham plantonistas 24 horas por dia, adiamento e esquecimento dos fatos, além de agendamento de pautas. “Um processo de decisão governamental ou uma partida de futebol que, por algum problema, tenham conclusão após a meia-noite dificilmente estarão nos jornais impressos do dia seguinte”. (NEGRÃO, 2005. p. 68)

As bolsas de valores, a Câmara dos Deputados, os grandes clubes de futebol, etc. contam com setoristas de plantão diariamente. A possibilidade que têm, então, de gerar notícias é muito maior que a de um sindicato de trabalhadores, um movimento popular ou uma câmara de vereadores de uma pequena cidade do interior do país, que não têm jornalistas previamente designados para acompanhar seu dia-a-dia. (NEGRÃO, 2005, p. 68)

Traquina (2001) enumera três fatores que determinam a escolha de uma boa fonte: autoridade, produtividade e credibilidade. A produtividade diz respeito à quantidade de notícias que determinada pessoa pode gerar, pelo ambiente em que está inserida e pela função que desempenha. Assim, o autor diz ser “fácil compreender que as fontes oficiais correspondem melhor que as outras a necessidades organizativas das redações” (TRAQUINA, 2001, p. 106, apud NEGRÃO, 2005, p. 70). Devido à alta produtividade exigida e à quantidade exorbitante de matéria-prima que chega para análise, juntamente aos critérios apontados para a seleção de fontes, Nelson Traquina (2001) enxerga também a adoção de vícios – atalhos e automatizações de processos na seleção e construção de matérias – e a criação de dependência do repórter às fontes mais utilizadas por ele.

Tal rotinização leva, ainda, a uma certa dependência em relação às fontes, especialmente àquelas cercadas de profissionais de assessoria de imprensa ou de relações públicas, que conhecem sobre a mecânica do trabalho jornalístico. Estas fontes terão maior possibilidade de acesso ao campo jornalístico, enquanto outras serão relegadas. (NEGRÃO, 2005, p. 71)

Analisando essas distinções que ocorrem no dia-a-dia das redações – entre acontecimentos relevantes ou banais e entre fontes prioritárias ou pessoas nem tão importantes assim, absorvemos a ideia central da teoria etnoconstrucionista, de que “[...] embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera existência contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 2002, p. 13, apud NEGRÃO, 2005, p. 67)

Ao analisarmos as etapas de percepção, seleção e transformação da matéria-prima em notícia, juntamente com os fatores que compõem os três processos, como, por exemplo, “características tecnológicas de cada meio noticioso, logísticas de produção jornalística, imperativos comerciais, retraimentos orçamentais, inibições legais, disponibilidade de informação das fontes, necessidade de narrar o fato de modo inteligível e atraente [...]” (TRAQUINA, 2001, apud SILVA, 2005, p. 97), concluímos que não é simples definir noticiabilidade. Silva (2005) a conceitua como a soma de três fatores.



É reducionista, portanto, definir noticiabilidade [...] somente como conjunto de elementos por meio dos quais a empresa jornalística controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos ou apenas como o conjunto de elementos intrínsecos que demonstram a aptidão ou potencial de um evento ser transformado em notícia. Noticiabilidade seria a soma desses três conjuntos, acrescentada daquele terceiro que trata de questões ético-epistemológicas. (SILVA, 2005, p. 97)

A autora atribui a aptidão do fato em si a se tornar notícia ao campo dos valores-notícia, “atributos que orientam principalmente a seleção primária dos fatos – e, claro, que também interferem na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (SILVA, 2005, p. 97). E é dos valores-notícias que trataremos a seguir.

### 3.2 VALORES-NOTÍCIA

Para Gislene Silva (2005), os valores-notícia, valores informativos ou fatores de notícia cercam “a noticiabilidade do acontecimento considerando origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento” (SILVA, 2005, p. 98). A seleção primária de notícias segue determinados padrões, ao analisar-se que os mais diversos profissionais e veículos tomam como noticiosos os mesmos tipos de fatos. Os valores-notícia seriam as qualidades dos eventos, não da sua construção jornalística.

Silva (2005) cita o teórico e sociólogo Stuart Hall, que define os valores-notícia como mapa cultural. Cristina Ponte também referencia o autor britânico, completando: “Os valores notícia são mais do que uma listagem de atributos das notícias, combinados ou combináveis. Operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo” (PONTE, 2004, p. 144, apud SILVA, 2005, p. 100). Eles permitem identificar “percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias” (SILVA, 2005, p. 100), além de padrões de seleção e hierarquização de veículos da imprensa.

Valores-notícia se aplicam em todas as fases da atividade jornalística; não se constituem necessariamente como impedimentos ao trabalho do jornalista; não funcionam isoladamente, mas em diferentes combinações e de forma negociada; fazem parte da cultura profissional dos jornalistas, constituindo-se não em critérios abstratos ou pontuais, mas sim num quadro de avaliação racionalizado e interiorizado pelos jornalistas; sua utilização visa permitir uma operacionalidade no processo de produção da notícia e orientação da ação da rotina dos jornalistas; valores-notícia evoluem com o tempo, não constituindo arquétipos imutáveis. (CORREIA, 1997, apud SILVA, 2005, p. 105)

Os valores informativos a serem levados em conta em dado acontecimento são explicitados e enumerados de diversas maneiras, por variados autores. Não há um deles que esteja certo ou errado, e nem um guia, modelo ou regra consensual para se tomar como referência. Assim sendo, reiteramos que as possibilidades de análise são extremamente numerosas e a que será posta em prática aqui é apenas uma delas.

Para selecionar qualquer fato, segundo Nilson Lage (1982, p. 43), deve-se primeiro considerar a importância ou o interesse. Para Lorenzo Gomis, “o importante seria a informação que todos precisam saber e o interessante uma informação que o público gostaria de saber, uma informação agradável de se conhecer” (GOMIS, 2002, apud SILVA, 2005, p. 103), e os dois conceitos resumiriam o campo de valores-notícia. Adotaremos a importância e o interesse, portanto, como valores dominantes, seguindo a linha de pensamento de Nilson Lage (1982).

Os critérios substantivos da notícia articulam-se, essencialmente, em dois fatores: importância e interesse. Ambos trazem no seu interior a relevância da proximidade. O fator importância é composto por quatro variáveis: 1) Grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; 2) Impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; 3) Quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve; 4) Relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. Já o interesse “está estreitamente ligado às imagens que os jornalistas têm do público e também ao valor notícia”. (WOLF, 1995, p. 184, apud FERNANDES, 2004, p. 3)

Lage (1982) destaca, em seguida, seis valores que efetivariam, acompanhados do interesse público ou do interesse do público, a transformação de um evento em notícia: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana.

### **3.2.1 Proximidade**

O princípio básico da proximidade como valor-notícia é o de que “[...] o homem se interessa principalmente pelo que lhe está próximo” (LAGE, 1982, p. 44). Segundo o autor, porém, a proximidade pode variar devido às relações culturais e aos deslocamentos humanos, tornando assuntos internacionais, por exemplo, interessantes a determinada parcela mais próspera e informada da população. Por outro lado, o alto volume de notícias locais pode garantir popularidade a determinado veículo, pois este se mostrará acessível e integrado à realidade da maioria de seus leitores, conseguindo até, por vezes, gerar concorrência acirrada por público com as redes nacionais de comunicação. Nilson Lage (1982) aponta também

relações de dependência comercial e influência cultural como fundamentais para criação de interesse e conseqüente ampliação da proximidade.

O interesse é maior, no caso atual do Brasil, pela produção literária da Europa e dos Estados Unidos do que pela das nações vizinhas da América Latina, a qual só despertará atenção se sancionada pelos críticos formadores de opinião, eles mesmos voltados para os centros europeus e norte-americanos. Fenômeno idêntico ocorrerá com as cidades menores em relação às metrópoles: um artista, ou uma canção, de São Luís do Maranhão chegará a Belém do Pará, como produto de consumo, a partir de sua aceitação no Rio de Janeiro ou São Paulo. (LAGE, 1982, p. 44 e 45)

Fernandes (2004) analisa diversos teóricos, concluindo que a proximidade é o valor-notícia mais citado em suas obras. Ela “não deve ser entendida apenas como geográfica, mas também como ‘social e inclusive psicológica’” (FONTCUBERTA, 1993, apud FERNANDES, 2004, p. 6), ressalta o autor, concordando com Lage (1982).

### 3.2.2 Atualidade

Aqui, o homem se interessaria “principalmente pelos fatos mais próximos no tempo” (LAGE, 1982, p. 45). Mas o *novo* não é necessariamente *inédito*. Assim como ocorre com a proximidade, o conceito de atualidade é mutável, quando um momento ou acontecimento histórico tem relação com um cenário vivido atualmente.

[...] o apogeu romano adquiriu particular fascínio para o público dos Estados Unidos no surto imperial que se seguiu à Segunda Grande Guerra (tal como Roma, os EUA dominavam então todo o mar conhecido e de importância estratégica – as rotas oceânicas da década de 50, o *mare nostrum* do apogeu romano – e impunham seu poder sobre todos os povos [...]) (LAGE, 1982, p. 45)

As notícias “sobre especulações da Astronomia, viagens, pesquisas arqueológicas ou paleontológicas” (LAGE, 1982, p. 45) costumam conter este valor-notícia.

### 3.2.3 Identificação social

O público reconhece semelhanças e se envolve, ao ler, ver ou ouvir matéria que apresente um personagem que a humanize e promova, assim, identificação social. O indivíduo vê ali uma situação enfrentada em seu cotidiano ou um objetivo – possível de se alcançar – que tem para algum aspecto de sua vida no futuro. A contextualização e a aproximação do leitor constituem o processo de tornar a realidade inteligível ao público.

O quadro de saúde de um morador de uma comunidade carente pode ser o motivo para se discutir as condições de tratamento oferecidas pelo sistema público de saúde, resultados expressivos no Índice de Desenvolvimento na Educação Básica (Ideb) justificam uma entrevista com educadores e direção da escola sobre a metodologia aplicada pelo educandário ou um caso de estupro pode desencadear em uma discussão acerca das condições de segurança em um bairro da periferia. O foco na comunidade gera, muitas vezes, um fortalecimento do vínculo entre o periódico e a comunidade, ou seja, solidifica a identificação social. (SANTOS e CASTRO, 2013, p. 9 e 10)

Lage (1982, p. 46) aponta que a identificação social ocorre de baixo para cima na pirâmide de classes, ou seja, os setores menos favorecidos da sociedade se inspirariam nos mais privilegiados. Porém não em situações reais de vida, mas sim em projeções daquelas situações, geralmente mais palpáveis.

### 3.2.4 Intensidade

A intensidade tem explicação simples: “Admitindo dois eventos equivalentes, é mais notável o que tem maior intensidade aferida em números” (LAGE, 1982, p. 46). Quando usados para aferir situações do dia-a-dia, é amplo o valor retórico de números inexpressivos ou extremamente grandes, pelo fato de o leitor comum não conseguir dimensioná-los. O jornalismo explora, assim, o caráter grandiloquente dos números.

Alguns acontecimentos catastróficos ganham destaque em relação a corriqueiros pela presença deste valor-notícia, mesmo quando os números são semelhantes.

Algumas vezes é na coincidência que reside o ponto focal de interesse: a morte de cem crianças no incêndio de um circo é mais espetacular que a morte de outras cem crianças, por fome, nas comunidades pobres de uma metrópole. O notável aí é que as cem crianças tenham morrido de uma vez só, coincidente e inesperadamente; em outro plano, que tal morte tenha ocorrido num ambiente que se supõe alegre, o do circo (uma situação de cúmulo). (LAGE, 1982, p. 46)

No esporte, diferenças ínfimas se tornam grandes: “se dois corredores de maratona chegam segundos de diferença um do outro, ao campeão caberá todas as honras e ao segundo colocado o maior amargor da derrota. No entanto, como atletas, são equivalentes” (LAGE, 1982, p. 47).

### 3.2.5 Ineditismo

O inédito tem mais valor jornalístico do que o habitual. O jornalismo observa o surpreendente em relação ao conhecimento de mundo que o público tem (LAGE, 1982, p. 47). Como existem vários públicos, de diferentes perfis, há de se analisar e selecionar os acontecimentos adequadamente.

a) o fato inevitável, de que se julga ter certeza, absolutamente previsível (probabilidade tendendo ao infinito) não encerra, por esse aspecto, valor de notícia; b) o fato provável, tal como o desastre sem vítimas numa grande cidade na era do automóvel, encerra interesse abaixo do limiar da notícia (se não houve grande alteração no trânsito ou qualquer outro aspecto relevante); c) o fato improvável, como o mesmo desastre numa cidade pequena, ou o incêndio de um arranha-céu numa cidade grande, adquire importância noticiosa. A repetição (das mortes, numa guerra; dos assaltos a barcos, num surto terrorista) conduzirá, no entanto, a redução do ineditismo, ao tornar o novo evento mais provável; d) o fato de extrema improbabilidade, como (para os conceitos de nosso tempo) os discos voadores ou a aparição de fantasmas, será recebido com descrédito ou crença, o que depende do prestígio do veículo; em caso de crença, sugerirá ambigualmente o cômico ou o trágico, na dependência do repertório das pessoas e da situação em que se produz o enunciado. (LAGE, 1982, p. 47 e 48)

Outra característica deste valor é a perspectiva humana que costuma ser adotada. No caso de um desastre, por exemplo, é mais interessante retratar a situação por uma das pessoas que esteve envolvida, pela baixa probabilidade de ela estar ali, de ser “a escolhida”. “Um bispo preso num cabaré, uma loja assaltada grande número de vezes” (LAGE, 1982, p. 48) são acontecimentos destacados por Nilson Lage (1982), no que se refere a este valor-notícia, por englobarem mais de um evento improvável.

### 3.2.6 Identificação humana

Esse valor-notícia aparece “quando um grande atleta, uma cantora notável, um cirurgião habilíssimo passam a despertar interesse mesmo entre os que não apreciam (ou entendem de) esporte, canto, competência médica” (LAGE, 1982, p. 49). Acontecimentos que envolvam pessoas notáveis são passíveis de gerar identificação humana no leitor.

A identificação, fora da pirâmide social e das motivações protetivas, ocorre também por semelhança (dos velhos com um velho, dos jovens com um jovem, dos tristes com um triste) em algum aspecto considerável e real; ou ainda por semelhança entre o real proposto (o líder na fábrica, o cidadão acompanhado por uma mulher bonita) e as aspirações, fantasias, desejos do consumidor (o operário, o burocrata de meia idade). Gente como a gente, gente como gostaríamos de ser. (LAGE, 1982, p. 49)

Essas pessoas, por algum motivo, se tornam a personificação de ideais humanos, modelos para determinado tipo de público. Suas palavras têm mais peso, assim como seus atos.

## 4 VÔLEI UFJF

O Vôlei UFJF é um projeto esportivo da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, idealizado em 2007 pelo professor e atual diretor técnico do projeto, Maurício Gattás Bara Filho<sup>6</sup>. Maurício e outros professores da faculdade prestaram serviços de consultoria voluntária a programas esportivos externos à UFJF, entre 1999 e 2007, inclusive ao Tupi Foot Ball Club. Estes, em sua maioria, não tinham continuidade. Surgiu, então, a ideia de construir algo interno, que possibilitasse aos alunos e ao corpo docente que colocassem em prática seus aprendizados e vivências. “Por que não desenvolver um projeto esportivo com característica de extensão e que possibilite ao nosso aluno fazer estágio, pesquisa e vivenciar o esporte de rendimento dentro da faculdade?” (Apêndice A). A estrutura física da faculdade naquele momento ainda não era ideal, mas já havia condições básicas para a prática do voleibol, isso, ao lado da experiência adquirida anteriormente por Maurício, ajudou na escolha desta modalidade. Em 2010, uma reforma estrutural seria concluída e ajudaria no desenvolvimento do projeto.

Primeiro porque eu tive vivência como preparador físico e assistente técnico em equipes amadoras de vôlei da cidade; segundo porque eu achava que a cidade precisava, estava muito carente em relação a esse esporte. Além de um histórico familiar importante ligado à modalidade e de a Faefid [Faculdade de Educação Física e Desportos] abrigar as condições necessárias para a sua prática. [...] A motivação do início foi essa, essa carência e a necessidade de se implementar algo aqui dentro da Universidade, podendo atingir todas as faculdades – Fisioterapia, Comunicação, Biologia, Medicina, Administração, etc. (Apêndice A)

Três pilares formam a base do projeto: ensino, pesquisa e extensão. O primeiro existe por uma relação direta com disciplinas do curso de Educação Física da UFJF; o segundo, pelo extenso banco de dados gerado, que já possibilitou numerosos trabalhos acadêmicos; e o terceiro representa a possibilidade de os estudantes terem contato com o esporte de alto rendimento e também uma alternativa de treinamento profissional. Para Maurício Bara (Apêndice A), o modelo é original no Brasil devido à falta de proximidade habitual das universidades nacionais com o desenvolvimento do esporte. “Geralmente o aluno precisa sair para um estágio para conseguir aplicar o conhecimento. Nosso modelo possibilita gerá-lo e aplicá-lo, num mesmo ambiente, simultaneamente. Ele erra e acerta instantaneamente” (Apêndice A).

---

<sup>6</sup> Todas as informações históricas e estatísticas sobre o Vôlei UFJF nessa seção nos foram fornecidas pelo professor Maurício Gattás Bara Filho. Assim, só o referenciaremos quando se tratarem de citações diretas à entrevista feita com o próprio.



Figura 1 – Logotipo do Projeto Vôlei UFJF

Com os recursos humanos e a estrutura necessária, além da concessão da aprovação interna da universidade no ano anterior, as atividades foram colocadas em prática em 2008. A equipe foi montada e, além de disputar algumas competições regionais, venceu a segunda divisão dos Jogos do Interior de Minas Gerais (JIMI), sediados em Ipatinga, e conseguiu o acesso à divisão principal. O time conseguiu ainda ser o primeiro representante de Juiz de Fora no Campeonato Mineiro após 17 anos. No ano seguinte, a UFJF jogou a primeira divisão dos JIMI, ficando com a vice colocação geral. Além de participar novamente do Campeonato Mineiro, o time fez a sua estreia na Liga Nacional, então segunda divisão da Superliga de Vôlei, que hoje é chamada de Superliga B: “Vimos que havia a possibilidade, nos inscrevemos e jogamos” (Apêndice A). Eram cinco equipes participantes, e a UFJF ficou com a última colocação. Mas, pela primeira vez, houve aparição em mídia nacional, quando o time derrotou o Lupo Araraquara, equipe montada para jogar a Superliga.

Dois mil e dez foi um ano sem grandes resultados, mas com significado ímpar para a sequência do projeto. Mirando o título, o Vôlei UFJF ficou apenas com o quarto lugar nos JIMI. No Campeonato Mineiro, foi eliminado na fase preliminar. Representando Niterói, entretanto, a equipe foi vice-campeã carioca. A Liga Nacional daquele ano foi disputada, pela primeira vez, perto da torcida. Foram três jogos em Juiz de Fora, o último deles contra Niterói, desta vez em parceria com Volta Redonda, e uma vitória por 3x0 ou 3x1 era necessária para assegurar a classificação à fase final.

Saímos atrás, viramos o jogo para 2x1 e chegamos a liderar por 22x19 no quarto set. Mas tomamos a virada e perdemos o set por 25x23. Foi uma cena espetacular: todo mundo chorando depois do jogo. Então nesse ano já teve mais um passo, o de brigar pela classificação. (Apêndice A)



O ano de 2011 seria “mágico”, segundo Maurício Bara: “Foi um ano em que jogamos, antes da Liga Nacional, nove competições, vencemos cinco e fomos vice-campeões de quatro. Nove finais de torneios. A gente sentia o time muito encorpado para a Liga Nacional” (Apêndice A). A promoção à Superliga viria mais tarde, com uma vitória sobre o Funvic Pindamonhangaba por 3x1 na semifinal da Liga. Posteriormente, a equipe seria derrotada por Blumenau, sagrando-se vice-campeã e conquistando reconhecimento junto ao juiz-forano. “Foi a primeira vez que a cidade acreditou que existia um time de vôlei, porque a final passou na SporTV, num sábado pela manhã” (Apêndice A).

Desde então, o Vôlei UFJF disputa a Superliga Masculina, além do Campeonato Mineiro. A equipe vem em constante evolução de desempenho, ano após ano. Terminou a temporada 2014/15 na nona colocação, com 26 pontos, mantendo chances de se classificar aos *playoffs* até a última rodada.

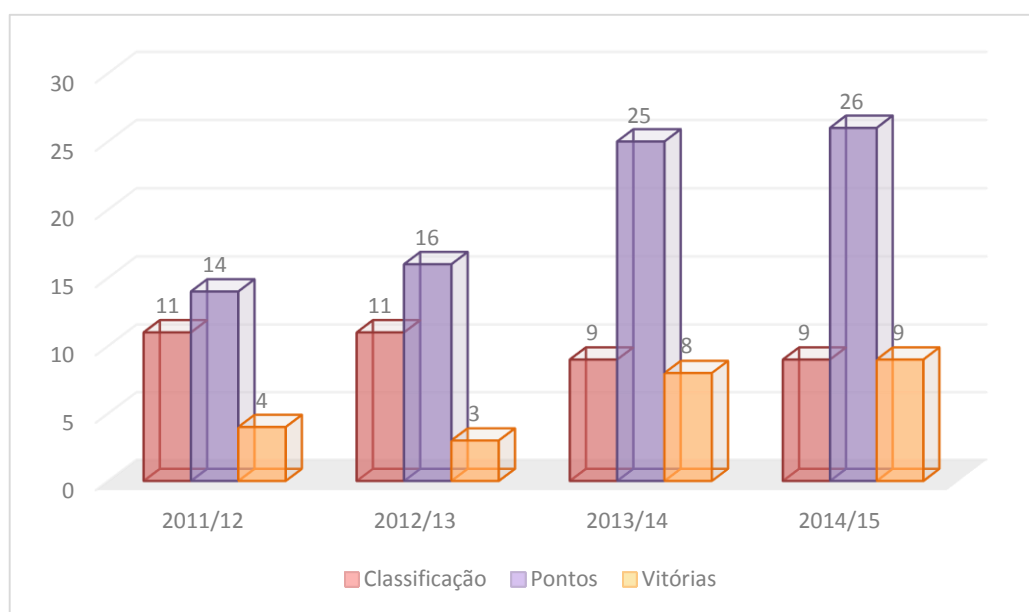


Gráfico 1 – Evoluções de classificação, vitórias e pontos em Superligas

Também na temporada 2014/15, ao figurar entre as oito melhores colocadas do primeiro turno da primeira divisão nacional, a equipe conquistou, pela primeira vez, o direito de disputar a Copa Brasil de Vôlei, da qual foi o sexto colocado. Dois mil e quatorze, além disso, marcou a primeira excursão internacional da equipe, para a Argentina, onde disputou dois torneios.



Figura 2 – Vitória do Vôlei UFJF sobre o Bolívar Voley foi capa de jornal argentino

O projeto Vôlei UFJF conta também com um lado social, bastante íntimo do pilar do ensino. A equipe realiza visitas a colégios de Juiz de Fora e região para se apresentar, ensinar sobre o esporte, jogar com os jovens e deixar bolas e camisas como recordação. “[...] já visitamos mais de 40 escolas, com um total de cerca de 5 mil crianças e adolescentes. Eles [os jogadores] se comovem com uma realidade que está muito longe daquilo que a gente deseja” (Apêndice A). Além disso, as visitas servem para recrutar novos talentos para as divisões de base da equipe, que funcionam em quatro categorias, numa parceria com o Clube Bom Pastor. Outra iniciativa é a promoção, pela comissão técnica, de capacitações gratuitas à comunidade sobre diversos assuntos ligados ao voleibol. Até o final da temporada 2014/15, foram 25 capacitações.



Figura 3 – Visita à Escola Municipal Doutor Dilermando Martins em 04/12/2014

Cabe à assessoria de imprensa do Vôlei UFJF o papel de divulgar o Projeto “para os veículos de comunicação, buscando a mídia espontânea e o conseqüente alcance do público por meio desses veículos” (Apêndice B). Tendo trabalhado durante os três principais torneios disputados na temporada 2014/15 – Mineiro, Copa do Brasil e Superliga –, o setor, formado por duas pessoas, utilizou diversas ferramentas para atingir suas metas. O passo fundamental foi a criação e manutenção de uma ampla rede de contatos, para que se atingisse o maior número possível de veículos interessados. Isso foi construído, essencialmente, através de um *mailing*<sup>7</sup> de imprensa.

[...] montamos um mailing extenso, abrangente, no qual constavam veículos de comunicação de Juiz de Fora e de várias outras cidades do país. E não só veículos consagrados, mas também todo e qualquer canal de divulgação do esporte e do vôlei, como blogs, por exemplo. (Apêndice B)

Com a rotina de produção focada nas partidas disputadas, a assessoria abasteceu a mídia, enviando, antes e depois dos jogos, releases que continham informações sobre as perspectivas de resultado, escalação e situação do time, itinerários de viagem e outros detalhes pertinentes. “Só em relação à Superliga, foram produzidos 48 releases. E, claro, sempre que necessário, também enviávamos outros tipos de releases, comunicando algum acontecimento ou fato específico” (Apêndice B). Além disso, fizeram-se contatos e atenderam-se a demandas por telefone.

Para as partidas disputadas em casa, a assessoria organizou o credenciamento da imprensa, além de ter recebido e auxiliado, presencialmente, os profissionais durante os jogos. O torcedor que não comparecia ao ginásio podia acompanhar os jogos pela *fan page* do time no Facebook, onde o resultado da partida era atualizado pelos assessores em todos os tempos (os técnicos e os pedidos pelos treinadores) e nos intervalos entre os sets, além de serem postadas fotos e outras informações em tempo real. O mesmo procedimento foi adotado para os duelos fora de casa, quando os assessores eram informados via internet por membros da comissão técnica ou conseguiam ouvir o jogo por alguma rádio local.

A página do Facebook, inclusive, também é administrada e alimentada pela assessoria de imprensa, assim como o site oficial do Projeto. A comunicação, em ambos, é direcionada ao público, com fotos das partidas e do dia-a-dia da equipe, matérias, informações

---

<sup>7</sup> *Mailing list*: lista de destinatários, lista de endereços. (Fonte: <http://www.linguee.com.br/ingles-portugues>, acesso em 18/06/2015).

sobre ingressos e promoções. Também chegam, na página, as mais variadas mensagens de torcedores, que são lidas e respondidas pelos profissionais do setor.

A assessoria de imprensa também acompanha as visitas a colégios e as capacitações, registrando-as com fotos e recolhendo depoimentos de participantes. Quando ocorre um evento ou algo especial, como um treinamento aberto à torcida ou sorteio de brindes, o papel de divulgação é da mesma.

 **Vôlei UFJF**  
Published by Vítor Bara Lopes [?] · 24 February · Edited ·

**Hora de decisão!**  
**A Federal precisa da vitória e da força da torcida para tentar chegar aos playoffs da Superliga!**  
**Para lotar o ginásio, o Vôlei UFJF decidiu fazer uma promoção diferente: vamos sortear quatro camisas oficiais da equipe para nosso torcedor!... [See More](#)**

  
28/02 - 21h30  
Ginásio da Faefd  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - VOLEIBOL - UFJF x SBC Vôlei  
**Compartilhe e concorra a 4 camisas oficiais do Vôlei UFJF!**

29,024 people reached [Boost Post](#)

[Like](#) · [Comment](#) · [Share](#)

[Daniel Schimitz, Octacilio Netto, Victor Hugo Rocha Pereira and 272 others like this.](#) [Top Comments](#)

[600 shares](#)

Figura 4 – Promoção divulgada no Facebook antes do último jogo da temporada 2014/15

## 5 VÔLEI UFJF X TUPI NA TRIBUNA DE MINAS

Com a maior tiragem<sup>8</sup> entre os jornais impressos locais, superando 18 mil exemplares de segunda a sábado e 20 mil aos domingos, a Tribuna de Minas pertence ao Grupo Solar de Comunicação. Fundada em 1981 (COUTO, 2010), circula diariamente em Juiz de Fora, exceto às segundas-feiras.

A editoria de esportes do periódico tem duas páginas diárias e quatro aos finais de semana (Apêndice C). A leitura é menor aos feriados, o que causa diminuição no número de páginas das edições veiculadas e, conseqüentemente, na própria editoria. É constituída atualmente por duas pessoas apenas: o editor Wendell Guiducci e o repórter Gustavo Penna, que ficam por conta da cobertura esportiva em âmbito municipal, regional, nacional e, por vezes, mundial. “Eventualmente, quando há demanda, posso usar um repórter de outra editoria. Não foi sempre assim, já tive dois, mas, com o enxugamento da redação, já há alguns bons anos trabalhamos nós dois” (Apêndice C). Wendell classifica a estrutura oferecida pela Tribuna como “bastante razoável” para o que é preciso fazer no dia-a-dia.

Temos à disposição toda a estrutura aqui do jornal, além de carro para transporte e equipamento fotográfico. Às vezes usamos coisas nossas, como notebook para escrever matérias durante os jogos. O jornal também disponibiliza alguns notebooks, além de smartphones, que usamos principalmente para mandar fotos para cá. [...] Apenas a questão do mobile, que é mais recente, poderia ser melhor; mas não tem atrapalhado a cobertura. (Apêndice C)

Nossa análise se dará sobre as 23 edições de fevereiro<sup>9</sup> que antecederam a última rodada da fase classificatória da Superliga 2014/15, disputada no dia 28. Nesse dia, às 21h30, o Vôlei UFJF recebeu o São Bernardo, lutando pela classificação inédita aos *playoffs* da competição. Às 16h, o Tupi enfrentou, também em Juiz de Fora, o Cruzeiro Esporte Clube, pela quarta rodada do Campeonato Mineiro. Para enriquecer nosso estudo, também incluiremos o jornal do dia 01 de março, domingo, dia seguinte aos dois jogos. Vamos nos concentrar em alguns dados específicos que permitirão fazer uma “medição” da cobertura feita sobre cada uma das equipes: número total de matérias sobre as duas, temas mais comuns, espaço absoluto e média diária de ocupação da editoria de esportes por ambas, possíveis

---

<sup>8</sup> Informações estatísticas retiradas de <http://www.grpprop.com.br/novo/tribunademinas>. Acesso em 22/06/2015.

<sup>9</sup> Como já explicado, o jornal não é veiculado às segundas-feiras. Durante o período analisado, também não houve edição no dia 18 de fevereiro, Quarta-feira de Cinzas.

manchetes<sup>10</sup> ou chamadas<sup>11</sup> geradas, ausência ou presença de fotos, fontes utilizadas, publicação de tabelas classificatórias das competições e dedicação de colunas de opinião.

### 5.1 PRIORIDADE CARIJÓ

Nas 24 edições analisadas, observou-se que não houve mais de uma matéria diária sobre qualquer uma das duas equipes. Porém, foram 24 matérias sobre o Tupi FC, o que significa uma frequência de aparição de 100%. Enquanto isso, o Vôlei UFJF teve 54% de presença no período, com 13 matérias, ficando ausente das páginas da Tribuna em 11 das edições. A equipe de vôlei foi a principal notícia de uma das páginas destinadas aos esportes em quatro dias (16%), contra 19 destaques do Tupi (79%). Destas matérias, 22 – ou 91% – das referentes ao alvinegro tiveram foto, sendo que uma delas teve duas. A cobertura fotográfica não se repetiu para a equipe da Universidade, da qual publicaram-se fotos somente em sete dias (29% do período e 53% das matérias sobre a Federal). A diferença ocorreu até mesmo nas colunas de opinião, discorridas sete vezes sobre assuntos ligados ao Tupi e apenas uma vez sobre a UFJF.

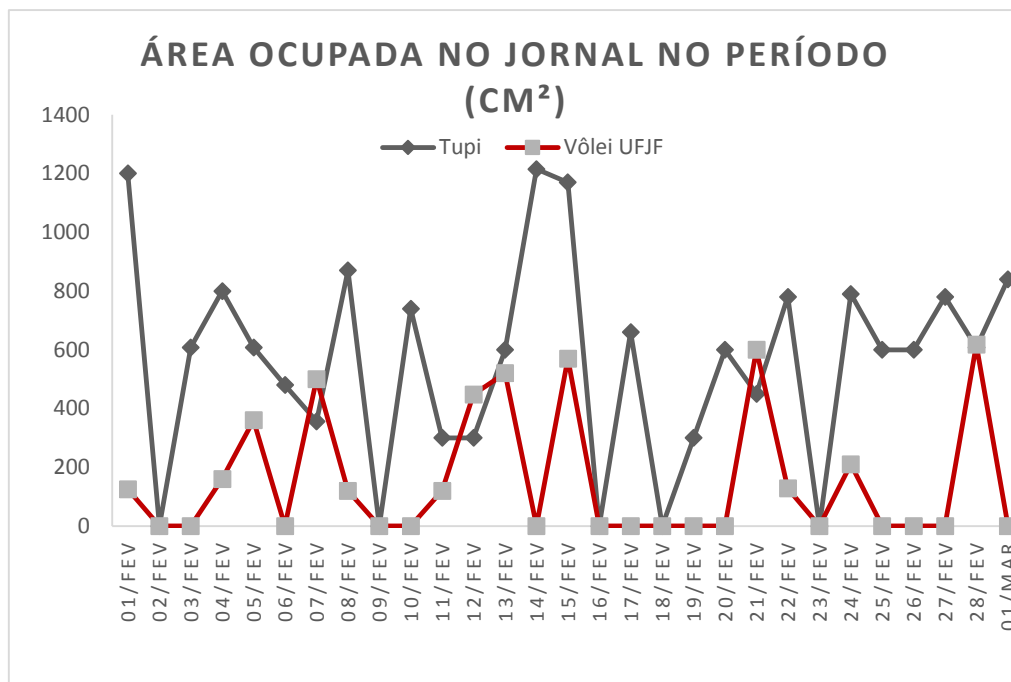


Gráfico 2 – Área ocupada diariamente por Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas

<sup>10</sup> Manchete: título principal, em letras garrafais, na primeira página de um jornal. Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3ª edição.

<sup>11</sup> Chamada: pequeno texto que sai na primeira página, com o fim de chamar a atenção para uma matéria específica. Fonte: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3ª edição.

Quanto ao espaço ocupado, as disparidades são ainda mais visíveis. 16255cm<sup>2</sup> foram destinados aos acontecimentos do Galo Carijó, ao mesmo tempo em que a nona colocada na Superliga teve 4478cm<sup>2</sup> dedicados a ela. Na média, a UFJF teve 186,5cm<sup>2</sup> atribuídos diariamente a si, área mais de três vezes e meia menor do que os 677cm<sup>2</sup> diários médios obtidos pelo Tupi.

Ao analisarmos as capas, nenhuma das equipes ganhou a manchete do jornal durante os 24 dias, mas ambas figuraram em chamadas. O Tupi teve 15, sendo quatro delas acompanhadas de fotos. Já a Federal ganhou sete, todas elas exclusivamente compostas por texto.

Wendell Guiducci explica que há uma definição estabelecida quanto à hierarquia na editoria de esportes: “O primeiro lugar em importância para a editoria é o Tupi. O segundo é o Vôlei UFJF. E depois vem o futebol de novo, com os clubes de Minas e do Rio” (Apêndice C). Para Wendell, tratar o futebol como prioridade é uma característica do jornalismo esportivo brasileiro de uma forma geral, pois ele supera as outras modalidades no quesito interesse do público.

Uma vez participei de um seminário com outros órgãos de imprensa. Tinha pessoal da ESPN, da Band, da Globo... O Paulo Vinícius Coelho falou algo muito interessante, que eu não imaginava. Pode ter mudado, porque tem bastante tempo – foi na época do Pan-Americano do Rio de Janeiro. Ele falou que a segunda audiência da ESPN, que todos achávamos que fosse o vôlei, era na verdade o futsal. Um esporte que eu, particularmente, acho muito sem graça. Era o futsal, por ser um braço do futebol. Fiquei surpreso. A primeira é o futebol, não tem nem conversa. Isso em qualquer lugar do Brasil. Então ele tem essa cobertura maior, mais especificamente para o futebol local. (Apêndice C)

A medição do interesse do leitor da Tribuna de Minas é feita, atualmente, por meio do feedback recebido nas redes sociais e no site, além dos e-mails. “Eles criticam mesmo. Isso ajuda a gente a pesar os assuntos. Os comentários são muito maiores em relação ao que tem mais vulto: o futebol e, de cinco, seis anos para cá, o vôlei” (Apêndice C).

Gilze Bara, assessora de imprensa do Vôlei UFJF, (Apêndice B) reconhece que, no Brasil, o vôlei está atrás do futebol na questão do interesse do público. Porém, para ela, o voleibol é o segundo esporte na preferência do torcedor e figura também como paixão nacional, principalmente por ser o “melhor do mundo”.

Eu tenho a impressão que os editores dos grandes veículos de comunicação acham que o vôlei não interessa ao público. [...] O número de praticantes é imenso. O número de amantes do vôlei é imenso! Não é à toa que os ginásios do país estão sempre cheios nos jogos de vôlei. É uma pena que a imprensa não valorize isso. (Apêndice B)

Falando especificamente sobre Juiz de Fora, a assessora de imprensa da equipe relembra um passado glorioso da cidade ligado ao esporte e destaca que a paixão por ele é perceptível.

Juiz de Fora é uma cidade apaixonada por vôlei. Sempre teve tradição no voleibol. Sempre foi um celeiro de bons atletas de vôlei. Tivemos, há anos, no Sport, um time feminino que disputou, com sucesso, o campeonato nacional. O ginásio do Sport ficava lotado, com uma torcida apaixonada! E temos, agora, a nona melhor equipe de vôlei masculino do Brasil! Os moradores de Juiz de Fora já provaram e comprovaram que adoram vôlei. E a imprensa tem que pensar nisso, tem que investir nisso. (Apêndice B)

Maurício Bara (Apêndice A) reconhece a paixão da cidade pelo voleibol, mas é mais pessimista quanto ao presente. Ao analisar públicos da temporada que se encerrou, o professor constata que a geração atual não é tão aficcionada ao esporte quanto a sua, que teve a chance de acompanhar um momento áureo.

Juiz de Fora gosta de vôlei, mas acho que quem gostava mais era a geração dos anos 80. Atualmente não é assim. Fizemos vários jogos aqui com portões abertos e entrada franca. Jogamos nesse esquema contra o UPCN, campeão sul-americano, por exemplo. O público foi irrisório. Nos anos 80 não caberia no nosso ginásio. A geração juiz-forana que viveu os anos 70, e eu me incluo como jovem nela, é mais contaminada positivamente com o voleibol. Houve uma decadência muito grande nos anos 80, 90 e 2000. A geração que nasceu a partir dali, que é a massa crítica hoje, não viveu isso. Juiz de Fora gosta de vôlei, mas não é aquela coisa fanática ainda. Isso vai levar tempo para construir. (Apêndice A)

Apesara de não enxergar o torcedor extremamente apaixonado pelo Vôlei UFJF, Maurício afirma que a torcida espreita e admira a equipe. Algo que pode mudar o cenário, segundo ele, seria um acontecimento fora do comum, que exigiria mais tempo, recursos e trabalho. “Ah, ganhou um título da Superliga!”. Talvez isso transforme” (Apêndice A). Houve crescimento do público ao longo do Projeto, mas ainda longe do potencial máximo.

## 5.2 A COBERTURA

No período da nossa análise, o Tupi jogou cinco vezes pelo Campeonato Mineiro, contra Atlético, Tombense, América, Democrata e Cruzeiro, ao passo em que a UFJF



enfrentou Funvic/Taubaté, São José, Ziober Maringá e São Bernardo pela Superliga, além de dois amistosos contra o Unincor/Três Corações.

As 13 matérias produzidas sobre o Vôlei UFJF tiveram como temas principais a divulgação dos jogos (6) e os relatórios pós-partida (6). A outra foi a respeito da reapresentação dos jogadores e da comissão técnica após o Carnaval. Das matérias pré-jogos, apenas uma foi publicada em dia anterior ao referido confronto, enquanto as outras cinco só saíram no próprio dia. As 24 notícias sobre o Tupi foram mais variadas, ocupando, como já visto, maior espaço, e permitindo que vários temas fossem agrupados numa mesma: divulgação de jogos (13), relatórios pós-partida (5), treinamentos (5), reapresentações (4), lesões (2), programações semanais (2), viagens para jogos (1) e outros, como uma ação na justiça do ainda jogador do clube na época, Ademilson, e o lançamento dos uniformes para a temporada (6). Das matérias que informavam sobre as próximas partidas, apenas cinco foram publicadas no próprio dia do jogo, enquanto oito circularam em dias anteriores.

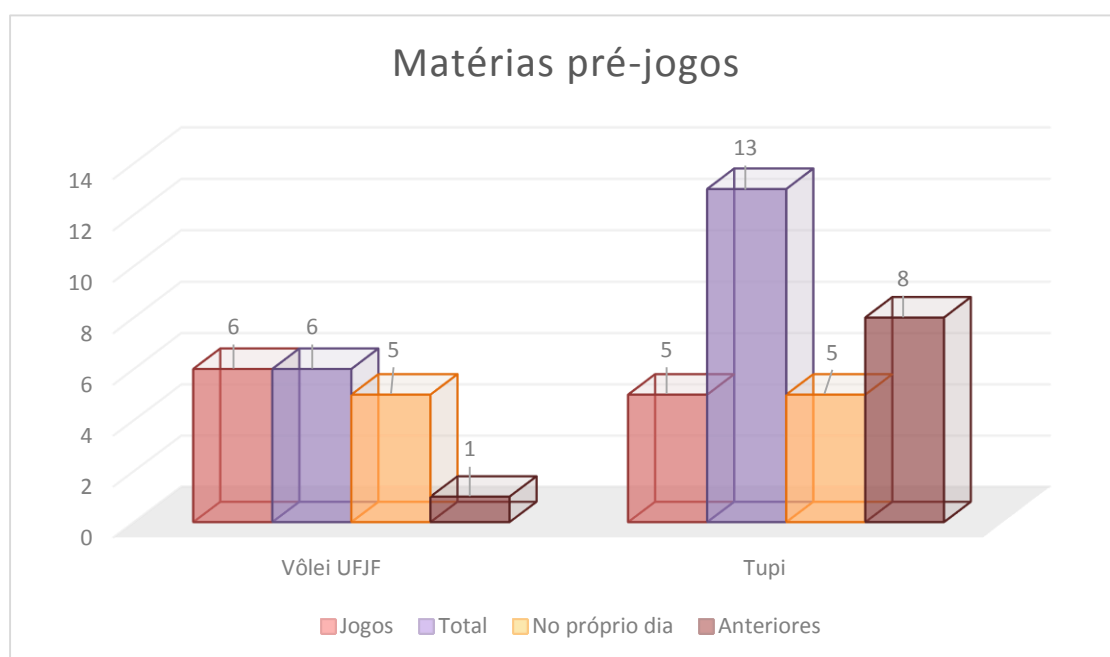


Gráfico 3 – Matérias de divulgação de jogos de Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas

Quanto à presença de depoimentos, quatro matérias sobre a Federal tiveram duas fontes, outras quatro apenas uma e cinco delas não tiveram falas diretas. Das matérias sobre o Tupi, sete tiveram somente um entrevistado, seis tiveram dois, colaboração de três entrevistados para quatro matérias e de quatro para duas, além de cinco feitas sem citações diretas a falas.

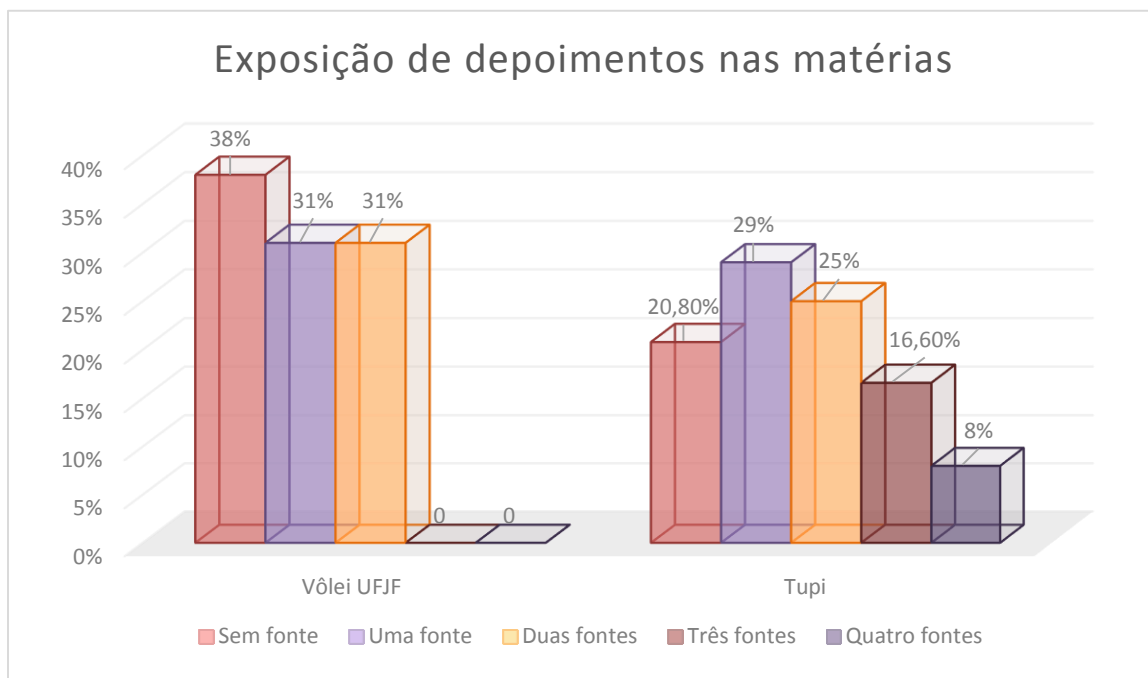


Gráfico 4 – Exposição de depoimentos de fontes nas matérias sobre Vôlei UFJF e Tupi na Tribuna de Minas

Guiducci conta que há cobertura *in loco* do Tupi diariamente, “a não ser quando tem alguma coisa que exija mais atenção” (Apêndice C). Isso se dá, segundo ele, pelo calendário cheio que o time vem tendo nos últimos anos, ao disputar o Campeonato Mineiro, a Copa do Brasil e a Série C do Campeonato Brasileiro. Com o Vôlei UFJF é diferente. Em determinado período do ano, quando acaba a Superliga, há um hiato de alguns meses até o início do Campeonato Mineiro da temporada seguinte. Esse momento é marcado, geralmente, pelas negociações e pela reformulação da equipe para o próximo ano de competições. Assim, segundo o editor de esportes, não há assuntos de interesse no período, e a cobertura presencial se torna desnecessária.

Nossa rotina é ligar para os caras e saber se o time está sendo montado, se tem jogador chegando ou saindo. Você não precisa estar lá, presencialmente, para cobrir. Quando o grupo está montado, a gente passa a ter uma cobertura mais agressiva em cima do time. Há jogos uma ou duas vezes por semana, e a gente acompanha. Também acompanhamos o Mineiro, não só a Superliga. Cobrimos um treino, geralmente na véspera de um jogo, ou quando tem apresentação de jogador. É uma cobertura pontual que segue o que está acontecendo. No jornal ela é quase diária. Mas a cobertura *in loco* não. (Apêndice C)

Wendell ressalta, entretanto, que tudo depende do contexto vivido e do “peso” do que está acontecendo em Santa Terezinha ou no ginásio da Faculdade de Educação Física. Um compromisso de Superliga, por exemplo, é, segundo o editor, mais pesado do que um amistoso do Tupi. Quando há jogos das duas equipes no mesmo dia, existe a possibilidade de ambos se tornarem destaques na editoria, como aconteceu no dia 28 de fevereiro. Ele ressalta, entretanto, que, havendo dúvida, “fatalmente o futebol vai ter mais peso e consequente espaço do que o vôlei na hora de tomarmos as decisões”. (Apêndice C).

{ Esporte }

TRIBUNA DE MINAS | 9  
SÁBADO - 28/02/2015

redacao@tribunademinas.com.br

CARIOCÃO 2015										
Primeira fase										
Classificação	F	J	V	D	GP	GC	SG			
1º Botafogo	16	6	5	1	0	15	3	12		
2º Flamengo	14	6	4	2	0	15	4	11		
3º Vasco	14	6	4	2	0	10	2	8		
4º Volta Redonda	14	6	4	2	0	11	6	5		
5º Fluminense	12	6	4	0	2	12	6	6		
6º Madureira	11	6	3	2	1	9	4	5		
7º Macaé	9	6	3	3	1	6	7	-1		
8º Bangu	8	6	2	2	2	9	-1	-1		
9º Cabofriense	7	6	2	1	3	8	11	-3		
10º Friburguense	7	6	2	1	3	7	10	-3		
11º Resende	5	6	1	2	3	4	9	-5		
12º Tigres	4	6	0	4	2	3	9	-6		
13º Barra Mansa	3	6	0	3	3	3	9	-6		
14º Bonsucesso	3	6	0	3	3	1	8	-7		
15º Nova Iguaçu	1	6	0	1	5	7	14	-7		
16º Boavista	1	6	0	1	5	1	9	-8		

Vasco recebe o Bangu na Colina

Rua (Graça Petrus) - Motivado pela vitória de 1 a 0 no clássico contra o Fluminense, o Vasco tenta embalar no Campeonato Carioca no duelo contra o Bangu, hoje às 18h, em São Lázaro. Na terceira posição, com 14 pontos ganhos, o Cruz-Malinas, em caso de vitória, vai assumir provisoriamente a liderança, atualmente nas mãos do Botafogo, com 2 pontos a mais. Os banguenses, que vêm de empate por 1 a 1 com o Volta Redonda, estão em oitavo lugar, com 8 pontos, e devem necessitar no próximo jogo.

Dutra, técnico do Vasco, ficou muito satisfeito com o rendimento contra o Fluminense, mas alertou seus jogadores sobre as dificuldades do duelo contra o Bangu. Ele chegou a simular a maneira de jogar dos banguenses nos treinos da semana, pois entende que o rival vai se fechar muito na defesa. Diante de "terrores", "Nós fizemos uma grande atuação contra o Fluminense e mostramos progressos, mas isso não nos garante daqui para frente. Vamos precisar ter paciência para encontrar o melhor momento de ganhar do Bangu e não podemos permitir que eles se aproveitem de nossas nossas", disse Dutra.

Dois times

Dois times - O técnico do Botafogo, Tetré Santos, foi responsável por uma provocação que gerou a respeito da decisão do clube de fazer um teste de reconhecimento do gramado do Maracanã em um jogo de amistoso com o Flamengo sexta-feira passada. O técnico do time do Botafogo fez um comentário de que o Botafogo não pagaria o que tinha no Maracanã. Em Fluminense é tão grande que o Botafogo não vai entrar no campo do Maracanã e não consegue", brinçou Simões, sem se referir ao autor da provocação.

Desimpedida na banheira

Juliana Duarte/Talita

Momento histórico - Há pouco mais de um ano para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, pouco de estar fixo sobre a realidade que moldamos que estávamos debaixo da palmeira em alguns meses. Penso, hoje, de outros aspectos como a nossa história mesmo parte da história dos brasileiros. Mas é claro que tem mesmo o vôlei, quando na primeira fase nacional, tem recebido atenção fora do período olímpico.

VÔLEI

Para fazer história

UFJF pega o São Bernardo e torce por tropeços de rivais para ir aos playoffs da Superliga

Wallace Mattos/Repórter - Dia decisivo que pode ser histórico para a equipe da UFJF na Superliga Masculina de Vôlei. Os locais têm a chance de chegar pela primeira vez aos playoffs da competição nacional e, para isso, precisam confirmar a melhor campanha nas quatro participações do time no torneio. Para vencer, os juizes-atores precisam vencer o compromisso de hoje, contra o São Bernardo, às 21h30, no Ginásio da Faculdade de Educação Física e Desportos (Paqueta), no Campus de Maracanã, em Volta Redonda.

Mesmo enfrentando o lutero, já rebaixado para a Superliga B, a ordem na Federal é ter concentração para cumprir a primeira parte da busca pela vaga. Segundo o técnico juiz-ator Alexandre Foddi, sua equipe pode criar uma situação desfavorável subestimando o oponente. "Não podemos criar uma armadilha para nós mesmos, pensando que o São Bernardo não jogará para valer, devendo a pontuação que tem. O fato de eles virem para se ver responsabilidades, sem terem o que perder na Superliga, torna o jogo perigoso. Então precisamos entrar muito fortes e focados para buscarmos a vitória", recomendou.

Foddi terá seu grupo completo para a decisão de hoje. Depois de desfiar a equipe no último fim de semana com um problema de última hora na colônia, o centro Jailsson, segundo melhor bloqueador da Superliga, trabalhou normalmente durante toda a semana e estará novamente à disposição. Embora o time disputará de outros resultados para avançar, o elenco está com a cabeça no jogo de hoje de forma, como diz o experiente ponteiro

É SIMPLES, É RÁPIDO, É DEMOCRÁTICO, NA PALMA DA SUA MÃO.

ÁREA AZUL DIGITAL, AGORA EM JUIZ DE FORA.

JUIZ DE FORA PRECATORIA

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Área Azul

Avenida Osório Masciel, 45 - Juiz de Fora - MG

Jarom Santa Helena - Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3025-0001



Figura 5 – Destaque para UFJF x São Bernardo no dia 28/02

TUPI X CRUZEIRO

# O jogo que todos querem jogar

Contra um dos maiores do futebol brasileiro, atletas carijós prometem superação para arrancar a vitória e entrar no G4 do Estadual

**WALLACE MATTOS**  
Repórter

Com chance de alcançar o grupo dos quatro primeiros colocados do Campeonato Mineiro, o Tupi faz hoje em Juiz de Fora um dos jogos mais aguardados do Estadual. Como já é tradicional quando um time da capital visita a cidade, o amistoso desta tarde, com início às 16h, pela quinta rodada do torneio, com o Cruzeiro, é esperado por torcedores e jogadores da mesma maneira. Mesmo que a equipe de Belo Horizonte, por conta de compromissos em sequência na Libertadores da América, não esteja com força máxima em campo, para os carijós é especial atuar contra a Raposa, ainda mais se, com uma vitória, os alvinegros poderão chegar ao G4.

Segundo o técnico do Tupi, Felipe Sartan, jogar contra um dos grandes do estado, mesmo sem sua formação titular, é especial, por estar em seus domínios, o Carijó tem a obrigação de tentar o resultado positivo. "Jogos como esse mudam naturalmente o atleta. Independentemente de quem será escolhido para atuar com a camisa do Cruzeiro, terá qualidade. Cabe a nós, que jogamos em casa, buscar uma vitória", determina o treinador, que terá o retorno de seu principal armador, Marco Goiano.

De volta após cumprir suspensão, o camisa 10 destaca a motivação maior em enfrentar um time de expressão no cenário nacional. O meio quer se superar e comandar os carijós rumo à vitória. "É um jogo gostoso de jogar. A gente sempre busca dar algo mais contra um time grande. E diferente, fica absurda, é especial. Esse é meu primeiro jogo contra o Cruzeiro no Campeonato Mineiro e espero poder cumprir meu papel e ajudar a equipe a sair com a vitória, que é o mais importante para seguirmos com tranquilidade na classificação", deseja Goiano. O armador volta ao time na vaga deixada pelo meia Ulisses, com uma lesão na panturrilha. Com isso, Igor pode ser mantido no time. Ainda no meio, o volante Grunah, outro que estava suspenso, retornará ao lugar de Bruno Arrabal.

**Raposa**

Por conta da viagem desastrosa até Sacre, na Bolívia, onde o Cruzeiro esteve na última quarta-feira e empatou de 0 a 0 com o Universitario pela Libertadores, e da proximidade com a partida seguinte pela competição continental - o time de Belo Horizonte evolui na próxima terça-feira o argentino Huracán -, o técnico Marcelo Oliveira vai poupar seu principais titulares. Assim, a Raposa terá em Juiz de Fora um time formado por reservas e jogadores que estão retornando de lesões, casos do atacante Manoel e do lateral-direito Mayke, ou que perderam espaço na equipe principal, como o volante Willian Farias.

**Ingressos e ônibus**

Os ingressos para Tupi x Cruzeiro serão vendidos hoje até o meio-dia na sede social do clube, na Rua José Collor Abreu, 332, no Centro, e no posto da Loja de Futebol de Juiz de Fora, no Colégio da Rua Haldell. Há as bilheterias do Estádio Municipal abertas às 12h. As entradas custam R\$ 40 (meia) e R\$ 20 (meia). A Secretaria de Transporte e Trânsito (Setra) disponibilizará 12 ônibus para a linha 017/Estádio para levar os torcedores ao Mirim Heleno a partir das 13h30, saindo da Avenida Iamar Franco, em frente ao Pão de Açúcar. O desembarque será permitido exclusivamente na rotatória da Rua Eugênio do Nascimento, em frente ao Clube dos Bandeirantes. O último veículo sairá da região da arena local às 18h45. As entradas principais e laterais do estádio serão exclusivas para acesso da torcida do Tupi, enquanto os cruzineiros devem acessar o Estádio Municipal pela entrada do Dum Orange.

TUPI	CRUZEIRO
Golpão: Igor Sávio	22: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	23: M. de Azevedo
Capitão: Igor Sávio	24: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	25: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	26: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	27: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	28: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	29: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	30: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	31: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	32: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	33: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	34: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	35: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	36: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	37: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	38: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	39: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	40: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	41: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	42: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	43: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	44: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	45: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	46: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	47: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	48: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	49: M. de Azevedo
Artilheiro: Igor Sávio	50: M. de Azevedo

**TUPI X CRUZEIRO**  
Esquema de trânsito

- O acesso à Avenida Presidente Iamar Franco para a Avenida Eugênio do Nascimento ficará exclusivo para ônibus urbanos, táxis e autoridades no final da partida. Os veículos particulares serão desviados para o Campus da UFJF. A Avenida Eugênio do Nascimento, entre a Avenida Engenheiro Waldi Pedro Monachesi e Rua Francisco Fayer Sobrinho, ficará reservada para o estacionamento dos ônibus dos torcedores do Cruzeiro. Já a Rua Lúcio Vieira dos Reis ficará destinada a parada de táxis.
- O semáforo da Avenida Presidente Iamar Franco, no Pôrto Sul, ficará ligado no modo intermitente e será proibida a conversão à esquerda dos veículos provenientes da Avenida Eugênio do Nascimento em direção à UFJF.
- Os veículos particulares provenientes da Avenida Eugênio do Nascimento serão desviados para a Avenida Engenheiro Waldi Pedro Monachesi, para acessarem o estacionamento do portão principal do Estádio. Ao término do jogo, a Rua José Loures Vale será fechada, sendo os veículos provenientes do estacionamento do Estádio desviados para a Rua José Apolinário dos Reis, Rua Álvaro José Rodrigues.



Marco Goiano é garantia de qualidade na bola parada

MINEIRO 2015						5ª Rodada			
Primeira fase						Amarelo			
Classificação	P	J	V	E	D	GP	GC		
1ª	Cruzeiro	10	4	3	1	0	9	3	6
2ª	América	10	4	3	1	0	6	3	3
3ª	Atlético	9	4	3	0	1	7	3	4
4ª	Caldense	8	4	2	2	0	10	3	7
5ª	Vila Nova	8	4	2	2	0	4	2	2
6ª	Tupi	6	4	2	0	2	4	5	1
7ª	Tombense	4	4	1	1	2	5	5	0
8ª	U.R.T.	4	4	1	1	2	3	4	1
9ª	Boa Esporte	3	4	1	0	3	4	7	3
10ª	Mamoré	3	4	1	0	3	3	11	8
11ª	Guaraní	2	4	0	2	2	6	4	4
12ª	Democrata-GV	0	4	0	0	4	2	7	5

### NA CBN JUIZ DE FORA A BOLA ROLA MAIS CEDO PARA O CAMPEONATO MINEIRO.

## Tupi X Cruzeiro

Hoje, dia 28 de fevereiro, o futebol é destaque na rádio que toca notícia. A partir das 18 horas, você acompanha todas as emoções do Campeonato Mineiro diretamente do Estádio Mirim Heleno.

8/03

10/03

12/03

14/03

16/03

18/03

20/03

22/03

24/03

26/03

28/03

30/03

1ª Rodada

2ª Rodada

3ª Rodada

4ª Rodada

5ª Rodada

6ª Rodada

7ª Rodada

8ª Rodada

9ª Rodada

10ª Rodada

11ª Rodada

12ª Rodada

13ª Rodada

14ª Rodada

15ª Rodada

16ª Rodada

17ª Rodada

18ª Rodada

19ª Rodada

20ª Rodada

21ª Rodada

22ª Rodada

23ª Rodada

24ª Rodada

25ª Rodada

26ª Rodada

27ª Rodada

28ª Rodada

29ª Rodada

30ª Rodada

Figura 6 – Destaque para Tupi x Cruzeiro no dia 28/02

Na cobertura de esportes da Tribuna ainda há espaço garantido aos quatro grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro e aos dois de Minas Gerais: Atlético-MG, Botafogo, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense e Vasco. Segundo Wendell (Apêndice C), a Tribuna detectou, em uma pesquisa realizada há bastante tempo, que seu leitor fica insatisfeito quando um dos times citados não aparece no jornal. Assim sendo, com a divisão usual das duas

páginas disponíveis em dias de semana, uma fica para o esporte local e mais algumas modalidades esportivas nacionais e a outra para o futebol nacional, com os seis times. O editor acredita que uma página a mais não seria necessária, mas reclama da eventual publicidade: “Queria é não ter que perder espaço para anúncios. Hoje eu estou deixando de dar várias coisas por isso” (Apêndice C), pontuou, no dia da aplicação do questionário.

Em situações especiais, outras editorias cedem repórteres extra, como citado anteriormente. Porém, Wendell afirma (Apêndice C) que poderia dar atenção maior a alguns assuntos caso não tivesse apenas um companheiro fixo em Esportes. O número reduzido de pessoal causa também certas limitações de locomoção e cobertura.

O fato de termos apenas um repórter atrapalha quando temos coisas simultâneas, como um treino para jogo da UFJF e um treino do Tupi no mesmo horário. Aí “me quebra”, tenho um problema de estrutura. Não posso pedir dois fotógrafos. Tenho que pensar: “será que eu tenho uma foto da UFJF ou do Tupi no arquivo que eu possa usar?”. [...] Tenho que sacrificar um ou outro. E não necessariamente eu sacrifico o Vôlei, vai depender do momento e do arquivo. Isso é muito coisa da hora. (Apêndice C)

Para Maurício Bara, o Vôlei UFJF “poderia gerar muito mais notícias do que equipes de futebol do Rio, que já vemos em outros veículos de comunicação” (Apêndice A). O diretor técnico do projeto reforça, ainda, que o esporte local, de forma ampla, poderia ter mais prestígio nas páginas da Tribuna, pois “o veículo da cidade pode dar mais espaço a questões da cidade” (Apêndice A). Maurício se queixa de alguns momentos críticos, quando não entendia por que as notícias não eram publicadas. Mas ressalta que a cobertura melhorou.

Parecia que tinha algo superior tentando bloquear as notícias boas daqui. Sempre minimizavam demais, tanto em termos de tamanho quanto em termos de manchete, as nossas notícias positivas. Não que maximizasse as negativas. Sempre que tinha alguma coisa boa, saía, mas de maneira muito sutil. [...] melhorou um pouco nos últimos anos, mas há coisas a serem exploradas que ainda não são. Acho que, em alguns momentos, a importância de um jogo ou resultado nosso é minimizada. (Apêndice A)

Assessora de imprensa do Projeto, Gilze Bara explica que era fácil perceber que os treinos do Tupi eram acompanhados diariamente, pela frequência de matérias estampadas no jornal; “É incomparável. A cobertura ao Tupi é muito maior, sem dúvida” (Apêndice B). Quando o time de futebol ia entrar em campo, elas se tornavam ainda mais profundas e diversificadas. “E olha que, enquanto o Vôlei UFJF disputava a Superliga Nacional (competição na qual ficou em nono lugar), o Tupi só disputou o Campeonato Mineiro de Futebol (e ficou super mal colocado, diga-se de passagem) ” (Apêndice B). A cobertura

padrão feita sobre o Vôlei, em sua visão, era feita apenas sobre as partidas jogadas, com notícias antes e depois delas. Fora isso, ela se lembra de alguns poucos acontecimentos importantes aos quais o periódico deu atenção, como a troca de técnico no meio da temporada e a formação do time, no início. Gilze chegou a ter conversas com alguns jornalistas da Tribuna, que admitiram não ter espaço suficiente à disposição para detalhar os relatórios sobre as partidas, que, em sua opinião, pecaram pela simplicidade.

Em dia de jogo (eventualmente na véspera) era publicada uma matéria (geralmente pequena) a respeito. E, no dia seguinte, uma matéria com foto sobre o jogo. A Tribuna sempre enviou repórter e fotógrafo aos jogos realizados em Juiz de Fora. Mas as reportagens sobre os jogos sempre foram sucintas. Eles se limitavam a dar as informações gerais sobre a partida e sobre os sets. Não participavam nem das entrevistas coletivas ao final dos jogos. Algumas vezes, no início da Superliga, eu perguntei o motivo dessa não participação nas coletivas. E os repórteres me informaram que o espaço que tinham para noticiar o resultado era pequeno e que não caberia qualquer tipo de análise. (Apêndice B)

Maurício e Gilze (Apêndices A e B) compartilham a opinião de que um acompanhamento diário mais apurado do Vôlei UFJF poderia ser exercido pela Tribuna. O diretor foca o pedido principalmente nas divulgações dos jogos, importantes para atrair o torcedor ao ginásio. Para ele, enquanto o Tupi costuma ter seus compromissos expostos durante vários dias que o antecedem, as informações sobre os da Federal só podem ser lidas pelo torcedor no próprio dia das partidas, característica que, como vimos, foi constatada com os números de nossa análise. “Se saísse alguma coisinha segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado já ajudaria muito” (Apêndice A). O mais lesado com esta informação limitada seria o torcedor que não tem acesso à internet, meio em que, como já expusemos na seção anterior, ocorre a divulgação massiva dos jogos por meio das redes sociais e do site oficial do Projeto.

Para jogos no sábado, várias vezes não saiu nada de terça a sexta. Então, se o cara não lê jornal no sábado, ele não fica sabendo. [...] A quantidade de reclamações que eu recebia, em determinado momento, era absurda. E eu pensava que aquilo não era possível, pois a assessoria mandava releases sobre tudo que acontecia. O Tupi é uma paixão da cidade, tem 103 anos, ok. Mas entendendo o patamar, a gente já vem gerando resultados interessantes que talvez mereçam mais espaço, em respeito à própria sociedade, que precisa ficar sabendo do que está acontecendo por aqui. (Apêndice A)

Gilze (Apêndice B) ressalta que a atenção condizente com a competição disputada não foi dada, ao não se ter uma cobertura diária “que levasse para os leitores mais do dia-a-dia dos atletas e da equipe, que aproximasse mais o público dos jogadores, da Comissão Técnica

e da própria UFJF” (Apêndice B). Segundo ela, havia opções de diversificação de pautas que permitiriam ao veículo ir além dos jogos em suas publicações a respeito do Projeto.

### 5.3 A SUPERLIGA

Nas 24 edições analisadas, a Tribuna de Minas publicou duas vezes a tabela de pontuação geral da Superliga 2014/15, na reapresentação do Vôlei UFJF após o Carnaval e no dia do jogo de fechamento da temporada contra São Bernardo. Já a classificação do Campeonato Mineiro 2015 acompanhou 13 vezes as notícias sobre o Galo Carijó.

Guiducci (Apêndice C) conta que o jornal não cobria a Superliga masculina antes da chegada da equipe juiz-forana à competição e que a feminina ainda não tem espaço nas suas páginas, justamente por não ter um representante local. A entrada do Vôlei UFJF na competição despertou interesse na população local pelo esporte: “A Tribuna, alguns anos atrás, nem pensava em ir cobrir jogo de vôlei às 20h. Hoje é diferente. Pode começar às 21h30, que a gente vai estar lá. Porque tem interesse do leitor” (Apêndice C). Ao comentar a necessidade eventual de um repórter extra, o editor nivela a Série C do Campeonato Brasileiro de futebol ao mesmo patamar da Superliga de Vôlei: “Chegou uma época em que tínhamos futebol, vôlei e handebol na elite. O handebol da ADJF disputando a Copa Brasil, a UFJF disputando Superliga e o Tupi jogando Série C” (Apêndice C).

**UFJF faz 'serão' no carnaval**  
WALLACE MATTOS  
Repórter

Depois da folga de dois dias para o Carnaval, aproveitando a pausa da Superliga para a disputa do Campeonato Sul-Americano de Clubes, o elenco da UFJF se reapresenta amanhã para iniciar a semana de treinos para a primeira de duas partidas decisivas na busca da inédita classificação para os playoffs do torneio. No próximo sábado, os juiz-foranos vão até o interior do Paraná encarar o Ziber/Maringá. Às 19h, pela penúltima rodada da competição nacional, precisando da vitória para, independentemente de qualquer resultado, ter chances de classificação para a sequência da disputa.

Restam apenas duas vagas em disputa nos playoffs, e a UFJF é a nona colocada da competição, com 23 pontos e oito vitórias. O Maringá é o sétimo, com 28 pontos e dez vitórias. Se vencer o jogo por 3 sets a 0 ou 3 a 1, a Federal não só mantém vivo a chama de classificação como segura os próprios paranaenses, que hoje precisam de apenas 1 ponto – uma derrota por 3 a 2 para os juiz-foranos por exemplo – para avançar. Também estão na briga pela classificação o Montes Claros, que tem uma sequência de adversários complicados (veja tabela) e o Vôlei/Paquetá, que tem de vencer ambos os seus compromissos e torcer por uma combinação de resultados.

Vindo de um sequência de três boas vitórias na Superliga, batendo fora de casa o Vôlei/ul, em Juiz de Fora, o Funvic/Taubaté, ambos por 3 sets a 1, além de passar pelo São José dos Campos no interior de São Paulo por 3 a 0, o técnico Alessandro Fadul quer que a Federal continue pensando jogo a jogo, apesar das contus que o torcedor já faz para a classificação. “Temos um confronto pesado nessa volta da Superliga e precisamos confirmar nossa boa fase. Pensamos uma partida por vez. Não adianta nada se os adversários se não fizermos nossa parte, como estamos fazendo. Esquecer quem está na nossa frente e quem está atrás, fazer o nosso melhor e, não tenho dúvidas, o melhor virá para a gente”, confia.

Comandante da UFJF dentro de quadra, o levantador Rodrigo garante foco total na busca pelos playoffs e sabe que a vitória no próximo sábado é fundamental. “Estamos concentrados na busca pela classificação. Por isso, sabemos que vencer o Maringá é fundamental. É disso que vamos em busca. É fazer um trabalho bom nessa semana de preparação, corrigir o que precisa e, principalmente, manter o nível de nossas últimas atuações”, aconselha o camisa 5.

**Bons números**  
Desde que assumiu a UFJF, o técnico Alessandro Fadul comandou a equipe em nove jogos – sete pela Superliga e dois pela Copa Brasil de Vôlei –, com cinco vitórias e quatro derrotas. Seu aproveitamento atual, de 55%, é superior aos 31% do antecessor Carlos Augusto “Chiquita” Oliveira, comandante da Federal em 13 partidas no maior torneio do país em 2014, com nove derrotas e quatro vitórias. Mas o atual treinador juiz-forano sabe que se a classificação não vier, de nada valerão os bons números.

“O trabalho está sendo bom, com aproveitamento que esperamos manter. Nosso objetivo é classificar, e esse aproveitamento que tivemos agora não vai servir de nada, vai cair no esquecimento se não mantivermos isso. Está sendo legal, mas precisamos confirmar isso. Criamos uma oportunidade boa de brigar por uma vaga entre os oito, revertendo uma situação complicada na qual nos encontrávamos, mas agora é hora de manter, sob o risco de sermos esquecidos. Faltam duas rodadas para confirmar tudo que viemos fazendo.”

**Fadul orienta grupo: “jogo e jogo”**

**SUPERLIGA NACIONAL DE VÔLEI Fase classificatória**

Classificação	Equipe	P	J	V	D
1º	Sada Cruzeiro Vôlei	53	20	18	2
2º	Taubaté/Funvic	43	20	15	5
3º	Vôlei Brasil Kirin	42	20	14	6
4º	Sesi-SP	40	20	13	7
5º	Minas Tênis Clube	37	20	14	6
6º	Vôlei Canoas	31	20	10	10
7º	Ziber Maringá Vôlei	28	20	10	10
8º	Montes Claros Vôlei	26	20	8	12
9º	UFJF	23	20	8	12
10º	Vôlei/ul/Paquetá Esportes	22	20	6	14
11º	São José dos Campos	10	20	2	18
12º	São Bernardo Vôlei	5	20	2	18

(P) Pontos. (J) Jogos. (V) Vitórias. (D) Derrotas

**21/2** 2º Turno | 10ª Rodada

Time Local	Equipes
17h   Adb Moisés Dib	São Bernardo Vôlei X Taubaté/Funvic
18h   Vila Leopoldina	Sesi-SP X São José dos Campos
18h   Poliesportivo La Salle	Vôlei Canoas X Vôlei/ul/Paquetá Esportes
18h30   Chico Neto	Ziber Maringá Vôlei X UFJF
19h   Tancredo Neves	Montes Claros Vôlei X Minas Tênis Clube
21h30   Taquaral	Vôlei Brasil Kirin X Sada Cruzeiro Vôlei

**28/2** 2º Turno | 11ª Rodada

21h20   Soc. Ginástica	Vôlei/ul/Paquetá Esportes X Minas Tênis Clube
21h30   Chico Neto	Ziber Maringá Vôlei X São José dos Campos
21h30   UFJF	UFJF X São Bernardo Vôlei
21h30   Albaté	Taubaté/Funvic X Vôlei Canoas
21h30   Tancredo Neves	Montes Claros Vôlei X Vôlei Brasil Kirin
21h30   Riacho	Sada Cruzeiro Vôlei X Sesi-SP

Figura 7 – Tribuna estampou duas vezes a tabela de classificação da Superliga 2014/15

### Empate e decepção

Na volta dos vestiários, o Tupi tinha Hugo Sanches como novidade no lugar de Ulisses Latéral-direito do elenco, o jogador foi colocado pelo técnico Felipe Sartian para explorar os espaços do lado direito juntamente com Omar. Já América era o mesmo que terminou a primeira etapa. Começando em cima para tentar empatar, o Tupi teve seu primeiro bom lance aos 2 minutos. Marco Golano cobrou escanteio da direita, e Danilo cabeceou para fora com o pé errado após a falha de João Ricardo na saída da meta.

O Atlético tentava fazer o tempo passar já no início da segunda etapa. O Tupi seguiu pressionando, mas abusando das bolas aéreas, facilitando as cartas da defesa visitante. Aos 21 minutos, o Coelho trocou de novo, com Hedrinho entrando na vaga do caçador de gols Rodrigo Silva. Parecendo nervoso, o time da casa começou a entrar no jogo que favorecia à equipe da capital, tentando ligações diretas e precipitando passes, favorecendo a armação de contra-ataques.

Já com Douglas Depo no lugar do volante Diego Lorenzi, o Coelho passou a tocar mais a bola. Mas após saída atrapalhada da zaga aos 29 minutos, Hugo Sanches aproveitou de cabeça para a pequena área, e Danilo Morais foi derrubado quando ia marcar. Pênalti assinalado pelo árbitro Gustavo Barbosa. Na cobrança, o camisa 9 carião marcou seu primeiro gol em partidas oficiais pelo Tupi, colocando o placar em 1 a 1. Em busca da virada, Sartian mandou a campo o centroavante Ademilson e o meia Vigar nas vagas do volante Genáudio e do Triguariano.

A pressão do Tupi aumentou, mas quem chegou ao segundo foi o Atlético. Aos 37 minutos, Depo lançou Ribertinho que entrou livre e tocou na saída de Clayton para fazer 2 a 1. Com a vantagem, o Coelho passou a controlar a posse de bola, e o time juiz-forano não conseguia recuar a rapidamente e nem construir as jogadas. Danilo Morais teve boa chance, mas cabeceou para fora aos 46 minutos. No minuto seguinte, o ex-carião Wesley Matos foi expulso pelo segundo amarelo no fim da capital. Desta maneira, o jogo terminou mesmo com vitória dos visitantes.



Danilo Morais marcou seu 1º gol pelo Tupi, mas não evitou a derrota

---

### Atlético vence Democrata-GV

**Belo Horizonte (Zezeta Press) - O Galo recebeu o Democrata-GV inteiro, no Independência, e os atletas venceram por 2 a 1, mantendo o aproveitamento de 100% no Campeonato Mineiro. O primeiro gol do jogo foi anotado pelo argentino Dátolo. No segundo tempo, Liam também balançou as redes, e João Paulo descontou. A única novidade ruim para a torcida do Galo é que o lateral Marcos Rocha e o atacante Lucas Pratto deixaram o campo lesionados ainda no primeiro tempo e foram vetados para a estreia da Libertadores.**

Jogando no Horto, com o apoio da torcida, o Atlético-MG rapidamente tomou conta da partida. A abertura do marcador não demorou a acontecer. Aos oito minutos, Pedro Botelho foi à linha de fundo e robou para ao segundo Dátolo, que teve tranquilidade para finalizar cruzado, sem chances para o goleiro Fábio Noronha, explodindo o Independência em alegria. Em tempos de crise hídrica, Dátolo adota a companhia para economizar água com uma comemoração especial.

O time do técnico Gilmar Estevam encontrou muita dificuldade para conseguir sair do campo de defesa. Os motivos do problema na Pantera ficaram bem claros, falta de qualidade técnica e a pressão dos jogadores do Galo marcando os defensores do Democrata-GV. Com o controle total da partida, o Atlético-MG se deu o luxo de diminuir o ritmo inicial.

O segundo gol do Atlético-MG deu ainda mais tranqüilidade para a torcida. Aos sete minutos, Dátolo acertou cruzamento na cabeça de Liam, que tentou para o chão, sem chances para Fábio Noronha, dilatando a cobrança no Espeto. Corra pedro atleta lesionado, Levir Culpi acabou adiantando a estreia do colorista Fábio Galvão. Encerrando parte da torcida que esperava ver o jogador em campo.

Administrando a vantagem, o Atlético-MG parou de exercer manobra sob pressão em cima da Pantera, o que permitiu ao time da Gilmar Estevam ameaçar o goleiro Victor em algumas ocasiões, até que aos 45, João Paulo marcou o gol de honra dos visitantes.

### MINEIRO 2015 Primeira fase

Classificação	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Atlético-MG	9	3	0	0	6	1	5	
2º Cruzeiro	7	3	2	1	0	6	3	
3º América-MG	7	3	2	1	0	4	2	
4º Vila Nova-MG	7	3	2	1	0	4	2	
5º Caldense	5	3	1	2	0	8	3	5
6º Boa Esporte	3	3	1	0	2	4	4	0
7º URT	3	3	1	0	2	3	4	-1
8º Tupi-MG	3	3	1	0	2	3	5	-2
9º Mamoré	3	3	1	0	2	2	8	-6
10º Guarani-MG	2	3	0	2	1	2	4	-2
11º Tombense	1	3	0	1	2	2	4	-2
12º Democrata GV	0	3	0	0	3	6	-4	

**11/02 3ª Rodada**  
Zezeta Maici (Amor de Calor) 1:0 Q1 Mamoré  
Derrani 1:3 Cruzeiro

**12/02**  
Ronaldo Calense 1:1 Tombense

**Ontem**  
Municipal Tupi 1:2 América  
Castor Oliveira Vila Nova 2:1 Boa Esporte  
Independência Atlético 2:1 Democrata-GV

**21/02 4ª Rodada**  
FRA Tombense 3:0 Mamoré  
FRA Ronaldo Caldense 3:0 Guarani  
BRSO Mineiro Cruzeiro 1:0 Boa Esporte

**22/02**  
10) Independência América 3:0 Atlético  
10) Mamoré Democrata-GV 1:1 Tupi  
10) Larra Marci 1:0 1:1 Vila Nova

Figura 8 – Classificação do Campeonato Mineiro saiu 13 vezes no jornal

Maurício Bara pensa que a imprensa, assim como o juiz-forano de uma maneira geral, “ainda não entendeu muito bem a dimensão de uma Superliga” (Apêndice A). Ele enxerga duas fases diferentes de resposta das pessoas. Na primeira, nos anos iniciais de disputa do campeonato, o ginásio ficava lotado pela novidade completa, e o torcedor comparecia para ver as equipes visitantes: “Para ver o Dante, o Sesi com o Giovane, o Cruzeiro. A gente não ganhava, mas confrontava” (Apêndice A). Mais tarde, começou-se a criar uma torcida fiel, ainda não numerosa, mas que já acompanha todos os jogos. Porém, grandes públicos só comparecem quando a fase é boa.

[...] ficamos na mesma dependência de resultados que o Tupi tem. Quando estamos bem, o público comparece. Quando estamos mal, só vem o público fiel, que gosta, que participa, que vai, mas não é muito numeroso ainda. [...] A gente teve respostas legais em momentos esportivamente dramáticos. O público veio e nos incentivou. Mas são mais aqueles 200, 300 fiéis, que sempre vêm. (Apêndice A)

Gilze questiona a importância dada pela Tribuna à Superliga, equivalente à Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. “Imagine o Tupi, por exemplo, disputando o Brasileirão Série A? A divulgação seria massiva.... Enquanto o Vôlei UFJF, apesar de ser a nona melhor equipe brasileira, não teve uma divulgação efetiva nem na imprensa juiz-forana” (Apêndice B).



Analisaremos, a seguir, aspectos da cobertura da Tribuna de Minas sobre três partidas específicas do Vôlei UFJF na Superliga 2014/15.

### 5.3.1 Vitória contra Taubaté

No dia 5 de fevereiro, a Federal recebeu e venceu, em virada dramática, o Funvic/Taubaté, candidato ao título, que tinha entre seus jogadores o ponteiro campeão olímpico Dante e o central Sidão, então titular da seleção brasileira. No dia seguinte, a matéria sobre a partida, intitulada “UFJF derruba outro gigante”, ganhou 360cm<sup>2</sup> nas páginas da Tribuna de Minas, ao passo em que uma reportagem sobre a ação judicial do jogador Ademilson contra o Tupi foi o destaque da editoria de esportes, ocupando 608cm<sup>2</sup>, espaço quase 60% maior.



Figura 9 – Página de esportes da edição de 5 de fevereiro da Tribuna de Minas

Para Maurício Bara (Apêndice A), assuntos não tão importantes quanto uma vitória heroica na Superliga são, por vezes, priorizados: “Nisso aí o futebol atrapalha, mas a gente tem que conviver. Futebol não é esporte, é religião. Então ele acaba ocupando muito espaço” (Apêndice A). O diretor vê uma tendência de modificação dessa característica com o tempo, com a recuperação de uma cultura de apreciação do voleibol na cidade.

### 5.3.2 A vitória ou o abismo

Em 21 de fevereiro, a Federal entrava em quadra, em Maringá (PR), para um confronto importante para seu futuro na competição. Porém, mesmo perdendo, a equipe ainda mantinha chances concretas de classificação à próxima fase, já que havia ainda um último jogo em casa. A Tribuna de Minas estampou o título “A vitória ou o abismo”, o que causou surpresa em Maurício Bara.

Abismo? Nós não vamos cair no abismo! Tudo bem. O mesmo jogo, tratado pela mídia especializada do voleibol, no caso o site Espaço do Vôlei, muito conceituado, teve a manchete ‘O jogo mais importante da rodada’. Todo mundo queria saber como seria UFJF contra Maringá. Podia classificar Maringá, nos eliminar, nos deixar com a classificação na mão. E aqui foi considerado como um abismo. (Apêndice A)

The image shows a newspaper clipping from 'Tribuna de Minas' with the headline 'A vitória ou o abismo' under the 'SUPERLIGA' banner. The sub-headline reads 'Embalada por sequência de êxitos, UFJF enfrenta o Ziober/Maringá na penúltima rodada da fase classificatória'. The article is by Wallace Mattos, a reporter. The main text discusses the team's performance and the stakes of the match. A photo shows a volleyball player in a white jersey (Sérgio) jumping to hit the ball. A caption below the photo says 'No encontro em JF, Sérgio foi o maior pontuador da partida'. To the right of the photo is a 'Chance' section with a quote from Maurício Bara. At the bottom, there is a small text block mentioning the match's context.

**WALLACE MATTOS**  
Repórter

Querendo continuar a arancada injetada antes da partida da Superliga Masculina de Vôlei 2014/2015, a equipe da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) tem compromisso hoje no interior do Paraná. Buscando a quarta vitória em sequência na competição, o time local - que bateu o Vôleisul/Paqueta fora, o Puvic/Taubaté em casa, e o São José também longe do Campus nos últimos três dias - agora encara o Ziober/Maringá, às 18h30, no Ginásio Cháris Neves, na penúltima série de jogos do torneio.

Para levar até a última rodada a briga por uma vaga entre os oito times que avançam aos playoffs da competição nacional, principal objetivo nesta temporada, os juiz-foranos, atualmente na nona posição da tabela, com 23 pontos, precisam da vitória por qualquer placar. A missão promete não ser fácil, porque o próprio Maringá ainda não garantiu sua classificação. Os paranaenses estão na sétima colocação, com 28 pontos. Se somarem mais 1, com uma derrota por 3 sets a 2 esta noite, avançam.

Como a partida acontece após uma paralisação de 15 dias sem jogos na Superliga - período no qual a UFJF venceu dois amistosos com o Uninor/Três Corações -, a preocupação da comissão técnica e dos jogadores da Federal, foi manter o embalo.

Como explica o oponente Bergama, as lérias da atual temporada têm que estar na cabeça para isso acontecer. "Estamos bastante focados, o Fadul cobrou bastante nos últimos dias. Por nós, teríamos jogado na quarta-feira da semana passada para matar logo essa situação. Mas teve o Sul-Americano, todos os times pararam, e saímos todos da mesma situação. Aconteceu aqui conosco antes do jogo de Montes Claros (quando a Superliga deu uma pausa para a disputa das finais da Copa Brasil de Vôlei) e não nos demos muito bem. Desta vez é ter atenção redobrada e ir para lá para brigar e atuar como fizemos contra eles em casa, quando ganhamos de 3 a 0", lembra o jogador.

**Chance**  
Como foi a tônica das últimas rodadas, a ordem na Federal é esquecer a tabela por enquanto e se concentrar em bater os oponentes. Segundo Bergama, o grupo está encerrando a possibilidade de avançar aos playoffs como fruto da mentalidade implantada após uma derrota amarga em casa. "É uma oportunidade boa. Quando perdemos para Montes Claros em Juiz de Fora, a situação ficou muito difícil para nós. Mas conseguimos as três vitórias em sequência que nos colocaram novamente na briga justamente com esse pensamento jogando. Agora temos essa chance e vamos em busca da classificação. Nessa partida com o Maringá, o importante é vencer e somar pontos, mas ainda dependeremos do resultado de Montes Claros. Por isso é melhor fazermos nossa parte para, depois da rodada, nos preocuparmos com a colocação", diz o oponente.

Caso vença o Maringá por 3 sets a 0 ou 3 a 1, a UFJF pode até terminar a rodada dentro do grupo dos oito melhores colocados da Superliga. Para isso, teria que contar também com uma derrota do Montes Claros para o Camponesa/Minas Tênis Clube, no Norte de Minas, em partida que acontece hoje, às 19h. Mas as chances da Federal de avançar também podem terminar esta noite. Se os juiz-foranos perderem e o Montes Claros fizer 3 pontos sobre o Minas, os locais não terão mais como alcançar a zona de classificação para os playoffs.

**No encontro em JF, Sérgio foi o maior pontuador da partida**

Figura 10 – Matéria sobre Vôlei UFJF x Ziober Maringá, no dia 21 de fevereiro

**ESPAÇO DO VÔLEI**  
Informações sobre Voleibol Masculino Brasileiro de Alto Rendimento

HOME CLUBES SUPERLIGA SUPERLIGA B CAMPEONATOS SELEÇÃO ESPECIAIS CONTATO

SÁBADO, 21 DE FEVEREIRO DE 2015

PESQUISAR NO ESPAÇO DO VÔLEI

(Superliga) UFJF e Ziober/Maringá fazem principal jogo do sábado

O principal jogo da 10ª rodada do retorno da Superliga 2014/2015 não será pelas primeiras posições, mas sim por uma vaga nos playoffs. Neste sábado, às 19h30min, o Ziober/Maringá encara a UFJF, no ginásio Chico Neto, e os dois times disputam um lugar no G-8. Os paranaenses estão na sétima posição, com 28 pontos, enquanto a equipe mineira aparece no nono lugar, com 23 pontos.

Entre as duas equipes está Montes Claros, na oitava colocação, com 26 pontos, que enfrenta na rodada o Minas Tênis Clube. Uma vitória da UFJF, combinada a uma derrota do Pequi Atlético, poderá levar a um empate entre as equipes, que iriam para a última rodada da Superliga com a mesma quantidade de pontos e lutando pela última vaga nos playoffs. Essa é a prioridade de todos no time de Juiz de Fora.

"A partida será muito difícil, não só por ser fora de casa, mas por enfrentarmos um grande time. Nosso grupo está consolidado e preparado para este desafio importante para ambas as equipes, já que o resultado positivo poderá encaixinar uma possível classificação para aquela que sair vencedora. Esperamos um confronto extremamente equilibrado e difícil, mas temos a confiança de um bom desempenho. Temos a Maringá fazer uma boa partida e buscar a vitória, que é o nosso principal objetivo", declarou o técnico Alessandro Fadul.

"Será uma partida difícilíssima, contra um grande time. Temos que buscar o que nos interessa, que é a vitória. Qualquer atleta que realmente goste de esporte espera por este momento de decisão, e mais um deles chegou. Temos que entrar para jogar nossa vida dentro da competição", disse o diretor técnico Maurício Bara.

No Ziober/Maringá o objetivo é conquistar a vitória e garantir com antecedência a vaga nos playoffs. Se vencer dois sets já estará garantido na próxima fase, mas o discurso do técnico Horácio Dileo e dos jogadores é de vencer a partida e ainda busca uma melhor posição, no caso o sexto lugar hoje ocupado pelo Canoas Vôlei para fugir de um confronto contra Sada/Cruzeiro ou Funvivo/Taubaté.

"A Superliga parou duas semanas. Nesse período deu para os times descansarem e treinarem. Não fizemos diferente e queremos duas vitórias para pegar nos playoffs adversários teoricamente menos fortes", disse o líbero Tiago Brendle ao jornal O Diário.

**Equipes:**  
Ziober/Maringá: Ricardinho, Rivaldo, Mudo, Bomba, Diogo, Renato e Tiago Brendle (líbero)  
Técnico: Horácio Dileo  
UFJF: Ialisson, Sérgio, Victor Hugo, Manius, Bergamo, Rodrigo e Fábio Paes (líbero)  
Técnico: Alessandro Fadul  
foto: Alexandre Amuda/CBV

Find us on Facebook  
Espaço do Vôlei  
You like this.  
You and 3,486 others like Espaço do Vôlei.  
Facebook: socieipughi

Tweets  
Espaço do Vôlei @espacodovolei 1h  
@VoleiTeubate segue treinos com novo capitão  
espacodovolei.com/2015/05/funvic...  
Espaço do Vôlei @espacodovolei 1h  
Troféu Bandeirantes começa nesta quarta-feira e vai até setembro  
espacodovolei.com/2015/05/trofeu...  
Tweet to @espacodovolei

Figura 11 – Matéria do site Espaço do Vôlei teve angulação diferente

Para o diretor técnico do Vôlei UFJF, mesmo se houvesse a eliminação da competição naquele jogo, a nona colocação nacional não poderia ser considerada um abismo.

### 5.3.3 Repercussão?

A Federal recebeu São Bernardo na noite do dia 28 de fevereiro, como já citamos anteriormente, para o último jogo da temporada. Havia chances, pequenas, de classificação, pela dependência da combinação de outros resultados, além da vitória do time de Juiz de Fora. Com grande mobilização na divulgação da partida durante a semana, o torcedor compareceu e esgotou a capacidade do ginásio. Para Maurício Bara, a imprensa teve grande responsabilidade no processo. “A gente conseguiu veiculação de chamada de apoio durante toda a semana na TV, e muita gente diferente foi ao jogo. O clima no ginásio estava diferente, porque tinha gente nova, que veio para torcer e incentivar” (Apêndice A). A Tribuna de Minas, porém, durante a semana que antecedeu o esperado confronto, se limitou a divulgar uma matéria de 210 cm<sup>2</sup> na terça-feira e uma maior, de 500cm<sup>2</sup>, acompanhada da coluna de opinião, que ocupou 117cm<sup>2</sup>, somente no próprio sábado.

A Federal venceu o jogo por 3x0, com apoio intenso do torcedor, e alcançou seu melhor resultado em Superligas e a nona colocação, mesmo não conquistando a “sonhada” classificação. O Tupi perdeu para um time misto do Cruzeiro, com vários jogadores reservas, por 3x0. O editor Wendell Guiducci (Apêndice C) ressalta que o acontecimento positivo, para o esporte, diferente das outras editoriais, tem mais valor.

Quando todo mundo perde, é péssimo fazer chamada, muito ruim. Porque o leitor quer ler a coisa boa. A não ser que seja um 7x1! Aí é uma coisa retumbante! Uma hecatombe, o apocalipse; um caso muito específico. O leitor não quer ler derrota. Quando o seu time perde, você não compra jornal, não assiste mesa redonda e não fica ouvindo rádio. Você não quer saber de nada. (Apêndice C)

Na coluna de esportes do dia seguinte, porém, o Carijó ganhou uma matéria de 840cm<sup>2</sup>, incluindo foto, enquanto o feito do Vôlei UFJF não teve espaço, nem mesmo com uma nota simples.



Figura 12 – Matéria sobre Tupi x Cruzeiro no dia 01 de março

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Tribuna de Minas, os acontecimentos ligados ao Tupi e, de uma forma geral, ao futebol, adquirem relevância maior do que a maioria absoluta das notícias ligadas a outras modalidades esportivas, como o vôlei. As diferenças de espaço dedicado, volume de notícias e especialização da cobertura entre o time e o Vôlei UFJF são perceptíveis a “olho nu” para qualquer leitor diário do jornal. Torna-se necessária, entretanto, uma análise mais abrangente quanto ao contexto histórico-cultural em que estamos inseridos, aos critérios de noticiabilidade do veículo, sua estrutura física e os recursos humanos que dedica à editoria de esportes, a aspectos técnicos das matérias produzidas e à resposta do público juiz-forano, para tentarmos entender as razões que motivam as disparidades citadas. Este foi nosso estudo.

Há uma relação íntima e muito bem estabelecida entre o esporte bretão e a imprensa esportiva brasileira. O futebol já chegou derrubando tudo; fez com que o turfe, as regatas e o ciclismo fossem varridos aos poucos das preferências do brasileiro. O sujeito não precisava de hipódromo, cavalo, lagoa, barco, pista ou bicicleta para jogar bola. Apenas ela se fazia necessária. Mas por que o futebol e não o boxe ou o basquete, que também não exigiam muita estrutura ou materiais específicos? Cada pesquisador tem a sua forma de explicar a preferência. Alguns a relacionam a fatores socioeconômicos brasileiros, outros dizem que ele chegou no momento certo. Até mesmo a similaridade com a prática da capoeira – quanto ao uso das pernas – forma uma das hipóteses. Mas há um consenso entre os teóricos da história do futebol no Brasil: a imprensa teve papel fundamental para que a moda pegasse.

Durante o processo de produção deste trabalho, ficou latente um slogan utilizado em peças publicitárias dos biscoitos Tostines, nas décadas de 80 e 90 do século passado: *Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?* A brincadeira se referia ao grande volume de vendas do produto, que permaneceria por pouco tempo nas prateleiras antes de ser adquirido, o que não possibilitaria sua degradação. Portanto, os personagens do comercial em questão não sabiam qual premissa originava a outra.

Trazendo para a questão da popularização do futebol no Brasil e o papel da mídia no processo, propomos um paralelo: os veículos de comunicação dão maior atenção ao futebol por este ser a grande paixão nacional ou o jogo adquiriu tal status devido à extrema divulgação feita e à atenção dada pelos nossos meios noticiosos? Pensamos que, assim como no caso do biscoito, aqui também há atuação conjunta das duas premissas, em proporções que não podemos aferir.

O fator cultural prepondera. Com o favoritismo exacerbado do brasileiro e, no caso da Tribuna, do leitor juiz-forano pelo futebol, o importante e o interessante, esmiuçados como interesse público e interesse do público, acabam suprimindo todos os outros valores-notícia no processo de seleção utilizado pelo jornal, como relatado pelo próprio editor de esportes. Assim, proximidade, atualidade, identificação social e humana, ineditismo e intensidade pouco aparecem como âncoras das notícias, participando mais em um segundo plano.

Há riscos em se adotar esse processo de escolha como metodologia padrão, entretanto. Faremos aqui mais uma divagação. No campo do marketing, usa-se o termo miopia para casos em que uma empresa só consegue enxergar os próprios louros e/ou o sucesso de um de seus artigos. O ambiente externo é ignorado e a instituição fica “parada no tempo”, enquanto os concorrentes se desenvolvem e novas tendências tecnológicas surgem, podendo causar o obsoletismo de produtos e prejuízos irreversíveis.

Adotando apenas a questão cultural como justificativa para atribuições de espaço e vozes, um veículo de comunicação também corre o risco de ficar míope. Para evitar isso, se tornam necessárias constantes pesquisas de interesse do público consumidor, além de medição de feedback e uma equipe que esteja o tempo todo ligada no que acontece em cenários regionais, nacionais e mundiais. O mesmo vale para as assessorias de comunicação, que devem procurar – também por meio de levantamentos e atualização constante de conceitos – formas originais de valorizar o produto que representam e torná-lo notável no dia-a-dia, conquistando públicos antes não atingidos e consolidando aquele já fiel.

Uma nova realidade é construída a cada dia nas páginas de um jornal. Os acontecimentos ali estampados representam apenas um de infinitos recortes possíveis da realidade. Se cada um dos mais de 550 mil<sup>12</sup> moradores de Juiz de Fora pudesse escolher o que seria veiculado em uma edição da Tribuna, muito provavelmente não teríamos nem uma página semelhante nas numerosas edições. Isso acontece porque cada pessoa tem a sua visão da realidade, relacionada àquilo que mais vive em seu cotidiano, às dificuldades e aos problemas que consegue identificar e às belas paisagens que observa. E é aí que entra a função do jornalista, a de saber enxergar o que é importante para o coletivo, e não para ele. Entram aí também fundamentos importantíssimos: busca pela informação, objetividade e imparcialidade, que todos devemos ter como guias no exercício da profissão – e na vida.

---

<sup>12</sup> Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313670>. Acesso em 24/06/2015.

Os recortes da realidade nos levam a outro dilema bastante discutido no campo da comunicação: jornalista x assessor de imprensa. Para o assessor de imprensa, como para qualquer outra pessoa que cumpra sua função na sociedade, o objeto de seu esforço diário sempre tende a ter grandes valores noticiosos. É natural, por exemplo, que não ache justo o espaço destinado a seu clube quando comparado a outro, em disputas de proporções diferentes. O jornalista, porém, está inserido em um outro ambiente, em que vários processos internos e externos à redação atuam na definição de prioridades. Uma relação saudável deve existir para que ambos consigam se entender, um ao outro. Carecem de ser bem marcados os limites saudáveis para a convivência, a fim de se evitar que o jornal possa servir como espaço publicitário ou que, ao invés disso, varra fatos relevantes de suas páginas.

O esporte no Brasil vive momento crítico. O futebol e o voleibol, modalidades chave para este trabalho e que já renderam ao nosso povo conquistas importantíssimas e momentos de extremo ufanismo e orgulho verde-amarelo, estão em xeque. Recentemente, feridas de ambos – que já existem desde sabe-se lá quando – foram expostas ao público em escândalos de corrupção ligados à FIFA, à CBF e à CBV, entidades que se mostram exclusivamente controladoras e não incentivadoras. A um ano das Olimpíadas do Rio, as obras demonstram uma série de problemas, que também apareceram na construção dos estádios para a Copa do Mundo de 2014. A formação de atletas para as modalidades olímpicas, principalmente as individuais, já capenga há muitos e muitos anos com a falta de incentivo público e privado. Para se destacar por aqui, só sendo um verdadeiro herói perante as dificuldades estruturais e de formação humana, que quase impossibilitam qualquer sonho.

No cenário citado, jornalistas, assessores de imprensa, jogadores, treinadores, dirigentes e quaisquer outras pessoas que tenham o esporte como paixão e objeto de trabalho têm a obrigação, como cidadãos e brasileiros, de estudar, se informar e lutar por mudanças. Como apontou Wendell Guiducci, editor de Esportes da Tribuna de Minas, o esporte carrega belíssimos valores humanos. Cada um de nós, com sua respectiva função, deve procurar fomentar iniciativas, de alto rendimento ou não, que prezem por esses valores. Sendo míopes e ficando inertes ao modo como as coisas costumam funcionar no Brasil, viramos apenas estatística e contribuímos para a manutenção do sistema. Chega de 7x1.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ARNT, Hérís. *Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais*. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1afd5a712c7cd14a1199a27ab1defe9c.pdf> Acesso em 14 abr. 2015.
- BAHIA, Juarez. *As técnicas do jornalismo*. In: *Jornal, história e técnica – vol.2*. 5.ed. São Paulo: Mauad X, 2009.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*; 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. *O futebol midiático; uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos*. Mestrado em Comunicação. São Paulo: Cásper Líbero, 2008. Disponível em <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/04-O-futebol-midiatico.pdf> Acesso em 3 abr. 2015
- CANAVILHAS, João; SANTANA, Douglas C. *Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011: da autonomia à emancipação*. São Paulo: Líbero, 2011. Disponível em: <https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/688/1/jornalismoparaplataformasmoveis.pdf> Acesso em 15 abr. 2015.
- COUTO, Paloma Rodrigues Destro. *A questão do agendamento da Tribuna de Minas e da Acessa.com sobre o aumento da passagem de ônibus em Juiz de Fora em 2010*. In: 8º Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora: UFJF, 2010. Disponível em <http://www.petfacomufjf.com/wordpress/arquivos/artigos/TRABALHOPALOMA.pdf> Acesso em 22 jun 2015.
- DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio; notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. In: Revista USP, n. 22. São Paulo: USP, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/26954/28732> Acesso em 15 abr. 2015.
- DEL BIANCO, Nelia R. *A internet como fator de mudança no jornalismo*. São Paulo: 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf> Acesso em 14 abr. 2015.
- FERNANDES, Mario Luiz. *A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade*. In: IX Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Araçatuba: 2004. Disponível em [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/4/40/GT1-16\\_-\\_A\\_forca\\_da\\_noticia\\_local-Mario.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/4/40/GT1-16_-_A_forca_da_noticia_local-Mario.pdf) Acesso em 19 maio 2015.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda; o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.



GUERRA, Márcio de Oliveira. *Rádio x TV: o jogo da narração*; a imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. *A invenção do país do futebol*; mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1982. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/86086584/Nilson-Lage-Ideologia-e-Tecnica-da-Noticia#scribd> Acesso em 18 maio 2015.

MELO NETO, Francisco Paulo de. *Marketing esportivo: o valor do esporte no século XXI*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

NEDER, Vinicius. *Reflexões teóricas sobre a prática jornalística: três conceitos*. In: Revista Ícone – vol. 11, n. 2. Recife: UFPE, 2009. Disponível em <http://revistaicone.hipermoderno.com.br/index.php/icone/article/viewFile/58/54> Acesso em 1 maior 2015.

NEGRÃO, João José de Oliveira. *O jornalismo e a construção da hegemonia*. São Paulo: PUC, 2005. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/negrao-joao-jornalismo-construcao-hegemonia.pdf> Acesso em 5 maio 2015.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*; histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro nome, 2007.

ROCCO JUNIOR, Ary José. *Novas tecnologias e as torcidas virtuais*; a transformação da cultura do futebol no século XXI. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Intercom, 2003. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP18\\_rocco.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP18_rocco.pdf) Acesso em 15 abr. 2015.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. *Jornalismo do interior: características, estigmas e seu papel na sociedade*. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: UFOP, 2013. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/jornalismo-do-interior-caracteristicas-estigmas-e-seu-papel-na-sociedade> Acesso em 19 maio 2015.

SILVA, Gislene. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. In: Estudos de jornalismo e mídia – vol. 2, n. 1. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/download/5931/5402> Acesso em 1 maio 2015

UNZELTE, Celso. *Jornalismo esportivo*; relatos de uma paixão. Magaly Prado (org.). São Paulo: Saraiva, 2009.

VIZEU, Alfredo. *O jornalismo e as “teorias intermediárias”*; cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso (AD). In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte: Intercom, 2003. Disponível em

[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_vizeu.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_vizeu.pdf) Acesso em 7 maio 2015.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MAURÍCIO GATTÁS BARA FILHO – DIRETOR TÉCNICO DO PROJETO VÔLEI UFJF E DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFJF

#### *Como surgiu a ideia do Projeto Vôlei UFJF?*

Surgiu de uma necessidade da Faculdade de Educação Física que alguns professores notavam. Nós auxiliávamos muitos projetos fora da UFJF. Por exemplo, em 2007, eu e o professor Marcelo Matta prestamos uma consultoria para a preparação física do Tupi. E o mesmo em relação a várias equipes amadoras de Juiz de Fora entre 1999 e 2004. No ano de 2007, em certo momento, parei para pensar: "poxa, mas se estamos prestando isso externamente, de maneira voluntária, por que não desenvolver um projeto esportivo com característica de extensão e que possibilite ao nosso aluno fazer estágio, pesquisa e vivenciar o esporte de rendimento dentro da faculdade?". Eu notava que os projetos que a gente participava não tinham continuidade e a gente não conseguia colocar em prática tudo aquilo que gostaria, que estuda e vivencia. Surgiu então a ideia de fazer um projeto dentro da universidade, quando pensei no voleibol. Primeiro porque eu tive vivência como preparador físico e assistente técnico em equipes amadoras de vôlei da cidade; segundo porque eu achava que a cidade precisava, estava muito carente em relação a esse esporte. Além de um histórico familiar importante ligado à modalidade e de a Faefid [Faculdade de Educação Física e Desportos] abrigar as condições necessárias para a sua prática. A motivação do início foi essa, essa carência e a necessidade de se implementar algo aqui dentro da Universidade, podendo atingir todas as faculdades – Fisioterapia, Comunicação, Biologia, Medicina, Administração, etc. Em 2007 aprovamos internamente o projeto e em janeiro de 2008 começamos com as atividades propriamente ditas. Em 2010 foi concluída uma reforma estrutural muito importante na Faculdade, que contribuiu também com o crescimento do projeto.

#### *E como ela foi colocada em prática?*

O início foi duro, como em qualquer projeto. Mas a gente tinha infraestrutura básica – antes da reforma ainda não era a ideal, mas já possibilitava a prática do voleibol – e recursos humanos. Eu ficava muito sobrecarregado no início com o acúmulo de funções. No primeiro ano, em 2008, nossa meta era jogar os Jogos do Interior de Minas Gerais, que hoje são os Jogos de Minas Gerais, e participar de competições regionais. Conseguimos também jogar o Campeonato Mineiro adulto. Havia 17 anos que Juiz de Fora não tinha representante

na competição. Eram metas muito realistas para aquele momento, e conseguimos cumpri-las. Em 2009 fizemos basicamente o mesmo, além de participar da Liga Nacional, então segunda divisão, que hoje se chama Superliga B. Vimos que havia a possibilidade, nos inscrevemos e jogamos. Sempre crescemos dentro das nossas limitações, tentando ir até onde podíamos chegar.

*O modelo de estruturação e funcionamento do projeto é diferente do que usualmente se faz no Brasil. Como ele foi pensado?*

É um projeto que atinge três pilares: ensino, pois há uma relação direta com as disciplinas; extensão, porque possibilita contato e treinamento profissional; e pesquisa, com todo o banco de dados que geramos. No pilar do ensino, já fizemos 25 cursos gratuitos de capacitação de pessoas em relação ao voleibol. A comissão técnica é responsável por isso, se preparando e dando os cursos. Ele é diferente porque as universidades federais brasileiras nunca se ligaram diretamente ao desenvolvimento do esporte. A maioria se limita, naturalmente, a equipes que envolvam somente universitários. Geralmente o aluno precisa sair para um estágio para conseguir aplicar o conhecimento. Nosso modelo possibilita gerá-lo e aplicá-lo, num mesmo ambiente, simultaneamente. Ele erra e acerta instantaneamente. De uma certa forma o modelo norte-americano é inspirador. É diferente, porque lá as equipes são desenvolvidas com os próprios alunos. Mas há semelhanças, e tem dado muito certo. É um projeto novo e já gerou grande movimento internamente aqui na UFJF. Em 2008 começamos de maneira pequena, somente com o voleibol. Hoje a Universidade já tem mais duas equipes competindo em âmbitos regional, estadual e nacional – o atletismo e o futebol. Isso é fruto de as pessoas olharem o time de vôlei e acreditarem que é possível. Outra característica do modelo é a associação da geração do conhecimento com a pesquisa. Gerar banco de dados constante e longitudinal é muito difícil fora do seu ambiente de trabalho. Aqui a gente tem essa liberdade. Quando o aluno tem interesse, pode direcionar sua pesquisa. Temos um envolvimento muito grande com a graduação e a pós-graduação, o que facilita o nosso desenvolvimento. Também temos as visitas aos colégios e das crianças aos treinos e jogos do time, que mesclam extensão, ensino e a parte social do projeto. É uma iniciativa muito legal, principalmente para os jogadores. Já visitamos mais de 40 escolas, com um total de cerca de 5 mil crianças e adolescentes. Eles se comovem com uma realidade que está muito longe daquilo que a gente deseja. A gente costuma doar uma bola, o que para eles é uma coisa de outro mundo. Ficamos alegres por proporcionar alguma coisa diferente, mas tristes porque é uma realidade que está muito abaixo do que se gostaria para o esporte brasileiro.

*Como funcionam as categorias de base?*

A base é uma parte importante do projeto. Em termos de espaço, tínhamos dificuldade em fazê-la aqui dentro da UFJF. Surgiu a ideia, juntamente com a direção do Bom Pastor, clube tradicional na cidade e que tem o vôlei na veia, de fazer a base lá. Começamos do zero, em 2011, com meninos que não sabiam jogar voleibol, e hoje temos equipe de 3 a 4 categorias. Nosso objetivo é sempre a formação do atleta, mas já colocamos o Felipe Roque, atleta da categoria infanto-juvenil, sub-18, na Seleção Brasileira. Infelizmente ele acabou acertando com o Minas Tênis Clube. Tivemos também 3 jogadores na Seleção Mineira da mesma categoria, no ano passado. E as coisas vão andando. Queremos crescer e solidificar ainda mais a nossa base.

*Como se mostrou o apoio institucional desde o início do projeto?*

O apoio sempre existiu, mas se mostrou diferente durante as fases de desenvolvimento do projeto. Na primeira fase, de 2008 a 2011, nos deram o apoio estrutural, possibilitando que o desenvolvêssemos, sem problema, aqui dentro da Faculdade. Além de alguns outros apoios necessários, como material e algumas viagens viabilizadas pela faculdade. A professora Edna, diretora naquela época, nunca criou nenhum tipo de empecilho. Em um segundo momento, depois de 4 anos, começamos a busca por recursos. Foi quando entramos na Superliga e bolamos a montagem de um grande laboratório esportivo, que se assemelha aos laboratórios de genética, de engenharia, à rádio universitária e ao hospital universitário. Naquele momento, tivemos um apoio institucional que possibilitou o crescimento que alcançamos de 2011 a 2015. Fale um pouco sobre a evolução do time em competições, desde o início, passando pela antiga Liga Nacional até chegar ao ano passado, quando conseguiu a melhor campanha na Superliga. Eu enxergo muito claramente que a gente evoluiu ano após ano. Em 2008, como comentei, participamos dos Jogos do Interior de Minas Gerais. Não conseguimos entrar na primeira divisão, mas fomos campeões da segunda. Vencemos a final contra a equipe da casa, Ipatinga, por 3x0. Foi um grande avanço para o primeiro ano, porque o time já entraria em 2009 na divisão principal. No Campeonato Mineiro fomos eliminados com duas derrotas, ambas por 3x0, para o então Sada Betim e para o Olímpico, de BH. Em 2009 demos dois passos importantes. Primeiro, fomos vice-campeões gerais dos Jogos do Interior Minas Gerais, um resultado inesperado, pois Juiz de Fora já não disputava a final havia mais de 20 anos. Perdemos a final para Uberlândia, que realmente tinha um time melhor que o nosso. Depois, jogamos a Liga Nacional e ficamos em último lugar na fase classificatória. Eram 5 equipes. Mas foi a primeira vez que aparecemos na mídia

nacional, ao vencermos o Lupo Araraquara, uma equipe montada para a Superliga que estava jogando a segunda divisão. E jogamos de igual para igual com todo mundo, poderíamos até ter conseguido a classificação. Era uma equipe formada nas últimas horas, sem muito tempo de treinamento. Quando não se treina muito, você fica sujeito a oscilações naturais. A Liga Nacional tinha uma fase preliminar de classificação para a região sudeste. Então, para se classificar para a fase final, a equipe tinha que passar pelos times do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, e, por vezes, por algum do Espírito Santo. 2010 foi um ano, no geral, sem grandes resultados. Caímos para o quarto lugar nos jogos de Minas, o que foi extremamente duro, porque queríamos brigar pelo título. No Mineiro, não nos classificamos para a fase final. Mas, no final do ano, disputamos o Campeonato Carioca, que foi nossa melhor competição. Vencemos o Botafogo na semifinal e perdemos para o time de Volta Redonda, que era de Superliga. A gente fez uma parceria e jogou por Niterói, mas como UFJF. E na Liga Nacional teve um fato espetacular. Foi a primeira vez que trouxemos uma competição nacional para ser disputada em casa. Eram 3 partidas. Ganhamos de São José dos Campos, que vinha com um projeto próximo ao nosso. Perdemos para Uberlândia por 3x2. Entramos para jogar contra Niterói, que era formada pelos jogadores de Volta Redonda, precisando ganhar. Um fato curioso é que o Alessandro Fadul, hoje nosso treinador, era o auxiliar técnico do time. Ele era o técnico de Volta Redonda, mas o auxiliar desse time de Niterói. Era o time completo deles, e precisávamos ganhar de 3x0 ou 3x1, o que era praticamente impossível. Saímos atrás, viramos o jogo para 2x1 e chegamos a liderar por 22x19 no quarto set. Mas tomamos a virada e perdemos o set por 25x23. Foi uma cena espetacular: todo mundo chorando depois do jogo. Então nesse ano já teve mais um passo, o de brigar pela classificação. 2011 foi um ano sensacional. Até a fase final da Superliga B, nós montamos uma equipe que venceu todo mundo do nosso nível. Foi um ano em que jogamos, antes da Liga Nacional, nove competições, vencemos cinco e fomos vice-campeões de quatro. Nove finais de torneios. Fizemos uma excursão e jogamos com os times de São Paulo, que ainda não eram da primeira divisão, mas hoje estão lá. Tivemos oportunidade de enfrentar todo mundo. Jogamos com os times Cariocas na Copa Rio, em que fomos vice-campeões, derrotados por Volta Redonda. Jogamos contra as seleções juvenis brasileira, argentina, russa e japonesa. A gente sentia o time muito encorpado para a Liga Nacional. Na fase preliminar, ganhamos do juvenil do Minas, perdemos para Uberlândia e entramos na última partida precisando ganhar de Atibaia, time semifinalista do Campeonato Paulista, por 3x0 ou 3x1. E foi um jogo espetacular, que eu classifico como um dos melhores da história da nossa equipe. Uma mobilização psicofísica admirável dos atletas. Não fiz nenhuma substituição no jogo. O

último set foi 26x24 e terminou com um ace do Brasília e a classificação, pela primeira vez, para a fase final. No intervalo entre as duas fases, tivemos duas partidas pelo Campeonato Mineiro aqui em Juiz de Fora, contra Minas Tênis Clube e Cruzeiro, que marcamos pensando no treinamento para a fase final da Liga. Foram duas partidas muito apertadas. Perdemos de 3x1 para o Minas com 27x25 no último set e de 3x2 para o Cruzeiro, resultado que só fomos conseguir novamente no ano passado. O time estava certinho, montadinho: um ótimo time para a segunda divisão. Mas a CBV adiou a competição por 2 ou 3 semanas, pois ocorreu mudança de sede de Caldas Novas para Saquarema. Nestas três semanas a gente tinha cinco atletas com contrato já assinado com equipes europeias. E a gente perdeu todo mundo. Conseguimos fazer alguns ajustes, mas fomos para Saquarema praticamente sem reservas, com um total de 8 jogadores e mais 4 juvenis, que compunham o elenco, mas não estavam no mesmo nível. Fomos para Saquarema e ganhamos 3 partidas da fase classificatória, de São José, Manaus e Upis de Brasília, ficando em primeiro da chave. Cruzamos com o Funvic Pindamonhangaba, que hoje é Taubaté, numa semifinal que decidia a vaga para a Superliga. Não estávamos jogando bem. Perdemos o primeiro set e quase também o segundo, mas conseguimos virar para 3x1. Perdemos a final para Blumenau, mas ali o time já estava classificado para a Superliga. Foi a primeira vez que a cidade acreditou que existia um time de vôlei, porque a final passou na SporTV, num sábado pela manhã. E aí, depois de tudo, eu estava tranquilo. Dei por cumprida a minha tarefa. Era impossível, individualmente, eu me esforçar mais do que aquilo. Foi quando os professores Henrique Duque e Alexandre Zanini bateram na mesa e decidiram que o projeto acadêmico podia ser levado à Superliga, para que se estudasse a alta performance. E assim aconteceu, com um sufoco muito grande. No primeiro ano de Superliga, na temporada 2011/12, tivemos 4 vitórias. O time foi montado em outubro, em cima da hora. Chegamos a ficar em oitavo lugar. Se os jogadores tivessem um pouco mais de confiança, brigaríamos um pouco acima na tabela. Tivemos alguns problemas durante o percurso, mas um bom início. Ganhamos de Volta Redonda e de São Bernardo e perdemos de Montes Claros lá, depois de abrimos 2x0. Fizemos 14 pontos na competição, ficamos em 11º e não fomos rebaixados, que era o objetivo. Por 2012/13, segunda temporada de Superliga, guardo muito carinho e lamentação. Fizemos 16 pontos e continuamos na 11ª posição, mas vencemos apenas 3 partidas. Foi dramático: jogamos 9 tie-breaks e perdemos 8 deles. Nós nunca pontuamos em tantas partidas quanto naquele ano. Pontuamos em 11 partidas. Jogamos de igual para igual com todos. Era um time jovem. Terminamos o campeonato jogando com um time sub-23. Cinco jogadores foram convocados para a seleção sub-23. O time era bom, mas não tinha experiência. O resultado final foi abaixo do que

poderia ter sido. Para 2013/14 a base desse time jovem permaneceu. Ficou praticamente todo mundo que a gente queria que ficasse. Mas demoramos a engrenar. Não fizemos um bom Campeonato Mineiro e tivemos um início de Superliga muito ruim, mas um final espetacular. Conseguimos 25 pontos e ficamos com a 9ª posição, brigado até o final. Por último, a temporada passada, 2014/15, que foi nosso ano de melhor rendimento. Fizemos 26 pontos e ficamos no nono lugar novamente, disputando a vaga para os playoffs até a última rodada. Mas tivemos a sensação de que poderíamos ter ido bem melhor, porque tivemos um início com muitos altos e baixos. Ficamos em sexto lugar na Copa Brasil, na nossa primeira participação. E fomos eliminados em um jogo espetacular, em que quase vencemos o Sada Cruzeiro, o que mudaria a história da equipe. 3x2 com 16x14 no quinto set. Faltou muito pouco. E fizemos uma excursão para a Argentina, a primeira internacional do time. Foi grande a minha emoção pessoal de poder ver a equipe ser convidada para jogar no exterior, sendo tratada no mais alto nível. A gente já tinha jogado com os times argentinos aqui, mas ter ido para lá foi uma loucura. Não tinha como comprarmos as passagens. Fiz uma cotação e paguei com o meu cartão! Pensei: “morro, mas morro levando o time para lá! ”. Estar lá marcou muito todos nós. A linha de evolução é muito clara. Conseguimos aprimorar os sistemas de treinamento, de avaliação, de escolha de jogadores. O jogador hoje já quer vir jogar aqui. Antes não queria, era a última opção.

*Como você enxerga a relação de Juiz de Fora, no passado, ao longo de todo o processo de crescimento do projeto e hoje, com o voleibol e com o Vôlei UFJF?*

Para ser sincero, não vejo Juiz de Fora como uma cidade extremamente envolvida com o esporte. Posso estar errado, mas vamos pegar como exemplo esse último evento que tivemos, um jogo de uma equipe de amigos do Zico. O público? Normal. 4600 pessoas para ver o Zico jogar é muito pouco. Não tenho um diagnóstico em relação ao esporte, mas acho que Juiz de Fora não está habituada ao esporte de alto rendimento. O que é normal, porque historicamente tivemos muito pouca coisa. Tivemos alguns atletas individuais, que não aparecem muito e acabam não gerando impacto tão grande, infelizmente. Mas em relação ao esporte coletivo de alto rendimento, quando tivemos uma equipe daqui jogando a primeira divisão de um esporte durante vários anos? Nunca. É uma identidade que é construída aos poucos. Você vê o interior de São Paulo com o basquete, por exemplo. Tem que ser construído passo a passo. É difícil. Juiz de Fora gosta de vôlei, mas acho que quem gostava mais era a geração dos anos 80. Atualmente não é assim. Fizemos vários jogos aqui com portões abertos e entrada franca. Jogamos nesse esquema contra o UPCN, campeão sul-



americano, por exemplo. O público foi irrisório. Nos anos 80 não caberia no nosso ginásio. A geração juiz-forana que viveu os anos 70, e eu me incluo como jovem nela, é mais contaminada positivamente com o voleibol. Houve uma decadência muito grande nos anos 80, 90 e 2000. A geração que nasceu a partir dali, que é a massa crítica hoje, não viveu isso. Juiz de Fora gosta de vôlei, mas não é aquela coisa fanática ainda. Isso vai levar tempo para construir. Em relação ao Vôlei UFJF, tivemos um público legal no início, mas formado, em sua maioria, por parentes e alguns apaixonados por vôlei. Na Superliga, vejo dois momentos. Um primeiro de novidade completa, quando as pessoas vinham, na verdade, para ver os outros times. Para ver o Dante, o Sesi com o Giovane, o Cruzeiro. A gente não ganhava, mas confrontava. Depois aquilo caiu um pouco e ficamos na mesma dependência de resultados que o Tupi tem. Quando estamos bem, o público comparece. Quando estamos mal, só vem o público fiel, que gosta, que participa, que vai, mas não é muito numeroso ainda. A nossa cultura é muito de resultados. Para o brasileiro, ser oitavo lugar não é nada. Para a gente é muito, é um título olímpico. É uma relação natural que eu vejo. Eu lembro de o meu pai me tirar da aula, às 10h30, para me levar para ver jogo de base. Isso é impensável hoje. Quem vai ver jogo de base? Ninguém. A juventude é outra, as coisas a se fazer são outras. Antigamente não tinha shopping, computador, internet. O esporte era um lazer de alto padrão. Mas, volto a dizer, tudo é resultado. A gente teve respostas legais em momentos esportivamente dramáticos. O público veio e nos incentivou. Mas são mais aqueles 200, 300 fiéis, que sempre vêm. Não vejo o Vôlei UFJF como uma paixão da cidade. Vejo muitas pessoas respeitando o trabalho, admirando. Mas paixão ainda não. É preciso haver uma coisa fora do comum para transformar isso, que talvez a gente não consiga em curto prazo. "Ah, ganhou um título da Superliga!". Talvez isso transforme. Mas para chegar leva tempo e recursos, não depende só de conhecimento e capacidade técnica. O suporte cresceu. A gente já mexe mais com as pessoas e já tem um público construído. Mas o suporte de apoio à subsistência do projeto não cresceu nada. Isso não mudou nada. Hoje não vejo Juiz de Fora sustentando esse tipo de projeto. Por isso estamos buscando parcerias externas, porque a equipe de Superliga pode até acabar, caso não tenha apoio. A gente pode manter a base, tentar jogar algumas competições. Mas não existem recursos que nos sustentem no alto padrão. A grande desculpa antes era a de esperar por resultados. Mas o resultado já apareceu. Não tem como a gente, hoje, fazer mais do que isso de maneira natural. Tem como ficar em oitavo, sétimo. Diferenças pequenas.

*E quanto à imprensa? Como evoluiu a cobertura ao longo desses anos?*

Cresceu a cobertura. Replicando o que acontece com a sociedade, eu acho que a imprensa ainda não entendeu muito bem a dimensão de uma Superliga. Sempre tivemos apoio e a minha relação com a imprensa é a melhor possível, nunca tivemos problemas. Mas acho que a coisa pode ser muito mais aprofundada do que é. Melhorou um pouco nos últimos anos, mas há coisas para serem exploradas que ainda não são. Acho que, em alguns momentos, a importância de um jogo ou resultado nosso é minimizada. Às vezes não, às vezes é dada a dimensão normal. Mas aí eu não sei o que se passa dentro da imprensa. Teve uma manchete da Tribuna quando a gente foi para um jogo decisivo com Maringá, no ano passado, que chamou a minha atenção. Ganhando ou perdendo, ainda poderíamos continuar com chances de classificação. E a manchete foi "A vitória ou o abismo". Abismo? Nós não vamos cair no abismo! Tudo bem. O mesmo jogo, tratado pela mídia especializada do voleibol, no caso o site Espaço do Vôlei, muito conceituado, teve a manchete "O jogo mais importante da rodada". Todo mundo queria saber como seria UFJF contra Maringá. Podia classificar Maringá, nos eliminar, nos deixar com a classificação na mão. E aqui foi considerado como um abismo. Mesmo sendo eliminados, o 9º lugar para mim não é abismo. A gente perdeu, mas não foi eliminado naquela partida. É só um exemplo. Se parar para pensar, posso dar vários. Às vezes se dá tanta importância a assuntos que, para a gente, não são tão importantes quanto a Superliga. Mas isso é questão de tempo também, como o público. Nisso aí o futebol atrapalha, mas a gente tem que conviver. Futebol não é esporte, é religião. Então ele acaba ocupando muito espaço. Acho que a gente poderia gerar muito mais notícias do que equipes de futebol do Rio, que já vemos em outros veículos de comunicação. O veículo da cidade pode dar mais espaço a questões da cidade. Teve alguns momentos que foram mais críticos. Parecia que tinha algo superior tentando bloquear as notícias boas daqui. Sempre minimizavam demais, tanto em termos de tamanho quanto em termos de manchete, as nossas notícias positivas. Não que maximizasse as negativas. Sempre que tinha alguma coisa boa, saía, mas de maneira muito sutil. Tive conversas com algumas figuras da nossa imprensa, para tentar entender aquilo. E melhorou um pouco. Algo que pode mudar, na minha visão, é que, quando há um jogo importante do Tupi, lemos notícias a respeito durante toda a semana. As pessoas reclamam comigo e com a nossa assessoria que às vezes não sabem os horários dos nossos jogos. E isso não é problema nosso. Acontece porque só se noticia no dia do jogo. Para jogos no sábado, várias vezes não saiu nada de terça a sexta. Então, se o cara não lê jornal no sábado, ele não fica sabendo. E tem muita gente que não tem acesso ao site ou à fan page, ou não tem o hábito de acessá-los. Tanto que você vê nosso último jogo da temporada passada.

Podíamos nos classificar ganhando, mas a chance era pequena porque dependíamos de combinação de resultados. A gente conseguiu veiculação de chamada de apoio durante toda a semana na TV, e muita gente diferente foi ao jogo. O clima no ginásio estava diferente, porque tinha gente nova, que veio para torcer e incentivar. Então a imprensa tem um papel importante nisso. Se saísse alguma coisinha segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado já ajudaria muito. A quantidade de reclamações que eu recebia, em determinado momento, era absurda. E eu pensava que aquilo não era possível, pois a assessoria mandava releases sobre tudo que acontecia. O Tupi é uma paixão da cidade, tem 103 anos, ok. Mas entendendo o patamar, a gente já vem gerando resultados interessantes que talvez mereçam mais espaço, em respeito à própria sociedade, que precisa ficar sabendo do que está acontecendo por aqui.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM GILZE FREITAS BARA – JORNALISTA E RESPONSÁVEL PELA ASSESSORIA DE IMPRENSA DO PROJETO VÔLEI UFJF

*Que tipos de serviços a assessoria de imprensa do Vôlei UFJF prestou na temporada 2014/2015?*

Como o próprio nome diz, praticamente nos limitamos a realizar um serviço de assessoria de imprensa, ou seja, focamos em divulgar o Vôlei UFJF para os veículos de comunicação, buscando a mídia espontânea e o consequente alcance do público por meio desses veículos. Para isso, montamos um *mailing* extenso, abrangente, no qual constavam veículos de comunicação de Juiz de Fora e de várias outras cidades do país. E não só veículos consagrados, mas também todo e qualquer canal de divulgação do esporte e do vôlei, como blogs, por exemplo. Abastecemos o site do Projeto Vôlei UFJF com matérias e fotos e, além disso, cuidamos de uma rede social do Vôlei UFJF (*fan page*), na qual fizemos uma comunicação direcionada para o público. E, eventualmente, também trabalhamos em outras frentes, organizando e participando de algumas promoções como treinos abertos, visitas em escolas, sorteio de brindes. A assessoria trabalhou em três torneios (Campeonato Mineiro, Superliga e Copa do Brasil) e em amistosos disputados durante a temporada.

*Como foi a rotina de trabalho da Assessoria de Imprensa do Vôlei UFJF na Superliga 2014/2015?*

Nós estabelecemos uma rotina de divulgação focada nos jogos disputados. Então, todas as vezes que havia jogos marcados, enviávamos release para a imprensa. Se o jogo era em Juiz de Fora, mandávamos o release três ou dois dias antes da partida. Se o jogo era em outra cidade, enviávamos um release quando a equipe seguia viagem e outro release dois dias antes da partida. E sempre, imediatamente após o jogo, enviávamos release com detalhes do jogo. Esta era a rotina básica. Sem contar com os contatos que fazíamos com a imprensa por telefone e pela internet e com as demandas que atendíamos. Nos jogos em Juiz de Fora, sempre recebíamos representantes da imprensa. Fazíamos o credenciamento dos profissionais que desejavam cobrir a partida e disponibilizávamos uma área específica para eles – área na qual sempre estávamos presentes para auxiliar no que fosse preciso. Só em relação à Superliga, foram produzidos 48 releases. E, claro, sempre que necessário, também enviávamos outros tipos de releases, comunicando algum acontecimento ou fato específico.

*Como foi o retorno da imprensa em relação aos materiais divulgados pela assessoria?*

A imprensa, de forma geral, costumava divulgar as notícias. A imprensa específica (os veículos voltados para o esporte) divulgava mais, fazia uma cobertura maior. Já nos grandes veículos as informações sobre o Vôlei UFJF eram mais diluídas, claro. Alguns noticiavam com certa frequência, ainda que, muitas vezes, as notícias não passassem de notas. E alguns veículos de Juiz de Fora sequer divulgavam os jogos. Sinceramente, às vezes era difícil compreender como não havia espaço para divulgar uma equipe que estava representando a cidade na Superliga de Vôlei – um dos campeonatos nacionais de vôlei mais disputados do mundo e equivalente à Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol. Imagine! Imagine o Tupi, por exemplo, disputando o Brasileirão Série A? A divulgação seria massiva... Enquanto o Vôlei UFJF, apesar de ser a nona melhor equipe brasileira, não teve uma divulgação efetiva nem na imprensa juiz-forana.

*Por que você acha que isso acontece?*

Eu tenho a impressão que os editores dos grandes veículos de comunicação acham que o vôlei não interessa ao público. Mesmo o futebol sendo uma paixão nacional, há, sim, interesse pelo vôlei. O vôlei brasileiro é o melhor do mundo! O número de praticantes é imenso. O número de amantes do vôlei é imenso! Não é à toa que os ginásios do país estão sempre cheios nos jogos de vôlei. É uma pena que a imprensa não valorize isso.

*Fora os releases enviados por vocês, os veículos de comunicação costumavam apresentar demandas específicas?*

Algumas. Poucas. Mais os veículos esportivos mesmo, que de vez em quando perguntavam se havia algo diferente que pudesse virar matéria. Ou quando eles próprios pensavam em alguma pauta e nos pediam informações.

*Algum veículo de comunicação fez uma cobertura diária sobre o Vôlei UFJF?*

Não. Como disse anteriormente, alguns veículos especializados em esporte ou vôlei faziam uma cobertura maior, mas nunca diária. Não houve acompanhamento da rotina, do dia-a-dia dos jogadores e dos treinamentos.

*Em relação à Tribuna de Minas, como foi a cobertura feita por eles?*

Foi uma cobertura que praticamente se limitou a noticiar os jogos – antes e depois. Ou seja, em dia de jogo (eventualmente na véspera) era publicada uma matéria (geralmente pequena) a respeito. E, no dia seguinte, uma matéria com foto sobre o jogo. A Tribuna sempre enviou repórter e fotógrafo aos jogos realizados em Juiz de Fora. Mas as reportagens sobre os jogos sempre foram sucintas. Eles se limitavam a dar as informações gerais sobre a partida e sobre os sets. Não participavam nem das entrevistas coletivas ao final dos jogos. Algumas vezes, no início da Superliga, eu perguntei o motivo dessa não participação nas coletivas. E os repórteres me informaram que o espaço que tinham para noticiar o resultado era pequeno e que não caberia qualquer tipo de análise. Saindo desta cobertura dos jogos oficiais e amistosos realizados na temporada 2014/2015, a Tribuna noticiou alguns acontecimentos, como a formação do time, a realização de treino aberto e a mudança de técnico.

*Como avalia essa cobertura da Tribuna?*

Acho que poderia ter sido uma cobertura mais ampla. A Tribuna cobriu, sim, o Vôlei UFJF na temporada 2014/2015. Todos os jogos foram noticiados – ainda que, muitas vezes, com espaço bem limitado. Mas eu acho que havia pautas para que a cobertura fosse maior, que se ampliasse para além dos jogos propriamente ditos e de alguns outros acontecimentos. Caberia, sem dúvida, uma cobertura diária – ou quase diária –, que levasse para os leitores mais do dia-a-dia dos atletas e da equipe, que aproximasse mais o público dos jogadores, da Comissão Técnica e da própria UFJF, que fizesse jus a ter uma equipe de voleibol participando do principal torneio nacional e um dos melhores do mundo em relação ao nível da disputa.

*Você tem ideia do porquê de ser realizada uma cobertura assim?*

Eu imagino que seja por limitação de pessoal.

*Como você compara a cobertura feita pela Tribuna ao Vôlei UFJF e ao Tupi?*

É incomparável. A cobertura ao Tupi é muito maior, sem dúvida. Sobre o Tupi havia uma cobertura diária. Notícias relativas ao Tupi eram divulgadas diariamente. Os treinos eram acompanhados. Sem contar quando havia jogo. Aí, então, as reportagens eram mais amplas, abrangentes. E olha que, enquanto o Vôlei UFJF disputava a Superliga Nacional (competição na qual ficou em nono lugar), o Tupi só disputou o Campeonato Mineiro de Futebol (e ficou super mal colocado, diga-se de passagem). Eu entendo que o futebol é o primeiro esporte no

Brasil, que é uma paixão nacional. Mas o vôlei é o segundo esporte no nosso país e também já é uma paixão nacional! Claro que não no mesmo nível do futebol, mas é uma paixão sim!

*Poderia haver uma cobertura mais igualitária entre vôlei e futebol juiz-foranos na Tribuna de Minas?*

Sem dúvida! Não só na Tribuna, mas em todos os veículos de comunicação locais. Temos razões para isso. Juiz de Fora é uma cidade apaixonada por vôlei. Sempre teve tradição no voleibol. Sempre foi um celeiro de bons atletas de vôlei. Tivemos, há anos, no Sport, um time feminino que disputou, com sucesso, o campeonato nacional. O ginásio do Sport ficava lotado, com uma torcida apaixonada! E temos, agora, a nona melhor equipe de vôlei masculino do Brasil! Os moradores de Juiz de Fora já provaram e comprovaram que adoram vôlei. E a imprensa tem que pensar nisso, tem que investir nisso.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM WENDELL GUIDUCCI – JORNALISTA E  
EDITOR DE ESPORTES DO JORNAL TRIBUNA DE MINAS

*Como funciona a editoria de esportes da Tribuna?*

Tenho apenas um repórter para trabalhar. Temos duas páginas diárias e quatro nos finais de semana. Nos feriados, geralmente reduzimos o jornal, porque a leitura costuma ser mais fraca. Temos os fotógrafos do jornal à disposição para quando precisarmos. A cobertura do Tupi é diária, a não ser quando tem alguma outra coisa que exija mais atenção. Como temos um só repórter, temos que dividir. Eventualmente, quando há demanda, posso usar um repórter de outra editoria. Não foi sempre assim, já tive dois, mas, com o enxugamento da redação, já há alguns bons anos trabalhamos nós dois. Temos à disposição toda a estrutura aqui do jornal, além de carro para transporte e equipamento fotográfico. Às vezes usamos coisas nossas, como notebook para escrever matérias durante os jogos. O jornal também disponibiliza alguns notebooks, além de smartphones, que usamos principalmente para mandar fotos para cá. Então a gente trabalha com estrutura bastante razoável para o que a gente precisa e tem dado conta. Apenas a questão do mobile, que é mais recente, poderia ser melhor; mas não tem atrapalhado a cobertura.

*Além do Tupi, algum outro esporte em Juiz de Fora tem rotina de cobertura?*

Não. O esporte tem uma divisão muito clara. O futebol sempre tem uma cobertura maior, não só aqui na Tribuna, mas em qualquer outro lugar. Porque o interesse do público é maior. Uma vez participei de um seminário com outros órgãos de imprensa. Tinha pessoal da ESPN, da Band, da Globo... O Paulo Vinícius Coelho falou algo muito interessante, que eu não imaginava. Pode ter mudado, porque tem bastante tempo – foi na época do Pan-Americano do Rio de Janeiro. Ele falou que a segunda audiência da ESPN, que todos achávamos que fosse o vôlei, era na verdade o futsal. Um esporte que eu, particularmente, acho muito sem graça. Era o futsal, por ser um braço do futebol. Fiquei surpreso. A primeira é o futebol, não tem nem conversa. Isso em qualquer lugar do Brasil. Então ele tem essa cobertura maior, mais especificamente para o futebol local. O Tupi, de alguns anos para cá, tem conseguido fazer calendários cheios; disputa o Campeonato Mineiro, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série C. Então fazemos cobertura diária durante o ano todo, mesmo trabalhando com um repórter só. E a gente tem, há alguns anos, o Vôlei UFJF disputando Superliga. O Vôlei passa um período do ano sem ter eventos, como este que estamos vivendo agora, em que a cobertura é de bastidores. Nossa rotina é ligar para os caras e saber se o time



está sendo montado, se tem jogador chegando ou saindo. Você não precisa estar lá, presencialmente, para cobrir. Quando o grupo está montado, a gente passa a ter uma cobertura mais agressiva em cima do time. Há jogos uma ou duas vezes por semana, e a gente acompanha. Também acompanhamos o Mineiro, não só a Superliga. Cobrimos um treino, geralmente na véspera de um jogo, ou quando tem apresentação de jogador. É uma cobertura pontual que segue o que está acontecendo. No jornal ela é quase diária. Mas a cobertura *in loco* não. Vamos supor, por exemplo, que haja dez dias entre um jogo e outro. Sair notícia neste período vai depender muito do espaço que eu tenho no jornal. Então nem sempre a gente vai ter cobertura, porque nem sempre vai ter alguma coisa de interesse. Temos geralmente a cobertura certa no dia do jogo e no dia posterior do jogo. Se colocarmos numa semana, são quatro dias, enquanto o Tupi, em 99% dos casos, tem notícias todo dia. Mas é porque o futebol é mais interessante para o leitor do que o voleibol. A gente não fazia cobertura de Superliga e continua não fazendo da feminina, porque não temos representante da cidade. Como temos o Vôlei UFJF nos representando e o leitor está interessado na participação, a gente tenta fazer a cobertura diária, dentro das nossas limitações, pessoais e de páginas. Às vezes perdemos espaço para um anúncio. Às vezes preciso destacar um evento que não é ligado ao vôlei e nem ao futebol e a notícia do Vôlei não é suficientemente interessante naquele dia. Entramos no dilema: "o que vamos dar?". Aí a gente divide. Mas se tem evento, se tem jogo, a cobertura é garantida. A mesma coisa vale para o Tupi. Às vezes matéria de lá cai porque tenho uma situação como essas que eu citei. A participação de atletas locais em competições sempre é menos interessante para o leitor do que o Tupi ou o Vôlei UFJF. A não ser que seja uma coisa muito relevante, como um título brasileiro ou mundial, esses atletas vão sempre perder em relação ao interesse do leitor.

*Como é feita a distinção entre matérias locais, estaduais e nacionais?*

A gente tem uma única coisa que é mais um menos engessada por aqui. Amanhã, quarta-feira, não teremos Flamengo, Fluminense, Cruzeiro e Atlético-MG. Estamos só com página, e não tem espaço para isso. O leitor da Tribuna reclama muito quando não sai matéria de Cruzeiro, Atlético, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco. Então a gente tem um espaço mais ou menos consagrado para esses seis. Enxergamos a cobrança desde uma pesquisa que fizemos há bastante tempo. Quando assumi, nem sempre a gente dava Cruzeiro e Atlético, mas cobrança existia. Então passamos a garantir espaço para eles no jornal. Além do futebol nacional, a gente divulga eventos esporádicos mundiais, como uma final de Champions League, por exemplo. O resto depende muito. A gente não fica aqui, por exemplo,

para cobrir o NBB porque termina muito tarde. Para o futebol a gente fica. Hoje tem jogo da Série B, e eu vou ficar aqui até meia-noite para poder dar o resultado de Botafogo e Oeste. Para você ver o peso muito maior que o futebol tem. O espaço local depende muito de agenda. Porque a gente não vai fazer uma cobertura diária do projeto de atletismo da UFJF. Jornal nenhum faz cobertura diária de projeto de atletismo. O interesse do leitor por esse tipo de modalidade é muito pequeno e pontual. A nossa cobertura local é dada em cima mais de reportagens especiais sobre determinadas modalidades. Neste final de semana, vai ter sobre escalada. E depois *cross-fit*. São coisas muito pontuais e segmentadas para se ter cobertura ampla. Então vamos quando há evento ou para fazer um especial sobre aquilo. Estamos planejando agora, por exemplo, uma matéria sobre as categorias de futebol sub-20 de Juiz de Fora. Temos os casos de Uberabinha, UFJF e mais alguns outros. Então temos uma pauta sobre isso. A mesma coisa vale para *mountain bike*, karatê, judô, natação, triatlo... A gente fica em cima do factual. E muitas vezes dependemos de o próprio atleta ligar para cá e falar "gente, vou competir em tal lugar". Esse final de semana a gente perdeu a cobertura de um evento de fisiculturismo que ocorreu aqui perto simplesmente porque não ficou sabendo. Às vezes o atleta não tem uma assessoria de imprensa para ligar, para avisar. O Bernardo Kalil, por exemplo, que está nos Estados Unidos. A gente consegue acompanhá-lo porque ele tem um Facebook muito ativo e sempre fala quando vai competir. A gente monitora os atletas, tenta acompanhar. Mas o Bernardo é um cara da elite, é tetracampeão mundial de jiu-jitsu. É mais fácil de acompanhar. A Larissa Martins, nadadora do Pinheiros, de seleção brasileira, a gente consegue acompanhar. Mas se um cara de Juiz de Fora vai para uma competição amadora, é difícil ficarmos sabendo. Então muitas vezes chega reclamação: "ah, a Tribuna não dá nada!". A gente pede para o atleta avisar, ligar, para poder dar matéria. Mas a gente não vai fazer uma cobertura diária do trabalho dele, a gente fica em cima de resultado. A não ser para o Vôlei UFJF e para o Tupi, que têm um calendário importante de competições.

*Você citou uma pesquisa que o jornal fez. Existe alguma que defina quais são os assuntos esportivos de maior interesse para o leitor da Tribuna?*

Eu ainda não trabalhava aqui quando a pesquisa que citei foi feita. Não existe outra. A nossa medição hoje não é feita com pesquisas, mas com feedback de redes sociais e e-mail, além de comentários sobre as matérias do site. Sentimos a demanda a partir de críticas de leitores. Eles criticam mesmo. Isso ajuda a gente a pesar os assuntos. Os comentários são muito maiores em relação ao que tem mais vulto: o futebol e, de cinco, seis anos para cá, o

vôlei. Você descobre o torcedor de vôlei quando tem Superliga. Fora isso, você recebe muito pouco interesse de leitor, a não ser quando está acontecendo alguma coisa especial.

*Qual importância a editoria dá para o Vôlei UFJF?*

O primeiro lugar em importância para a editoria é o Tupi. O segundo é o Vôlei UFJF. E depois vem o futebol de novo, com os clubes de Minas e do Rio. Temos isso muito bem definido. Uma coisa tem que ficar clara: um jogo importante de Superliga e um amistoso do Tupi não têm o mesmo peso. O amistoso não vai ser manchete, numa situação dessas. Quando temos duas páginas e as duas coisas simultâneas, como um jogo de Superliga e um jogo do Tupi num sábado, eu tenho a possibilidade de ter duas manchetes. Mas, se pesar, fatalmente o futebol vai ter mais peso e consequente espaço do que o vôlei na hora de tomarmos as decisões. Tudo é analisado na hora, no momento. A UFJF pode estar num momento mais importante de um campeonato e o Tupi eliminado, aí não vai ter o mesmo peso. Quando temos a possibilidade de cobrir os dois e temos a capa, por exemplo, o que vai ter mais relevância geralmente é a vitória. Para o esporte, isso é uma coisa diferente de qualquer outra editoria. As desgraças, para as outras, de uma forma geral, vendem mais que as coisas boas. No esporte é o contrário, a coisa boa vende melhor. Então, quando temos uma derrota e uma vitória, esta ocupa geralmente um espaço maior. Quando todo mundo perde, é péssimo fazer chamada, muito ruim. Porque o leitor quer ler a coisa boa. A não ser que seja um 7x1! Aí é uma coisa retumbante! Uma hecatombe, o apocalipse; um caso muito específico. O leitor não quer ler derrota. Quando o seu time perde, você não compra jornal, não assiste mesa redonda e não fica ouvindo rádio. Você não quer saber de nada. Como o esporte trabalha com paixão, jogamos para cima. Quando ganha, é para cima. Quando perde, você tenta ignorar que perdeu ou então faz aquela coisa mais anódina possível. Voltando à questão do futebol e do vôlei, há essa hierarquia por conta da questão do interesse do leitor por um e pelo outro.

*Estruturalmente, você está satisfeito com a cobertura do Vôlei UFJF? O que mudaria?*

Eu gostaria que tivesse mais iluminação e wi-fi melhor no ginásio [ri]. Ali no ginásio tem um problema: um "buraco" onde não funciona telefone e internet móvel. Às vezes preciso falar com o repórter lá e não consigo. Mas a gente não deixa e não vai deixar nunca de cobrir o Vôlei UFJF por conta disso. Demora mais para sair a matéria, mas sai. O torcedor de Juiz de Fora, durante campeonato, tem interesse, quer saber. A Tribuna, alguns anos atrás, nem pensava em ir cobrir jogo de vôlei às 20h. Hoje é diferente. Pode começar às 21h30, que a

gente vai estar lá. Porque tem interesse do leitor. O interesse foi criado pela entrada da UFJF na Superliga e pela campanha que tem feito para manter-se ali. O fato de termos apenas um repórter atrapalha quando temos coisas simultâneas, como um treino para jogo da UFJF e um treino do Tupi no mesmo horário. Aí “me quebra”, tenho um problema de estrutura. Não posso pedir dois fotógrafos. Tenho que pensar: "será que eu tenho uma foto da UFJF ou do Tupi no arquivo que eu possa usar?". Vamos supor que tenha treino dos dois numa sexta-feira, ambos para jogos no sábado. Tenho que sacrificar um ou outro. E não necessariamente eu sacrifico o Vôlei, vai depender do momento e do arquivo. Isso é muito coisa da hora.

*Queria mais espaço ou mais um repórter?*

Acho que não precisamos de uma página a mais. Queria é não ter que perder espaço para anúncios. Hoje eu estou deixando de dar várias coisas por isso. Estou deixando de fazer uma matéria sobre o gramado do Estádio Municipal porque não tenho espaço. Para amanhã tenho jogo do Botafogo, estreia da seleção de futebol feminina, amistoso do Brasil e anúncio de jogador no Tupi. Não posso falar nada sobre a comissão de esportes da câmara, porque não tenho espaço. Fico tranquilo com duas páginas, para o que a gente tem de esporte local hoje em Juiz de Fora. Em tempo de Superliga e de Tupi jogando, fica tranquilo. Porque eu trabalho em uma página o local e, eventualmente, algumas outras modalidades nacionais, e a outra página fica para o futebol nacional. Agora, para fazer a cobertura do esporte local, às vezes eu preciso de mais um repórter. Eu peço aqui e consigo, mas às vezes poderia dar uma atenção maior a certos acontecimentos. A Tribuna deu uma enxugada. Quando preciso de outro repórter, setorizo. Tenho, por exemplo, a Juliana Netto, que gosta e entende muito de vôlei. Ela fez uma matéria agora sobre um jogador que foi revelado aqui na UFJF e está na Espanha, foi campeão espanhol. Eu não poderia deixar de dar, então passei para ela. Para coisas menores, às vezes, em vez de fazer uma matéria de 15cm, faço uma notinha de 5cm para não deixar de dar. Tenho a colaboração da chefe de reportagem, que me cede gente quando eu preciso. Claro, se eu tivesse dois repórteres fixos, não precisaria pedir e faria uma cobertura mais ampla no dia-a-dia. Chegou uma época em que tínhamos futebol, vôlei e handebol na elite. O handebol da ADJF disputando a Copa Brasil, a UFJF disputando Superliga e o Tupi jogando Série C. Todo mundo na elite. Às vezes não dava para fazer uma cobertura melhor. É muito de época. Tenho conseguido fazer uma boa cobertura trabalhando com um só repórter, mas porque tenho ajuda quando preciso. Geralmente tem aquela coisa nas redações de pensar que Esporte é a ralé do jornal, para a qual ninguém dá atenção. Acontece com Cultura também. Mas aqui eu não posso reclamar: quando preciso e tenho uma boa pauta, me cedem

peessoas. Nunca aconteceu de ter que abrir mão do Tupi ou do Vôlei UFJF em função disso. Para coisas relevantes eu consigo. Mas gostaria de dar uma atenção maior a coisas menos relevantes que não posso com apenas um repórter. A gente cobre, mas de forma mais rasa.

*Além do “interesse do público”, vocês fazem uso de outros critérios de noticiabilidade para definir essa hierarquia entre o Tupi e o Vôlei UFJF?*

Deu muita polêmica quando uma repórter daqui foi dar uma palestra e citou o "jornalismo de incentivo". Talvez não seja um termo adequado, mas tem um conceito verdadeiro. Como o esporte, além de ser paixão, envolve inclusão social, saúde e outras coisas, às vezes noticiam-se coisas de muito pouco interesse. O que guia é o interesse. No sentido daquilo que é interessante porque o cara tem interesse em ler e daquilo que é interesse público porque diz respeito ao bem público, ou ao bem-estar público. Quando falo de interesse público falo das duas coisas ao mesmo tempo. Tem outro aspecto que é o de você noticiar outras iniciativas e eventos que sirvam para promover esse bem coletivo. A prática esportiva, por exemplo; uma peneira no futebol da UFJF, uma peneira na base do voleibol da UFJF com o Bom Pastor. Isso é mais publicidade do que jornalismo, quando se divulga só o evento. Quando é feita uma matéria sobre aquilo, sobre como está funcionando, é jornalismo. Mas às vezes o esporte, como a cultura, funciona um pouco como publicidade. E o que merece publicidade? É o moleque que vai ter uma chance de disputar, é um campeonato em que todos concorrem, pessoas que estão correndo e participando de atividade física.... Temos aquela máxima que diz que jornalismo é publicar o que não querem que seja publicado e todo o resto é publicidade. Há, para mim, uma quantidade de verdade muito grande aí. Pode soar radical, mas há. E o esporte trabalha muito com publicidade, porque você dá notícia de eventos esportivos, está dando publicidade a ele. E há uma série de fatores econômicos no entorno. Não é a coisa econômica que te faz fazer aquilo, é o interesse do público. Mas também tem esse viés. O cara que monta um time de vôlei ou de futebol quer que você divulgue o negócio dele. É um negócio, também. Pode ser a melhor das iniciativas, com a melhor das intenções, mas o cara quer a publicidade daquilo. Pros amadores fica muito complicado. O cara que vai correr tem sete patrocinadores. Poxa, coloca parênteses na matéria e divulga o patrocinador do cara! É importante para ele, para que ele possa competir! Time de vôlei acabou lá em Santa Catarina porque a Globo não divulgou o nome do time, que era o do patrocinador. Não se divulga o nome do estádio do Palmeiras, que só existe por causa do patrocinador. Então a cobertura jornalística está ligada à publicidade, de uma certa forma. Temos a Copa Bahamas, que é uma alegria danada e muitas pessoas acham que divulgamos

apenas porque o Bahamas “banca”. Não é, sairia de qualquer maneira! É um evento muito grande, que junta uma porção de gente na cidade. Quando você dá publicidade a essas coisas, está dando a vários valores que estão embutidos no esporte. O esporte tem isso. Então o interesse público é a primeira coisa, e também a questão de dar publicidade a determinados eventos e a todos os aspectos que estejam nele envolvidos. O projeto de atletismo da UFJF, que é gratuito e pega vários meninos que vêm de longe, é notícia. Tem várias iniciativas que não são de esporte de alto rendimento, mas que merecem ser noticiadas por esses fatores.